



Vindos de todo lado, os carpideiros estão invadindo as lavouras de soja, desde a safra de 80. É a enxada retornando à lavoura, pelas mãos dos que abandonaram suas terras e agora trabalham para os outros. Inicia a redução no uso dos venenos, e cresce o movimento migratório na zona do minifúndio.



E A ENXADA VOLTA À LAVOURA

- Página 14 -

**Trigo:
OS PEQUENOS
BUSCAM
OUTRA SAÍDA**

- Página 24 -

**Veneno
É PRECISO
SABER A HORA
DE APLICAR**

- Página 12 -



A LIDA DA VASSOURA

- Página 18 -

**Pecuária
DE ONDE VEM
ESTA CRISE ?**

- Página 7 -

**Milho
ESTOCAGEM
EM CASA TEM
SEGREDOS**

- Página 4 -

**Um caderno com
o Balanço**

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-Presidente:
Araldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina
Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	84.000 t
Dourados	60.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades,
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 18.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese
Moisés Mendes

Correspondente no MS:

Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Ao leitor

A capina é uma atividade tão antiga como a pró-
pria agricultura. Mas nos últimos anos, com os chama-
dos progressos da tecnologia, ela foi sendo trocada pe-
los produtos químicos de combate às ervas que atacam
a lavoura. Pois agora a capina está voltando às zonas da
soja no Estado, e com características bem diferentes da
época anterior ao surgimento dos herbicidas.

Foi principalmente a partir do ano passado que os
capinadores surgiram, invadindo as lavouras de soja. E
este ano, o número de pessoas dedicadas a esse serviço
aumentou mais ainda. Na grande maioria, elas fazem
parte das populações desempregadas das periferias das
cidades. São homens, crianças, mulheres, que conse-
guem ocupação durante alguns meses, e depois voltam
a conviver com muitas dificuldades, por falta de traba-
lho.

E todo esse pessoal nada mais são do que novos
grupos de migrantes, de ex-agricultores que tiveram de
abandonar suas terras e hoje perambulam sem ter mui-
to o que fazer. São os "primos pobres" do tal de estou-
ro da soja. E, levando isso em conta, é que se pode con-
cluir que a volta da capina deve ser analisada um pou-
co além dos simples fatores de ordem econômica, que
determinaram a redução no uso dos herbicidas. A capi-
na envolve hoje toda uma questão social, a velha ques-
tão da terra.

Os pecuaristas gaúchos, que andaram meio quie-
tos nos últimos tempos, resolveram sair desse silêncio.
Organizaram um movimento, para pedir maior atenção
das autoridades ao setor. O alarde foi bem grande, e
movimentou até os grandes criadores, com reclamações
que ainda não surtiram muito efeito. O governo já to-
mou algumas medidas, tentando atender as reivindica-
ções dos pecuaristas, mas o movimento continua. Se-
gundo os criadores, a pecuária gaúcha não precisa ago-
ra de soluções paliativas, de decisões que atendam ape-
nas problemas imediatos. Eles exigem uma mudança na
política para a pecuária. Só que essa mudança, de
acordo com o próprio Presidente da República, está

Do leitor

ASSINATURAS

Sendo professora normalista de Es-
cola Municipal Rural e morando com meu
pai, que é produtor rural, gostaria de soli-
citar uma assinatura do Cotrijornal, para
que eu possa aproveitar muitos artigos na
sala de aula, já que todos são filhos de
agricultores e necessitam de uma maior
motivação cooperativista.

Espero ser atendida e desde já mani-
festo os meus agradecimentos.

Luci Odete Sanzonowicz

Getúlio Vargas - RS

Casualmente, recebi um dia um
exemplar deste jornal, grande fonte de in-
formações, que relata as notícias de uma
Cooperativa.

O nosso Departamento Técnico, li-
gado à agropecuária, gostaria de receber
uma assinatura, considerando, portanto,
o jornal de suma importância, pois com o
mesmo, poderemos nos unir para enfren-
tar os problemas que se avizinham.

Atenciosamente

Cooperativa Agrícola Mista

Boavistense Ltda - Coobenvista

Bela Vista - Sarandi - RS

Sempre que vou a casa de minha
mãe, pego a sua coleção do Cotrijornal.
Pegando os exemplares mais atuais, noto
que só têm assuntos, tanto para o agricul-
tor como para o Técnico. Por isso, gosta-
ria de receber uma assinatura deste jornal.

Desde já, obrigado

Pedro Natal Nicoletti

Ijuí - RS

ABRINDO HORIZONTES

Sou assinante a um ano deste jornal
e no decorrer deste tempo, pude compro-
var a alta qualidade das publicações, de-
ixando o leitor com uma ampla visão da
realidade da agropecuária brasileira. Ao
mesmo tempo, está me abrindo horizon-
tes, pois sou estudante em agronomia, em
Santa Maria.

Atenciosamente

Mário Stuardi - Flores da Cunha

AGRICULTURA, UM SUB-SETOR

Os assuntos enfocados por este jor-
nal dão conhecimento precioso e claro
aos produtores rurais dos absurdos que
vem sendo editados pelas políticas agríco-
las, ditas "prioritárias" no atual modelo
econômico brasileiro, onde a agricultura
não passa de um sub-setor, arcando com
todos os ônus para pagar a dívida brasilei-
ra. Este jornal tem contribuído de forma
consciente mostrando ao produtor que é
preciso acordar e reivindicar seus direitos
a par das disparidades com os centros ur-
banos.

Leio o jornal com muita satisfação,
pois a clareza das matérias é impres-
sionante, digno de nota para o público a que
se destina.

Saudações cooperativistas

Eng. Agr.º Vicente Censi

Florianópolis - Santa Catarina

COICE DE PORCO

Esperamos continuar mantendo
nosso intercâmbio, muito embora nosso

difícil de acontecer, por causa das tentativas de comba-
te à inflação.

O pior é que não só os grandes pecuaristas estão
preocupados com isso. Na Região Pioneira da Cotrijuí,
onde a criação de gado foi incluída nos planos de diver-
sificação da produção, há quem já esteja bem assusta-
do. As dificuldades enfrentadas pelo setor vão implicar
em redução nos investimentos, e programas como o do
novilho precoce, não andarão tão depressa como antes.

Santo Antônio da Patrulha e Taquara são municí-
pios tradicionais no cultivo de sorgo vassoura. Por lá, o
pessoal tem alguma técnica, usa variedades diferentes e
de um jeito ou de outro, procura melhorar a qualidade
da palha, à medida em que escolhem variedades dife-
rentes para plantar. Nas páginas 18 e 19 nós mostramos
o trabalho de alguns agricultores de Ijuí, Ajuricaba e
Chiapetta, que andam às voltas com a lida da vassoura.
Só que para estes lados, o cultivo das vassouras é tão
insignificante que o pessoal não tem técnica alguma e
nem sabe que variedade usa. As lavouras são pequenas
e o pessoal que lida com vassoura, não planta mais do
que alguns quilos. O consumo, na maioria dos casos é
à nível de comunidade. O pessoal faz as vassouras e
vende para a Igreja e vizinhos.

Até assembléia geral do ano passado, o exercício
da Cotrijuí ia de 1º de março a 28 de fevereiro, isso
porque era baseado nas safras de trigo e da soja. Depois
houve a diversificação e entraram outros produtos de
igual importância, como a carne, a lã, o arroz, horti-
granjeiros, . . . e houve necessidade de se alterar esse
período. A modificação ficou decidida no ano passa-
do, durante a assembléia, quando foram alterados os
estatutos e definida nova data para o exercício, ou seja,
de 1º de janeiro a 31 de dezembro. Só que no ano que
passou, o exercício, e isso pode ser constatado no Ca-
derno de Balanço que acompanha a edição, ficou de
apenas de 10 meses, de 28 de fevereiro de 80 a 31 de
dezembro do mesmo ano.

Jornal seja do tamanho de um coice de
leitão, enquanto que o Cotrijornal tem o
comprimento de um coice de cachaço que
leva junto o mapa mundi. Mas, dentro de
nossa modesta colaboração, estamos fa-
zendo tudo o que está ao nosso alcance
no sentido de atender aos interesses do
nosso quadro social.

O Cotrijornal tem servido como óti-
ma fonte de pesquisa e esperamos que
continue sendo para o bem geral do povo
da roça. E olhem, recebam nossos cumpr-
mentos pela edição de janeiro. Esta que,
de melhor, não precisa.

Adroaldo Bombardelli
Cooperativa Agropecuária
Três Fronteiras Ltda.
Medianeira - Paraná.

COTA CAPITAL

Sou Tecnólogo em Cooperativismo
e trabalho no INCRA/MT, no Setor de
Cooperativismo, onde tenho aplicado al-
guns conhecimentos adquiridos neste jor-
nal.

Nesta oportunidade, quero cumpri-
mentá-los pelas matérias que têm sido pu-
blicadas pelo Cotrijornal, para esclareci-
mento dos associados da Cotrijuí e leito-
res em geral. Cito como exemplo, de
matéria, "Como é Corrigida a Cota-Capi-
tal".

Sem mais

Vandir Osmar Vaz Guimarães
Cuiabá - Mato Grosso

O PROTESTO DOS PECUARISTAS

"Ferve o sangue gaúcho"; "Nosso Parlamento é nas Coxilhas"; "O Rio Grande se levanta"; "Abaixo a agiotagem oficial"; "A hora chegou, Avante Gaúcho".

As frases, escritas em faixas e cartazes, e 1.500 produtores tomaram conta do salão de atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, numa tarde de final de janeiro. Menos de um ano depois do já histórico movimento do confisco, agora foi a vez dos pecuaristas da fronteira do Rio Grande se mobilizarem para contestar a política governamental para o setor primário.

Os chapéus de barbicacho, como muita gente fez questão de lembrar naquela tarde, não estavam mais na mão dos produtores. Estavam, com todo orgulho, na cabeça. "Já passou o tempo", dizia mais de um participante do encontro, "do gaúcho andar com o chapéu na mão reivindicando coisas. A situação hoje é de exigir".

A RAZÃO DO DESCONTENTAMENTO

O que teria levado os produtores da fronteira, especialmente, a se manifestarem de uma forma assim tão vigorosa? Uma série de medidas oficiais provocaram todo este descontentamento. Uma delas foi a autorização de importar, do Uruguai, ovinos para abate, assim como importar carne bovina. Tudo isto enquanto os pecuaristas encontram fechadas suas linhas de crédito e dificuldades na comercialização da produção. Seu protesto, porém, não se prendia apenas à situação da pecuária. Problemas enfrentados na agricultura, especialmente em relação ao arroz, envolveram também no manifesto muitos produtores.

A INTRANQUILIDADE

A situação do arroz pode ser resumida naquilo que disse Homero Pegas Guimarães, presidente da Federação das Cooperativas de Arroz:

— O produtor deve ter a tranquilidade de que seu produto será comprado por um preço que lhe assegure um não prejuízo face a uma comercialização adversa.

E este ano os produtores temem enfrentar sérios problemas de comercialização, já que recentemente foi autorizada pelo Governo a importação de 29 mil toneladas de produtos. Isto sem que a classe orizícola fosse consultada e às vésperas da colheita da safra, que promete ser extraordinária. Para Pegas Guimarães os problemas do arroz são muito semelhantes aos dos demais produtos agrícolas:

— Até então temos tido mais preços políticos do que uma política de preços.



Nas faixas e cartazes a contestação de toda uma classe

Segundo os dados da Fearroz o preço mínimo estabelecido para o produto que agora vai ser colhido, já apresenta uma defasagem de 56 por cento. Desde a época de sua fixação, em agosto do ano passado, até a época em que os produtores começarão a comercializar sua safra, o preço mínimo estará reduzido em quase 50 por cento.

À BEIRA DA FALÊNCIA

As razões do protesto, porém, não se devem apenas a problemas de comercialização. Os produtores se mostraram perplexos com as últimas instruções "que estão levando à falência todo o setor primário", como destacava um documento apresentado, em nome da Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul)

Mário Kreul Guimarães, vice-presidente da Fecotrigo (Federação Brasileira das Cooperativas de Trigo e Soja) foi quem falou sobre a questão de crédito. Segundo ele, a recente elevação dos juros do crédito rural para 45 por cento ao ano é ilegal. Isto porque existe uma lei, de número 4.829, do ano de 1965, que diz que "as taxas das operações, sob qualquer modalidade de crédito rural, serão inferiores em pelo menos um quarto às taxas adotadas para as operações bancárias de crédito mercantil". Kreul Guimarães foi quem afirmou:

— No momento em que o Conselho Monetário Nacional resolve retirar, abruptamente, uma série de benefícios que a agropecuária conquistou no decurso de quase 50 anos, eliminando os subsídios que vinham sendo concedidos aos fertilizantes e nivelando as taxas de juros de

determinadas operações típicas de crédito rural, às das operações mercantis, é conveniente que se tenha uma visão retrospectiva do problema, para que se possa demonstrar o paradoxo da atitude governamental. Ele retira, paulatinamente, todos os favorecimentos que lhe foram deferidos anteriormente, inclusive por via da legislação específica, impossibilitando esse desenvolvimento.

ENTRAR NA LUTA

O pecuarista Thomaz Vares Albornoz, que foi o relator do documento da comissão de Pecuária, chamava atenção para um aspecto considerado fundamental em todas mobilizações de produtores, tanto no caso do confisco, como no da suinocultura e agora neste movimento de pecuaristas: a participação na definição da política agropecuária. O documento dizia:

— Os problemas surgem e se avolumam de todos os lados. Nenhum brasileiro pode estar ausente desta luta. Alertado deve ser o governo que não tem as mínimas condições de enfrentá-la, estando apenas com os seus assessores imediatos. A classe rural quer entrar na luta com uma comissão específica, tendo participado do seu planejamento. Quer que lhe confiem o setor de produção primária e exija a sua atuação ativa.

"Para os pecuaristas", continuava a afirmar este documento, "a liberdade sem disciplina e obediência é anárquica. Por outro lado, a obediência cega, sem liberdade, é escravidão. Felizmente pertencemos a uma classe que não é anarquista e muito menos escrava. Por isso estamos aqui".

E a solução?

Um novo pacote. Foi essa a resposta do governo às reivindicações dos pecuaristas gaúchos. Nesse pacote, anunciado no dia 17 de fevereiro, depois de uma reunião dos ministros da área econômica, estão muitas medidas de emergência. E as medidas abrangem também a área da agricultura (veja na página 21), sem provocarem, no entanto, muita euforia.

Para os pecuaristas, pouca coisa mudou. Eles já andavam mesmo meio que desacreditando numa resposta positiva de Brasília. Começaram

a pensar assim desde a visita que o ministro da Agricultura realizou a Porto Alegre, uma semana depois da assembléia dos criadores. Amaury Stabile ouviu a Comissão de Representantes dos produtores, e nada prometeu.

Mas o ministro levou as informações a Brasília, e no dia 17 saiu o pacote. Só que as medidas anunciadas não foram suficientes para acalmar as lideranças envolvidas com a campanha pela revalorização da pecuária. O movimen-

to continua, pois os criadores entendem que o pacote só tem decisões de efeito muito curto.

O que eles querem é uma mudança geral na política do governo para a agropecuária, e isso, segundo o ministro Delfim Netto, não vai ser fácil de se conseguir. A explicação do ministro é esta: os produtores precisam entender que também devem ser sacrificados, no momento em que o governo tenta combater a inflação.

Boicote ao censo traz confusão

Entre as decisões tomadas na assembléia dos pecuaristas na tarde do dia 29 de janeiro, estava a de boicotar o censo agropecuário que atualmente está sendo realizado em todo País. Esta foi uma das muitas propostas apresentadas durante o encontro como forma de manifestar o desagrado dos produtores frente à atual política agrícola. Só que depois da assembléia a Farsul não incluiu esta proposta no documento onde eram expressas as reivindicações da classe.

Esta atitude da presidência da entidade, ocupada por Elton Butierres, foi muito criticada em todo interior do Estado. Toda atuação da diretoria da Farsul, por sinal, foi motivo de muita reclamação por parte de líderes sindicais. Ela chegou até mesmo a provocar a renúncia de um dos diretores da entidade, Pedro Monteiro Lopes (de Itaqui), que discordou da posição do presidente da Farsul de não apoiar o boicote ao censo agropecuário.

O presidente do Sindicato Rural de Cruz Alta, José Antônio Dias da Costa, foi um dos que não gostou da posição da presidência da Farsul:

— Na concentração as propostas aprovadas não foram contestadas. Agora, vem o presidente da Farsul se posicionar contra os interesses da classe, para neutralizar um movimento que nasceu com tanta espontaneidade.

Já o presidente do Sindicato Rural de Carazinho, Vali Albrecht, diz que a Farsul tem "se mantido a reboque dos movimentos deflagrados no meio rural, sem assumir, na prática, o comando da mobilização". Albrecht lembra que também no caso do movimento contra o confisco da soja, a Farsul tentou "esfriar" a mobilização:

— Vão botando compressas mortas enquanto o agricultor fica revoltado, cansado de ser ludibriado. Ou a Farsul muda o tranco ou os sindicatos mudam a diretoria.

A POSIÇÃO DO PRESIDENTE

Para Elton Butierres, porém, a Farsul não encampou a proposta de boicote ao censo "porque esta é uma medida ilegal". Segundo ele "a entidade está subordinada ao Ministério do Trabalho e não pode compactuar com uma ilegalidade, porque o movimento ficaria nulo". Butierres explica sua posição afirmando que a proposta de boicote, embora levantada durante a assembléia, não foi colocada em votação. Já os presidentes de sindicato lembram que a proposta não foi contestada, como aconteceu com uma série de outras colocações feitas durante a assembléia e, por isto, considerada automaticamente aprovada.

Butierres, porém, é ainda da opinião que o boicote só traria prejuízos aos agropecuaristas:

— Até às vésperas da assembléia haviam sido recenseadas 311 mil propriedades no Estado, mais da metade das propriedades existentes no Rio Grande do Sul.

Com isso, segundo ele, a própria classe ficaria com uma visão parcial da realidade do setor primário no Rio Grande do Sul.

SEGREDOS DA ESTOCAGEM EM CASA



Irio: guardando pro inverno

Onde armazenar a boa safra de milho deste ano? Muitos produtores, que andavam até que meio desacostumados com essa cultura, vêm fazendo essa indagação, pois a maioria pretende utilizar a atual safra para consumo na propriedade mesmo. Mas o certo é que formas bastante antigas de estocagem serão novamente utilizadas, junto com outras, surgidas há pouco tempo.

Entre as novidades surgidas já na safra anterior está o tal de silo subterrâneo. Consiste na abertura de um buraco, onde é colocado um tubo de material impermeável (parecido com um plástico). Nesse tubo é armazenado o milho, e depois de até seis meses o produto pode ser retirado, sem que até agora tenha mostrado problemas.

No Estado, a Emater vem se encarregando de divulgar esse sistema. Segundo o agrônomo João Roberto Silva da Silva, do escritório de Ijuí, os agricultores estão mesmo interessados em conhecer o silo subterrâneo. Só que por enquanto se sabe de apenas um produtor que utiliza essa forma de armazenagem, pelo menos em Ijuí. O João Roberto acredita que com mais cinco silos, que serão abertos como demonstração no município, o sistema será finalmente aprovado.

VAI PEGAR

O seu Nilton Rosa Gobbo, de Colônia Santo Antônio, em Ijuí, acha que o silo vai pegar mesmo. Ele e seu irmão, Ozório Gobbo, decidiram testar o sistema, no ano passado, com 40 sacas de grãos. O milho, colhido na época normal, foi ensilado em julho, e em janeiro último eles abriram o tubo. Não havia caruncho, e só entrou um pouco de umidade, porque o plástico foi perfurado por sabugos. Agora, os Gobbo já sabem que o sabugo não serve como cobertura, depois que o tubo é fe-



Rosalvo: o eucalipto ajuda

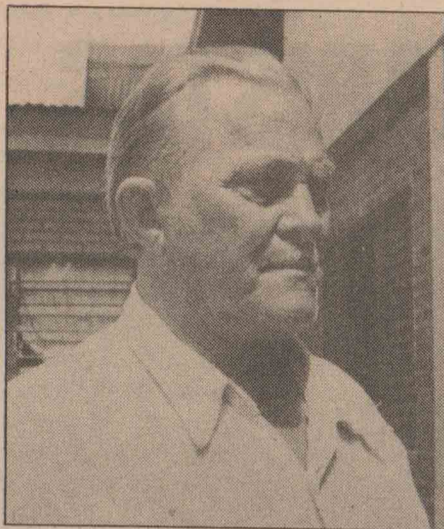
chado.

Nilton lembra que antes toda a produção era armazenada num galpão, mas os ratos e o caruncho faziam um grande estrago. Este ano, eles vão fazer três silos, e no próximo ano outros tantos. É que a lavoura de milho dos Gobbo vai passar dos 20 hectares atuais para 30 hectares na próxima safra. Num tubo, é possível armazenar até 70 quilos, e no ano passado esse impermeável custava em torno de Cr\$ 600,00.

MUITO SAL

Assim como os irmãos da Colônia Santo Antônio, que plantam milho para o consumo da criação de porcos, o seu José Charneski, de Sítio Carneiro, em Redentora, também vai estocar a safra deste ano em casa mesmo. Seu José vai colher uns 500 sacos, mas continuará usando um sistema bem antigo, ensilando o milho num galpão, onde esparrama muito sal. O milho é estocado com sabugo e palha e depois vai sendo retirado para debulha.

Há uns 18 anos, ele colheu 8 mil sacas e usou o mesmo sistema que vem uti-



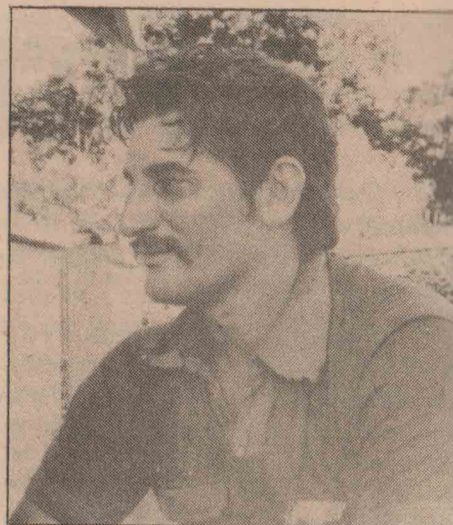
José: usando bastante sal

lizando até agora, sem nunca ter prejuízos. Para os 500 sacos desta safra, ele deverá gastar uns 60 quilos de sal, para evitar o caruncho. Seu José colhe o milho meio úmido, e depois vai despejando o sal, enquanto armazena o produto em camadas.

Ele só não consegue evitar os ratos, mas isso, segundo ele, não preocupa tanto como o caruncho. "O importante — afirma o seu José — é que o milho esteja úmido, e fique num galpão assoalhado de madeira". Ele até conhece outros produtores que despejam água sobre o milho, para que ele não fique seco, pois "enquanto tiver umidade o caruncho não aparece".

OS SEGREDOS

Outro que vinha usando um galpão é o seu Rosalvo Becker, de São Valério, Santo Augusto. Este ano, ele decidiu construir um paiol com tela ao redor, para que haja bastante ventilação. Seu Rosalvo acha que vai gastar uns 150 mil cruzeiros com esse paiol, e acredita que o investimento compensa. No galpão, vinha dando infestação de rato e caruncho, e ele



Nilton: silo está indo bem

não quer arriscar com as 400 sacas que pretende colher.

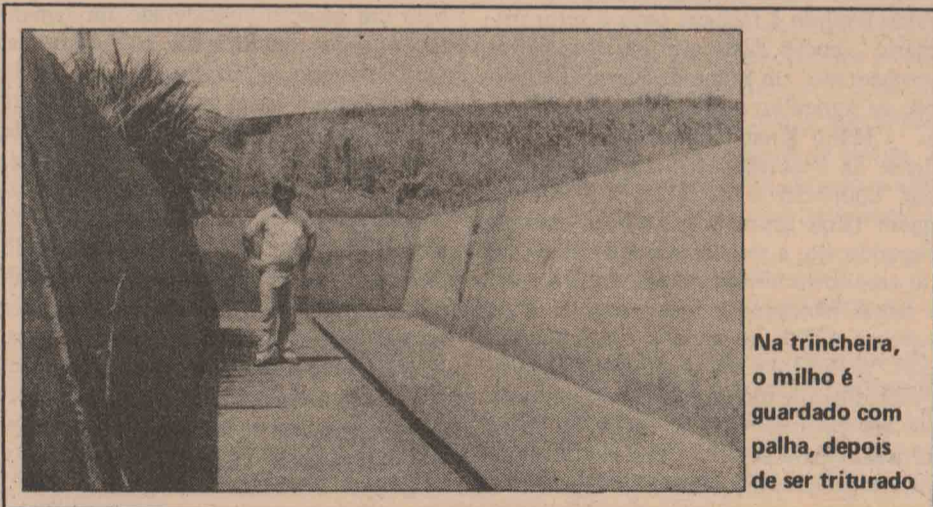
Seu Rosalvo também tem seu segredo. Ele estoca com palha e tudo, e vai fazendo uma camada de galhos de eucalipto a cada 50 centímetros de milho, e também usa bastante sal. Só que, ao contrário do seu José Charneski, ele colhe o milho quando está bem seco. Diz ele que o eucalipto ajuda a afugentar o caruncho.

O silo trincheira também vem sendo bem usado na Região Pioneira da Cotrijuí, e hoje, segundo o técnico Siegfried Wilke Doll, da Unidade de Ijuí, uns 15 produtores utilizam esse sistema. A trincheira é recomendada para quem planta milho como alimento de vaca leiteira. É o que faz o seu Irio Jaegger, da Linha 6 Oeste, em Ijuí, que em 78 construiu um desses silos com capacidade para cerca de 55 toneladas.

COLHER ÚMIDO

O milho a ser estocada na trincheira deve ser colhido quando ainda está leitoso, pois é triturado com palha e tudo e depois guardado. Seu Irio gastou uns 12 mil cruzeiros com o silo, que tem paredes de tijolo. O milho é protegido contra a umidade, e depois o produtor só vai retirando o que precisa para o gado, sem que até agora tenha notado estragos. Durante o inverno, as vacas de leite têm alimentação garantida.

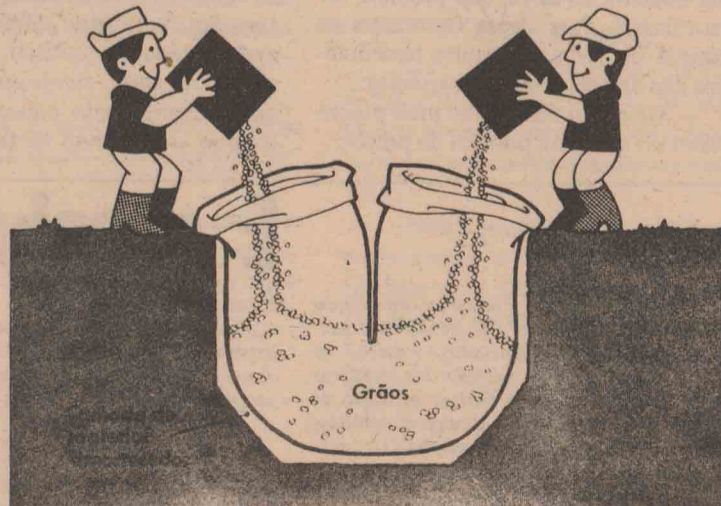
Para que o milho seja ensilado numa trincheira, o agricultor precisa de um trator para a colheita e outro para ir passando sobre o que já estiver dentro do silo. O trator deve prensar bem o milho, para que não filtre umidade e haja pouco ar, evitando que tudo apodreça. A Cotrijuí até empresta uma máquina especial, que é acoplada ao trator, para que o milho vá sendo triturado ao mesmo tempo em que é colhido.



Na trincheira, o milho é guardado com palha, depois de ser triturado

Uma novidade em teste

O silo subterrâneo até que não é bem uma novidade. Dizem que ele era utilizado há milênios, mas agora o que há de novo é a camada impermeável que protege o grão. O tubo plástico (veja o desenho) é colocado em forma de "U" no buraco. E esta vala deve ter, em média, um metro e 30 centímetros de largura por 2,60 de comprimento, mais 1,50 de profundidade, para que sejam armazenadas cerca de 70 sacas. O local onde o buraco será aberto deve ter bom escoamento da água da chuva, para que não haja acumulação de umidade. O grão é colocado no tubo com umidade de 12 por cento mais ou menos, e depois o plástico é enrolado nas pontas. Sobre o silo, vai uma camada de proteção, que pode ser de palha de milho, e depois mais uma camada de terra. Os tubos podem também ser colocados um ao lado do outro, dentro de uma trincheira. Nesses casos, há impermeáveis para até 6 toneladas cada um. Um detalhe importante: o silo só pode ser aberto quando todo o milho estocado vai ser retirado. Não é recomendável retirar o produto aos poucos, pois aí há entrada de ar e o grão irá apodrecer em pouco tempo. A Emater tem informações sobre a empresa — a Plastisul, de Sapucaia do Sul — que registrou em seu nome esse novo silo subterrâneo.



Nunca se colheu tanto como agora

As estimativas feitas até agora apontam a atual colheita de milho como a melhor dos últimos anos no Rio Grande do Sul. E as questões relacionadas com armazenagem, rendimento e outros detalhes técnicos não são as únicas coisas que merecem atenção no momento em que a safra é colhida.

Por causa dessa boa produção, é que os atravessadores vêm sendo estimulados a agir, e esses especuladores preocupam bastante, pois poderão determinar até novas importações de milho. Órgãos do governo, como a Emater, denunciam a especulação, e vêm fazendo um apelo para que os agricultores tenham cuidado diante de propostas muito tentadoras.

Dados do Instituto de Pesquisas Agronômicas, da Secretaria da Agricultura do Estado, dão bem uma idéia de como a lavoura de milho vem evoluindo no Rio Grande do Sul. A cultura tem altos e baixos, em termos de área de plantio e produtividade. Contando a partir de 1970, a maior área plantada foi essa da atual safra, com cerca de um milhão e 900 mil hectares.

RENDIMENTOS

Também este ano, o Rio Grande do Sul deverá ter o melhor rendimento dos últimos anos. A previsão é de que a produtividade média poderá chegar a 1.800 quilos por hectare. Com esses números (veja a tabela), é possível se constatar que a importância do milho vem mesmo crescendo no Estado. E, para ajudar essa intenção de aumento das áreas

de plantio, o tempo ainda favoreceu bastante, com boas chuvas nos períodos em que a planta mais necessitou de água para seu crescimento.

Se as previsões forem confirmadas, o Estado deverá colher em torno de 3 milhões e 500 mil toneladas. E se o consumo deste ano for igual ao do ano passado, quando andou perto dos 3 milhões e 400 mil toneladas, não haverá necessidade de importação. Mas ninguém pode dizer, por enquanto, se a demanda continuará a mesma. O mais provável é que ele cresça mais um pouco, e aí o Rio Grande do Sul terá que comprar milho de outros Estados.

REGIÃO PIONEIRA

Na Região Pioneira da Cotrijuí, a lavoura desta safra subiu para cerca de 59 mil hectares, contra os 43.900 da colheita anterior. Segundo a diretoria da área técnica da Cooperativa, o milho do cedo, colhido principalmente na região de Tenente Portela, apresentou um rendimento de até 70 sacas, ou seja, 4.200 quilos por hectare. Mas essa é a produtividade da colheita do cedo. Resta esperar a conclusão da safra.

Também com previsões, que podem ou não se confirmar, o departamento técnico acredita que a produtividade média, na Região Pioneira, fique entre 3.000 e 3.600 quilos, bem acima da média no Estado. Se essa produtividade for confirmada, não estará muito longe da conseguida na última safra, na maioria dos municípios da mesma área.



Ano que vem, área de plantio pode aumentar

A LAVOURA NO ESTADO, DESDE 1970

ANOS	HECTARES	RENDIMENTO KG/Ha	PRODUÇÃO (Toneladas)
1970	1.737.080	1.374	2.383.627
1971	1.722.014	1.513	2.605.527
1972	1.717.006	1.301	2.234.886
1973	1.507.083	1.394	2.100.808
1974	1.525.000	1.466	2.236.000
1975	1.524.138	1.553	2.367.322
1976	1.647.107	1.495	2.469.023
1977	1.650.500	1.700	2.800.000
1978	1.630.000	1.319	2.150.000
1979	1.875.500	1.037	1.835.600
1980	1.861.291	1.699	3.162.000
1981*	1.900.000	1.800	3.500.000

* Os dados referentes à atual safra são baseados em previsões

O esquema de armazenagem na Cotrijuí

O esquema de armazenagem e comercialização do milho, pela Cotrijuí, este ano, será quase o mesmo válido para a soja. A safra poderá ser entregue para comercialização a preço médio ou depósito, e o associado terá liberdade para entregar e retirar o milho quando bem entender.

Na modalidade preço médio, será concedido um adiantamento de Cr\$ 7,90 por quilo, ou seja, 474 cruzeiros por saca de 60 quilos. No sistema depósito, o produtor poderá vender ao preço do dia, ou retirar o milho para negócios com terceiros ou consumo próprio, considerando as normas estabelecidas.

AS TAXAS

Essas normas, no caso da modalidade depósito, fixam as taxas a serem cobradas. Se o associado retirar o produto no mesmo dia da entrega, recorrendo apenas aos serviços de secagem, ele pagará Cr\$ 70,00 por tonelada, como taxa de recebimento, e mais a taxa de secagem, de acordo com o que for indicado (veja tabela) como umidade. Não haverá desconto de armazenagem, quebra técnica, capital ou Funrural.

Se o associado retirar o produto dias depois da entrega, ele terá mais taxas para pagar. As despesas são Cr\$ 70,00 por tonelada, referentes ao recebimento; secagem de acordo com a umidade; Cr\$ 52,00 por tonelada a cada quin-

zena, pela armazenagem; e mais um desconto de 3 por cento sobre o valor do produto, considerando o preço do dia da Cooperativa, que é o recolhimento de capital.

Na taxa de armazenagem, não serão considerados dias, mas sim as quinzenas, e estas são infracionáveis. Explicando melhor, isso quer dizer que se um produto ficou uma quinzena e meia, o produtor pagará, de qualquer forma, duas quinzenas. Não vão ser considerados isoladamente os dias que não completarem outra quinzena. Por isso é que as quinzenas são infracionáveis.

QUEBRA TÉCNICA

A quebra técnica de armazenagem, por sua vez, já está incluída no valor referente à despesas financeiras. A quebra ficou em 0,15 por cento por quinzena, sobre a tonelada, e será, então, de Cr\$ 12,00. Tudo isso ficou decidido em reunião do Conselho de Administração. Em síntese, a taxa de armazenagem é de Cr\$ 40,00, e a quebra de Cr\$ 12,00. Da soma dos dois valores é que sai a taxa total de Cr\$ 52,00 por quinzena, para a armazenagem.

Como acontece com a soja, o produto entregue a preço médio ou na modalidade depósito, que for comercializado através da Cotrijuí, não terá as taxas de recebimento e armazenagem. Somente se o associado entregar a safra, e depois deci-

dir retirá-la, é que essas taxas serão cobradas.

Outro detalhe importante é o relacionado com as retiradas do produto. Até o dia 15 de março, a Cotrijuí assume o compromisso de, quando das retiradas, entregar milho ao produtor em sua

respectiva unidade. Depois desta data, a entrega acontecerá nas unidades em que houver estoque. Se, por coincidência, houver estoque na mesma unidade onde aconteceu a entrega, ali mesmo o associado poderá fazer a retirada do milho, se assim entender.

ESTAS SÃO AS TAXAS DE SECAGEM

UMIDADE	Tonelada em Cr\$	UMIDADE	Tonelada em Cr\$
de 13,5 até 15,0	190,00	24,6	a 25,0310,00
15,1 a 15,5	196,00	25,1	a 25,5316,00
15,6 a 16,0	202,00	25,6	a 26,0322,00
16,1 a 16,5	208,00	26,1	a 26,5328,00
16,6 a 17,0	214,00	26,6	a 27,0334,00
17,1 a 17,5	220,00	27,1	a 27,5340,00
17,6 a 18,0	226,00	27,6	a 28,0346,00
18,1 a 18,5	232,00	28,1	a 28,5352,00
18,6 a 19,0	238,00	28,6	a 29,0358,00
19,1 a 19,5	244,00	29,1	a 29,5364,00
19,6 a 20,0	250,00	29,6	a 30,0370,00
20,1 a 20,5	256,00	30,1	a 30,5376,00
20,6 a 21,0	262,00	30,6	a 31,0382,00
21,1 a 21,5	268,00	31,1	a 31,5388,00
21,6 a 22,0	274,00	31,6	a 32,0394,00
22,1 a 22,5	280,00	32,1	a 32,5400,00
22,6 a 23,0	286,00	32,6	a 33,0406,00
23,1 a 23,5	292,00	33,1	a 33,5412,00
23,6 a 24,0	298,00	33,6	a 34,0418,00
24,1 a 24,5	304,00	34,1	a 34,5424,00

Provando que variedade é o de menos

Os produtores chegam, examinam as espigas, dão uma espiada em cada detalhe da plantação, e depois fazem comparações. E olhando, examinando bem e comparando tudo, variedade por variedade, eles têm concordado com uma conclusão que já era conhecida desde a safra anterior: a semente não tem mesmo tanta influência como se pensa, para que o milho consiga bons rendimentos.

Essas visitas têm acontecido com frequência numa área localizada ao lado da unidade de Tenente Portela, onde 32 variedades de milho híbrido estão sendo experimentadas. O trabalho, coordenado pelo agrônomo Celestino Dalmolin, em colaboração com a Secretaria da Agricultura, vem despertando o interesse dos produtores. Às vezes, por pura curiosidade, eles vão até a lavoura onde está sendo feito o experimento, e saem dali meio surpresos com esta constatação de que o milho não depende tanto da variedade para assegurar uma boa safra.

HÍBRIDOS E CRIoulos

Na safra passada, o Dalmolin já havia concluído que o que conta mesmo numa lavoura de milho são os cuidados com o solo, a densidade de plantio, a adubação e, é claro, a ajuda do tempo, com chuvas nas épocas certas. Comparando as produtividades alcançadas pelas variedades de milhos híbridos, o agrônomo notou que não há grandes diferenças entre uma e outra. Os rendimentos ficaram entre 6.000 e quase 8.000 quilos por hectare, com poucas variedades apresentando produtividades abaixo dessas médias.

Na atual safra, o Dalmolin já pode ir confirmando o que constatara após a colheita anterior, mesmo que parte do milho ainda continue na lavoura. Mas é quase certo que tudo vai se repetir, e ficará provado de novo que o milho híbrido tem quase o mesmo potencial de rendimento, independente das variedades. Ele experimentou 20 variedades precoces e 12 tardias, e mais dois ti-

pos de milhos crioulos do branco e do amarelo.

Essas variedades crioulas tradicionais vão apresentar um rendimento inferior ao dos híbridos, mas o Dalmolin assegura que ficarão bem acima das médias no Estado. O experimento com as crioulas também foi feito para servir de prova de que as variedades cultivadas há vários anos na região podem ser aproveitadas. Isso pode acontecer principalmente se o produtor não dispuser de muitos recursos, de muita tecnologia, para formar sua lavoura.

NADA DE EXAGERO

O interessante, nesse trabalho da unidade de Tenente Portela, é que o experimento não utiliza nada que o agricultor não possa usar. Isso quer dizer que qualquer lavoura média pode alcançar os rendimentos conseguidos, pois não há exagero nos custos do experimento. Ele vem sendo feito de acordo com a realidade dos produtores.

Foram utilizadas densidades de 50 mil plantas por hectare (4 sementes



Dalmolin: rendimentos são quase iguais

por metro linear e distância de 80 centímetros nas linhas), no caso dos precoces, e 40 mil plantas por hectare (4 sementes por metro linear, com distância de 10 metros entre fileiras), para os tardios. A adubação de manutenção foi de 200 quilos por hectare da fórmula 8-30-18. E foram feitas três coberturas de uréia: 20 quilos aos 30 dias, 60 aos 45 dias e

mais 60 quilos aos 60 dias.

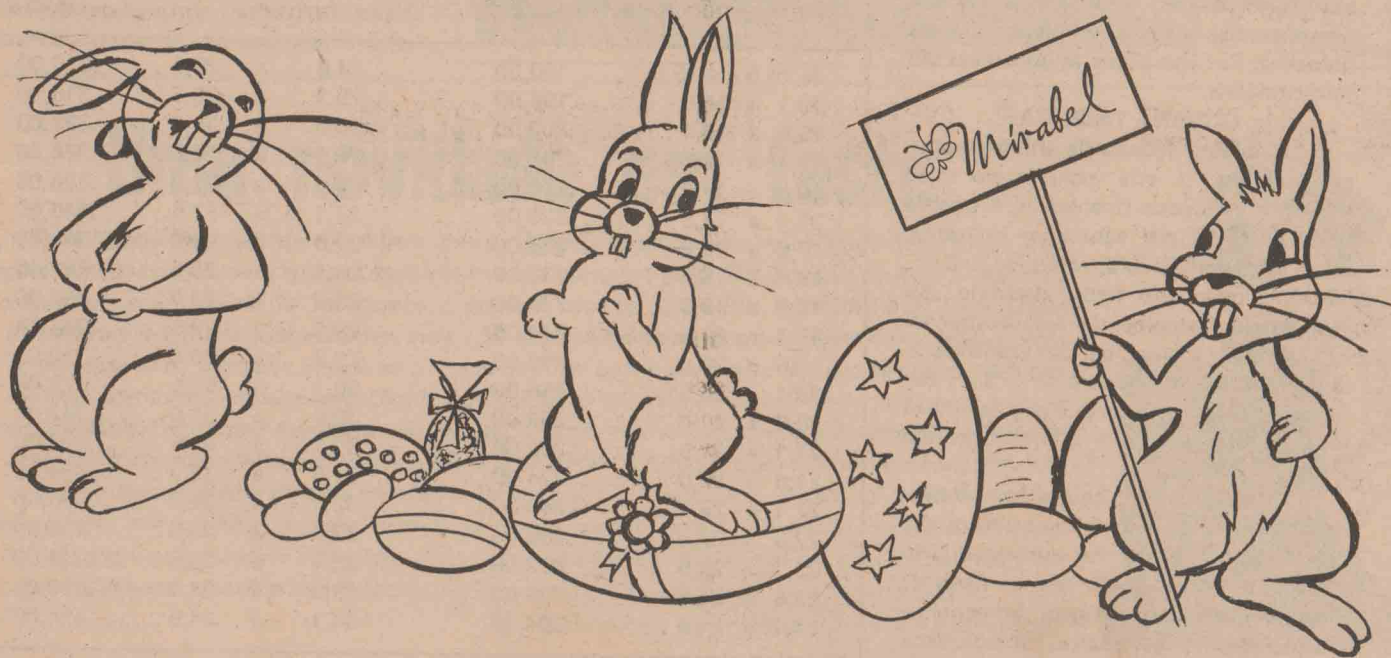
Para o Dalmolin, assim fica mais do que provado que o cuidado com o solo, a adubação e as chuvas são as coisas mais importantes para o milho. No resto, o que diferencia mesmo uma variedade da outra são as características de cada uma. Pode acontecer de uma variedade produzir um milho mais apropriado para a colheita com máquina, outra se adequar para consorciar com a soja, e assim por diante. Mas no rendimento pouca coisa muda.

TRABALHO CONTINUA

Vão ser aguardados os resultados da colheita deste ano, para que possa ser feita uma confrontação com os números da safra anterior. Por enquanto, os próprios produtores, que visitam a área destinada ao experimento, estão se encarregando de antecipar que na hora de escolher a variedade isso será, a partir de agora, o que menos vai contar.

Esta será a segunda e última safra do trabalho em Tenente Portela. Só que a preocupação em testar as variedades de milho não vai ficar por aí. É possível que o experimento seja levado para o Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, e lá as pesquisas tenham continuidade.

**ALÔ GAROTADA!
O COELHINHO DA PÁScoa ESTÁ INSTALADO
NO MERCADO DA COTRIJUÍ, COM OS DELICIOSOS
CHOCOLATES MIRABEL**



NOVO CRIADOR ESTÁ ASSUSTADO

O susto ainda não é muito grande, mas a situação criada pela queda nos preços do boi já começa a preocupar também os novos criadores de gado de corte. Estimulados por incentivos como o programa do novilho precoce, implantado pela Cotrijuí há cinco anos, e apostando nas boas perspectivas para a pecuária, até bem pouco tempo, hoje esses criadores estão meio temerosos. A pecuária atravessa uma fase nada favorável, e os reflexos disso tudo começam a ser notados na Região Pioneira da Cooperativa, onde os investimentos nessa área deverão andar meio parados, daqui pra frente.

Prova disso é o comportamento que os criadores estão adotando, a partir da tal crise da pecuária gaúcha. O seu Ernesto Bortolini, da Linha 23, em Ajuricaba, já está inscrito para as feiras de carneiro, programadas para o inverno na região, mas até lá vai pensar muito, para ver se reforça ou não o rebanho. O problema enfrentado pelo seu Ernesto e demais criadores é a queda nos preços do boi. E, além disso, ainda é preciso contar a falta de incentivos à atividade, como as restrições de crédito, com o dinheiro dos financiamentos cada vez mais escasso e caro.

Seu Ernesto está completando dois anos como pecuarista. Ele dedicou 60 hectares de sua propriedade (25 por cento da área total) para os carneiros, e hoje tem umas 130 cabeças de gado de corte. Atualmente, tem 20 bois para vender, mas é conseguir preço de que jeito? Até o fim do ano, mais uns 80 ou 90 bois estarão prontos para comercializar, mas o seu Ernesto não sabe se até lá a situação vai melhorar.

SOJA RENDE MAIS

Ele vai reter um pouco mais o gado na propriedade, tentando descobrir um bom comprador. Mas não acredita que a situação mude tão de repente, pois há "excesso de oferta de carne, e o poder aquisitivo do povo está cada vez mais baixo". O que importa, segundo ele, é que,

apesar dos prejuízos que possa ter, a pecuária soma bastante como atividade de diversificação da produção, permitindo uma rotação entre lavoura e pastagens. Só que, pelo menos este ano, seu Ernesto tem certeza de que a área destinada à pecuária estaria rendendo muito mais se estivesse com soja.

A pecuária também deixou empolgado, há uns três anos, o seu Valdori Dalla Rosa, da Boca da Picada, em Augusto Pestana. Hoje o seu Valdori tem cerca de 80 cabeças de gado de corte, e lembra que iniciou com 25 carneiros, comprados na feira de Ijuí em 78. "Tenho hoje umas 30 cabeças para vender, mas só comercializo se conseguir um preço que me permita comprar boi novo. Se não for assim, deixo para vender na entressafra, que talvez se consiga melhor preço.

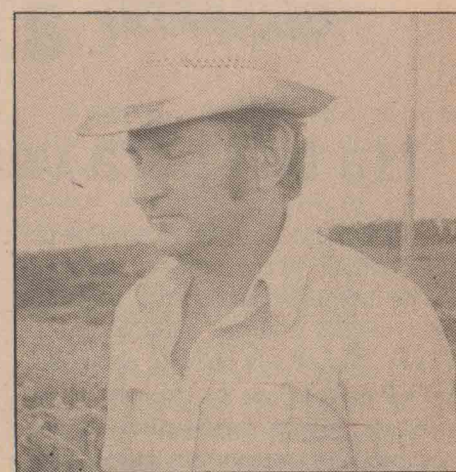
Valdori destinou 35 dos 330 hectares da propriedade para a pecuária, e não se arrepende, apesar das dificuldades do momento. O interessante, segundo ele, é que hoje o preço do boi gordo, do boi terminado, baixou bastante, mas ao mesmo tempo caiu o preço do carneiro que pode ser comprado para terminação. Ele tem recebido boas ofertas, e só não investe mais na criação porque falta capital de giro para pagar tudo à vista. Só o que não é possível hoje — afirma seu Valdori — é comprar carneiro com dinheiro de empréstimo, por causa dos juros altos.

CAPITALIZA BASTANTE

"Se os juros fossem razoáveis, hoje eu estaria com umas 250 cabeças de gado", afirma ele, lembrando que a situação é meio danada, mas não chega a trazer tanto pessimismo. Para Valdori, nada capitaliza mais o produtor do que a pecuária, pois um boi terminado pode ser vendido a qualquer hora, mesmo que o preço não seja muito compensador. E tem que contar ainda que a atividade ocupa pouca mão-de-obra, tem custos não muito altos, e pode ser considerada até "bem mais tranquila, mais segura que a lavoura".



Ernesto: diversificação é importante



Walter: custos estão altos demais



Valdori: falta capital de giro

Outro detalhe que ele destaca é o de que com a pecuária pôde ocupar áreas que para a agricultura não serviam, e o mais importante é que Valdori gosta mesmo de lidar com o gado. Reconhecendo que a demanda, o consumo de carne baixou bastante, por causa dos preços ao consumidor, ele acha que a situação melhora, um dia desses. Mas tem certeza de que os produtores que não entraram nessa área hoje não entram mais, pelo menos por enquanto, por falta de capital e de incentivos para formar um rebanho.

ESPERA UMA ATITUDE

Para outro agricultor que também decidiu investir na pecuária, o seu Walter Osmar Krüger, de Pedro Paiva, em Santo Augusto, é de estranhar mesmo que haja excesso de carne em oferta, e ao mesmo tempo o consumo não aumente. "A carne

no açougue está cara, mas para quem cria o preço está baixo", diz ele, achando que os pecuaristas esperam "uma atitude do governo". Seu Walter acha que o aumento do ICM encareceu a criação de gado e agravou os problemas que já existiam.

Hoje, ele tem 25 bois prontos para vender, mas pelos Cr\$ 55,00 que andam oferecendo prefere não comercializar. No fim do ano, seu Walter terá mais umas 250 cabeças, e até lá espera encontrar um bom comprador. É o terceiro ano que se dedica à pecuária, e pela primeira vez enfrenta problemas na hora de comercializar. Para seu Walter, com todas essas dificuldades é de se estranhar também que tenham falado em importação de carne. "Se isso acontecesse — diz ele — aí sim era pra terminar com a pecuária".

As normas e os preços na Cooperativa

A Cotrijuí está recebendo gado de corte a rendimento, para abate no frigorífico de Dom Pedrito. Isso quer dizer, segundo Gilberto Nicolodi, que trata do recebimento de animais na Região Pioneira, que os preços são definidos de acordo com o rendimento das carcaças. Só depois do animal abatido é que o produtor ficará sabendo quanto vai receber.

Os preços variam para o boi, o novilho precoce, vaca, touros, tourunos e boi manso. O boi pode conseguir os seguintes preços: com rendimento entre 150 a 159 quilos, Cr\$ 89,00; 160 a 169, Cr\$ 94,00; 170 a 179, Cr\$ 97,00; 180 a 189, Cr\$

100,00; 190 a 199, Cr\$ 103,00; 200 a 209, Cr\$ 105,00; 210 a 219, Cr\$ 106,00; 220 a 229, Cr\$ 107,00; e mais de 230 quilos de rendimento, Cr\$ 108,00. Como desconto, são retirados, 25 por cento de Funrural e 3 por cento de capital ou custeio.

Esse critério vale também para o novilho precoce, de até dois anos de idade. Só que, no caso dos precoces, a Cooperativa paga Cr\$ 2,00 a mais por quilo. Para a vaca, valem igualmente as mesmas normas, mas com Cr\$ 3,00 a menos por quilo. E os touros, os tourunos e os bois mansos conseguem Cr\$ 88,00

por quilo. Se, no entanto, a carne for destinada à conserva, serão pagos Cr\$ 69,00, sempre considerando o peso da carcaça.

A DIFERENÇA

Além desses valores, os animais que conseguem rendimentos acima de 49% (comparando peso da carcaça e peso vivo), terão um prêmio que varia entre 0,3 por cento e 5,4 por cento sobre os preços a serem pagos. Com esses valores, e mais os prêmios, o gado pode atingir médias de preços bem acima do que vem sendo pago pelo boi em pé atualmente.

O Gilberto dá um exemplo disso. Um novilho com 480 quilos de peso vivo conseguiria hoje Cr\$ 24.690,00, se fosse vendido em pé a Cr\$ 52,00 o quilo. A rendimento, com uma carcaça de 240 quilos, o novilho será vendido a Cr\$ 108,00 o quilo e receberá mais 0,6 por cento de prêmio (64 centavos por quilo). No total, esse novilho conseguiria Cr\$ 26.073,60, ou seja, Cr\$ 1.113,60 a mais do valor que seria pago em pé. Segundo o Gilberto, só não conseguirão preços razoáveis, nessa modalidade, os bois muito magros.

Os caminhos que levam a vaca pro brejo

Há boi para vender. O que falta é consumidor

Examinada de longe, a crise da pecuária gaúcha parece envolver apenas a falta de incentivos para o setor, as indefinições oficiais e outras questões apenas técnicas. Mas olhada mais de perto, essa crise vai mostrar que os tropeços da pecuária têm outras implicações. Os próprios criadores reconhecem que o diagnóstico das dificuldades deve ir mais longe e considerar um ponto que não pode ser desprezado: a baixa demanda, o reduzido consumo de carne no Brasil, causado pelo minguado poder aquisitivo da população.

O diretor operacional da Cotriexport — a subsidiária da Cotrijuí que trata dos assuntos de comercialização, Leocádio de Almeida Antunes Filho, acha que essa questão é fundamental para análise de todos esses entraves. Fazendo um retrospecto da situação da pecuária, quanto às condições de mercado, ele lembra que no início da década de 70 e até fins de 73 os preços internos da carne eram definidos a partir do que acontecia quando das exportações. Quer dizer, as vendas para fora do país regulavam os preços no Brasil.

O MERCADO

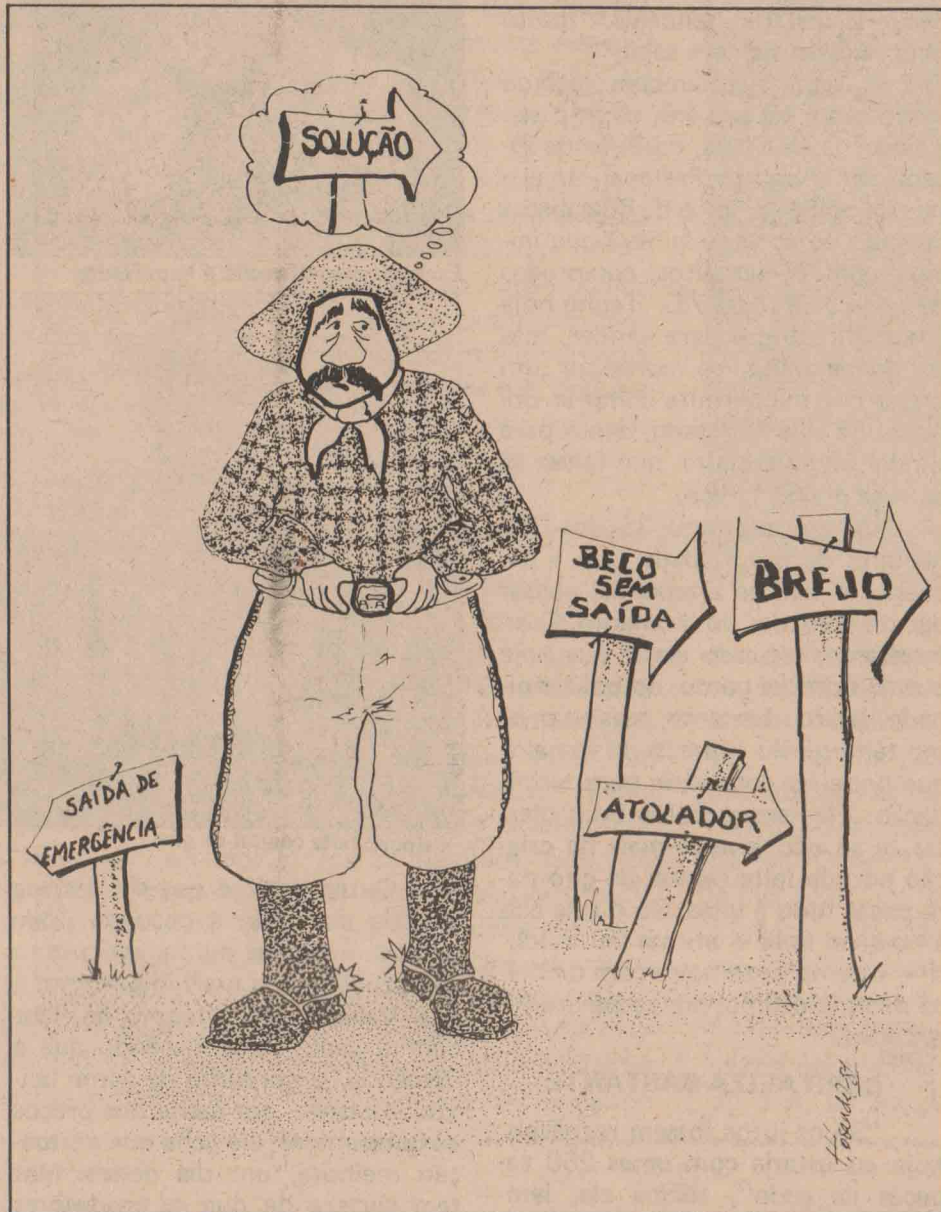
Mas o mercado externo começou a ficar limitado, em 74, e o excedente de carne teve de ser colocado em oferta no próprio Brasil. Nesta época, o consumo brasileiro per capita (por pessoa) era de 15 quilos por ano, e para que a produção fosse absorvida é claro que os preços tiveram que baixar. Como consequência disso, houve um automático desestímulo ao criador, e foi aumentado o abate de matrizes e animais ainda não terminados, ampliando ainda mais a oferta.

Como o ciclo de produção de um novillo é relativamente longo, a redução na oferta só começou a acontecer na segunda metade de 77. Naquele ano, o consumo per capita nacional chegava a 25 quilos anuais, em decorrência dos preços baixos da carne ao consumidor.

Quando a oferta voltou a ser reduzida, por causa do desestimulante mercado interno, ao mesmo tempo os preços passaram a subir, e voltaram a representar um incentivo aos criadores. Foi aí que os pecuaristas decidiram reter suas matrizes e terminar novillos, contando com a vantagem da valorização crescente de seus estoques. No período entre 1977 e 1980, o preço do boi subiu em torno de 500 por cento, e a pecuária viveu bons momentos.

O CONSUMO

Hoje, no entanto, o quadro volta a ser desfavorável para os pecuaristas, e o Leocádio entende que isso se deve, entre outros fatores, à recuperação da oferta. Há bastante boi para abate, e ao mesmo tempo falta consumo. Essa é uma das surpresas da atual situação, pois, ao existir oferta, a tendência normal seria o aumento do consumo. Mas também aí há explicação: a grande maioria da população foi perdendo o poder aquisitivo, foi sendo



obrigada a deixar de comer carne. Esse, segundo o diretor da Cotriexport, é o principal motivo dessa crise toda.

Para completar esse baixo consumo, os problemas são agravados com as dificuldades de comercialização, geradas pelas restrições de crédito e alto custo financeiro. Diante disso é o que os frigoríficos decidiram só adquirir o que podem comercializar, pois não há interesse em manter estoques.

Leocádio Antunes Filho está certo de que hoje é possível afirmar que há excedente de carne no mercado brasileiro, ou seja, há um volume do produto que a população do país não tem condições de consumir. Uma das saídas seria a reabertura das exportações, o que já está sendo discutido, mas também nesse caso são esperadas decisões oficiais, incentivos do governo.

OS PREÇOS

Atualmente, os preços do boi em pé estão entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 52,00, e da vaca entre Cr\$ 43,00 a Cr\$ 47,00, o quilo vivo. As perspectivas — afirma Leocádio — são de tempos difíceis, pois é preciso apostar numa recuperação do poder aquisitivo da população. Ele lembra que a política financeira para o setor é de austeridade, e as medidas do último pacote são emergenciais e paliativas, e não consi-

deram as peculiaridades, as características do ciclo de produção da pecuária.

Leocádio também está certo de que, mesmo com a reabertura das exportações, a pecuária nacional não voltará a ser viável. Ele interpreta uma medida como esta como uma saída para escoar excedentes, mas sem maiores consequências para que a crise possa ser contornada.

E AS SAÍDAS?

Para complementar as previsões que vêm sendo feitas, em tomo do futuro da pecuária no Brasil, a FAO — órgão da ONU (Organização das Nações Unidas), que trata de assuntos relacionados com a produção de alimentos, fez um anúncio nada otimista. Segundo este órgão, se nada for alterado até lá, em 1985 o Brasil será o maior importador mundial de carne.

A situação é grave, e há pelo menos duas saídas, segundo o pessoal envolvido na análise desse quadro: fazer com que a pecuária volte a ser uma atividade rentável, e permitir que a população tenha acesso a produtos como a carne e represente um verdadeiro mercado consumidor. Todos concordam que uma coisa depende da outra. E, enquanto as soluções são discutidas, o setor vai sendo descapitalizado e a população consome cada vez menos.

Uma época ruim para investimentos

A crise da pecuária vai desencorajar muita gente que pretendia aderir aos planos de integração da lavoura com a criação de gado. O veterinário Waldir Groff, um dos coordenadores do Programa de Novilhos Precoces da Cotrijuí, acredita que essa tendência, de certa estagnação nos investimentos, já pode ser notada. Ele prevê até que de imediato não deverá crescer o número de produtores que se dedicam à pecuária, na Região Pioneira da Cooperativa.

Atualmente, uns 30 produtores estão integrados ao Programa, e pelas previsões que vêm sendo feitas nem mesmo eles irão investir na atividade enquanto perdurar essa situação. Prova disso é o pouco interesse que a Feira do Terneiro deste ano, programada para 1º a 3 de junho, vem despertando. No final de fevereiro, havia cerca de 10 criadores inscritos para compra, enquanto que na mesma época, no ano passado, as inscrições andavam em torno de 80.

ALTERNATIVA

Mesmo assim, Waldir Groff entende que a pecuária continua sendo uma alternativa que não pode ser deixada de lado. Isto porque a atividade é importante, dentro dos projetos de diversificação da produção. Para um médio produtor, hoje a pecuária representa uma boa opção, como complementação de suas atividades.

Segundo o veterinário, o preço baixo pago ao criador é o problema imediato enfrentado hoje pelos pecuaristas. E, depois disso, vêm as questões relacionadas com o conjunto de dificuldades que a atividade apresenta no momento, como a falta de maiores incentivos.

Isso quer dizer que o produtor busca saídas para os obstáculos que exigem solução mais urgente, e ao mesmo tempo aguarda mudanças, definições na própria política para o setor. Só assim ele ficará sabendo se a pecuária continuará sendo um bom investimento, como muitos acharam que fosse anos atrás.



Groff: momento é de espera

A DISCUSSÃO NA SOJA

O seu Alberto Rubert, dono de 25 hectares de terra em Ajuricaba acha que é uma pena guardar só para si as sementes da variedade de soja BR-2 que vai colher nesta safra. É ele quem conta a razão de resolver ser um dos produtores que se inscreveram este ano para comercializar semente de soja com a Cooperativa:

— Esta BR-2 é uma nova variedade que plantei este ano. São 9 sacos de planta que estão em muito boa condição. Como é uma variedade boa, faço questão de entregar um pouco para os outros também plantarem.

Pois o seu Rubert nem começou ainda a se preocupar a fundo com a questão que muitos outros produtores de semente, especialmente aqueles mais antigos, estão levantando novamente nesta safra. É a velha questão da bonificação da semente, um assunto antigo prá quem lida com esta área de produção. A questão esquentou com a resolução do Conselho de Produtores de Sementes das regiões de Ijuí, Santo Augusto e Vila Jóia, em não bonificar a semente de soja que alcançou baixa germinação na safra passada. Só pessoal da UBS (Unidade de Beneficiamento de Sementes) de Tenente Portela é quem se mostrou a favor da Cooperativa pagar esta bonificação. E razões para que o pessoal de Tenente Portela tomasse esta posição foi o que não faltou: afinal, 58 por cento da semente de soja produzida ano passado naquela região nem chegou a ser classificada pois alcançou uma germinação inferior a 80 por cento.

UMA POSIÇÃO

Como vai ficar a situação nesta safra que começa a ser colhida nas próximas semanas é uma coisa que ainda precisa ficar definida. O Conselho de Produtores deverá se reunir na primeira quinzena de março para tomar uma posição sobre o assunto. Em todo caso, os produtores já estão começando a dar sua opinião. É o caso do seu João Adorian, que planta 140 hectares de soja em conjunto com os dois filhos, na localidade de Pinhal (Ajuricaba):

— Acho que a semente que não germinou pelo menos deveria receber uma bonificação que pagasse o que se gastou prá ensacar e levar até o local de entrega, que prá nós é em Santo Augusto.

Esta idéia de seu Adorian é a mesma de muitos outros produtores, que se queixam de ter tido prejuízo em colher a soja prá semente:

— O trabalho de carpir a lavoura não é perdido, porque o agricultor deve conservar a terra limpa. Mas quem paga o que se gastou ensacando a semente e pagando frete?

O seu Protásio Lotermann, que planta mais ou menos 60 hectares em Chiapetta, também ficou bem desconsolado ao ver boa parte de sua semente condenada por baixa germinação. E não foi pouca coisa: foram 1.100 sacos. A bonificação ele só acabou recebendo por uns 900 sacos de produção:

— Eu não vi motivo nenhum prá me condenarem a semente. Estava com 13 por cento de umidade, limpa e sem quebrados. Tanto que eu plantei da mesma semente e a soja nasceu. Na minha opinião, se o técnico acha que a lavoura pode ser colhida prá semente, tem que bonificar a baixa germinação. O produtor não tem culpa se depois a semente não dá o mínimo que precisa. Só concordo em condenar a mistura, que isto é falta de capricho do produtor.



Alberto Rubert: questão de entregar

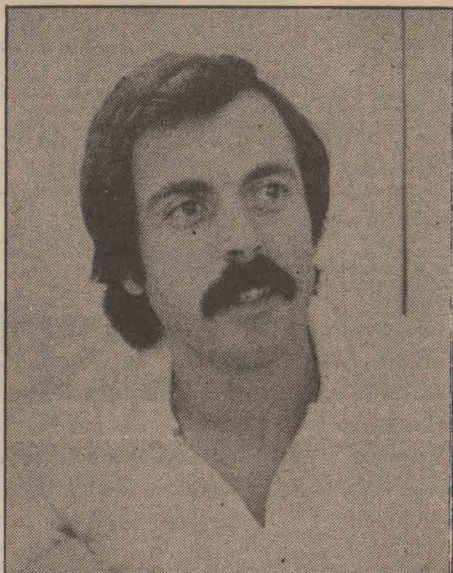
AS NORMAS DA CESM

O Jalcione Pereira de Almeida, que é agrônomo responsável pela parte de semente da UBS de Ijuí (esta UBS compreende as unidades de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba) é quem explica porque a semente condenada por baixa germinação pode perfeitamente nascer quando plantada na lavoura do produtor:

— É que a semente de soja, para poder ser comercializada, precisa alcançar nos testes de laboratório uma germinação de pelo menos 80 por cento. Se não alcançar este índice de germinação ela é condenada por normas que não foram estabelecidas pela Cooperativa. Quem diz que a semente precisa ter este índice de germinação é a CESM (Comissão Estadual de Sementes e Mudas). É a CESM quem fixa as normas e se estas não são obedecidas pelo produtor de semente (no caso a Cooperativa) é possível até que se perca o registro de produtor. Agora, digamos que a semente alcance 78 ou 79 por cento de germinação. Quando ela for plantada vai germinar praticamente igual a uma semente que teve 80 por cento de germinação.

“É claro”, reconhece o Jalcione, “que o produtor pode ficar pensando que houve algum erro no teste, já que a sua semente germinou bem na lavoura. Mas na prática, realmente, existe pouca diferença entre uma semente com 78 e uma semente com 80 por cento de germinação. A única diferença é que a primeira não pode ser comercializada”.

Na questão da bonificação da semente com baixa germinação, o Jalcione



Jalcione: seguir as normas



João Adorian: cobrir ao menos o gasto



Protásio Lotermann: o produtor não tem culpa

lembra que os próprios produtores é quem deverão decidir o que fazer nesta próxima safra. “Só não se pode esquecer”, ele afirma, “que bonificando uma semente de baixa germinação obrigatoriamente será reduzido o valor que caberá a cada um dos padrões das sementes aprovadas e também poderemos estar baixando o padrão de qualidade de nossa semente”.

A DATA DE PAGAMENTO

Além deste caso, os produtores pretendem ainda deixar mais de acordo com o seu gosto a data de pagamento da liquidação. Os produtores reclamam que o dinheiro sempre chega um tanto tarde. E isto acontece exatamente porque a Cooperativa só pode fazer a liquidação justa e o produto depois de ter comercializado toda a semente. E isto, como explica o Jalcione, só acontece depois do final do ano.

Mesmo assim, como lembrava o seu Adorian durante uma reunião de produtores das localidades de Pinhal e Barro Preto, em Ajuricaba, se pode mudar um pouco a maneira de pagar a bonificação.

— Se podia antecipar um pouco o pagamento. Quem sabe era possível dar um adiantamento na hora que o produtor de semente vai assinar o contrato de custeio da próxima lavoura?

Seu Adorian fala que este valor podia ficar mais ou menos no custo do frete e da despesa de ensacamento da produção. Mais tarde, depois de comercializada toda a semente, seria paga a diferença do valor de bonificação estabelecido para cada padrão.

As normas da produção

O sistema de produção de semente de soja tem sofrido pouca alteração de um bom tempo para cá. Quem quiser produzir semente, por exemplo, tem que seguir uma série de normas que são estabelecidas pela Comissão Estadual de Sementes e Mudas, que é um órgão da Secretaria da Agricultura.

A primeira norma é que só pode produzir semente aquele produtor que se inscrever para este trabalho. As inscrições este ano aconteceram diretamente na Cooperativa ou em várias reuniões que foram realizadas no interior. Uma outra norma é que antes de colher a semente a lavoura precisa ser vistoriada, e liberada por um técnico. Nesta vistória o técnico vai ver se a lavoura não está muito inçada, não apresenta mistura de variedade e se não sofreu algum ataque de doenças ou pragas que possa prejudicar o desenvolvimento da planta numa próxima safra. Só depois desta vistória é que o produtor pode colher a semente.

EXPERIÊNCIA:

RECEBER A GRANEL

No ano passado a Cooperativa iniciou uma experiência na Unidade de Beneficiamento de Semente de Santo Augusto, recebendo semente a granel. O agrônomo Sílvio Costa Beber, da unidade de Ajuricaba, explica que este sistema apenas funciona bem se um produtor sozinho conseguir encher uma das moegas de recebimento de produto. Do contrário, como saber qual das sementes ali depositada e de qual produtor, é que não apresenta os índices mínimos de germinação e pureza? O recebimento a granel continua a ser estudado pelos técnicos da Cooperativa e viria, realmente, facilitar bastante o trabalho de quem anda produzindo semente.

Para esta safra que vai ser colhida a partir dos últimos dias de março, início de abril, falta ainda definir muita coisa no sentido prático. Por exemplo, os padrões ainda não estão bem estabelecidos e isto só vai acontecer numa reunião do Conselho de Produtores de Semente lá pelo meio do mês de março. O mesmo acontece com a bonificação (veja a discussão sobre o assunto na matéria anterior).

AS VARIEDADES CONDENADAS

O que já foi bem clareado na última reunião deste Conselho é que a Cooperativa não vai mais receber semente de soja das variedades Planalto, Pérola e Davis. Estas variedades, segundo o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida, foram superadas por outras em termos de rendimento. Além disso, a procura destas variedades já não é mais expressiva, pois exatamente por esta razão, os produtores estão preferindo plantar outras variedades do mesmo ciclo de maturação que produzem melhor.

As áreas de plantio de Missões, Prata, e Hardee para a produção de semente também começarão a ser reduzidas. Já a variedade Santa Rosa vai ser incentivada, porque especialmente no Mato Grosso tem sido muito grande a procura por esta variedade. É por esta razão, inclusive, que o Conselho de Produtores de Semente resolveu dar um valor maior de bonificação, na próxima safra, para quem produzir semente de Santa Rosa.

GARANTINDO UNS TROCOS NA HORA DA COMERCIALIZAÇÃO

Quem iria dizer, algum dia, que feijão miúdo, um inço que é uma verdadeira praga na lavoura de soja, pudesse valer alguma coisa? Pois é. O feijão miúdo é uma boa forrageira de verão, que além de garantir o pasto para o gado ainda pode render alguns trocos quando comercializada como semente.

O seu Serafim Mainardi, de Cará — no município de Tupanciretã — resolveu aproveitar desde o ano passado o azar de ter uma terra cheia de feijão miúdo. Ele comprou a área há duas safras e no ano passado se deu o trabalho de colher um trecho a mique e comercializar na cooperativa como semente de forrageira:

— Não valeu lá muito a pena pelo trabalho que deu para colher. Hoje não lembro bem quanto foi que ganhei pelo quilo, mas foi bem menos do que esperava.

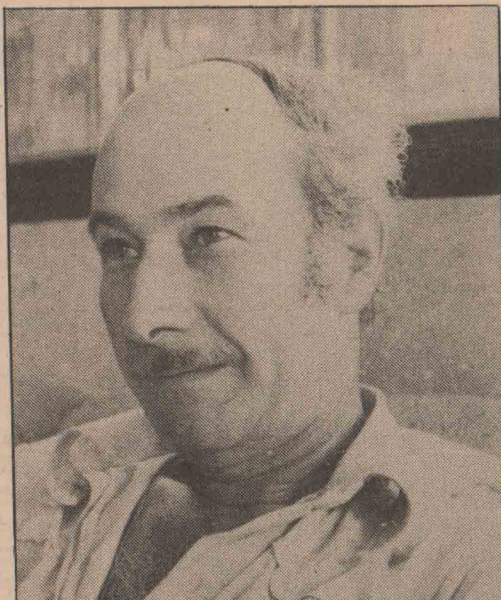
Ele colheu coisa de uns 4 sacos de feijão miúdo e este ano pensa em aproveitar para colher de novo, limpando os terraços de uma lavoura com 120 hectares de soja:

— É capaz de dar uns 5 ou até 10 sacos. Se fosse de colher só feijão miúdo era capaz de ser uma vantagem porque ele vale mais do que a soja. O separar da soja é que é o problema. Para colher tem que ir tirando as vagens. Se colhe de máquina perde uma barbaridade.

SETÁRIA GARANTE O INVERNO

Já o Helmuth Steinke, da Linha 7 Oeste, em Ijuí, está pensando em reservar metade da área que plantou com setária (dois hectares) para produzir semente desta forrageira. Já no ano passado era sua intenção comercializar a semente na Cooperativa:

— Só que eu fiquei com pouco pasto e acabei largando o gado na setária. Ela é uma pastagem permanente, que rebrota seguido. Nós aqui fizemos esta pastagem em setembro do ano de 79 e foi o que nos ajudou na entrada



Serafim Mainardi: o valor do feijão miúdo

do inverno. Ela não é tão boa para produzir leite como, por exemplo, o milheto. Mas compensa por ser permanente e brota fácil, logo que parou a geada.

Helmuth já andou até se informando prá saber como é o certo de colher a setária. Como a semente é muito miúda — menor até que uma cabeça de alfinete — vai ser preciso levar a colheitadeira muito bem reguladinha, "com o vento bem fechado, senão perde muita semente".

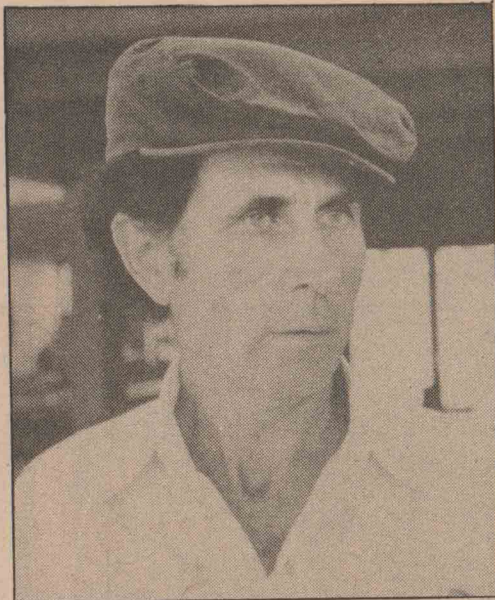
CAPIM PÂNICO

O seu Artur Kronemberger, da Linha 8 Oeste, também de Ijuí, se deu mal ao tentar produzir semente de pânico no ano passado. Ele plantou um hectare e conseguiu colher 92 quilos limpos:

— Quando eu plantei ela nasceu muito mal, mas isto porque o tempo não foi favorável, como muita chuva e frio. Eu tinha o pânico para pastoreio, mas também aproveitei o primeiro corte para fazer semente. Só que ela foi condenada, por baixa germinação.

Seu Artur conversou com o Jalcione que lhe explicou ser bastante comum a semente de forrageira apresentar baixa germinação logo depois da colheita:

— Isto acontece com algumas espécies de forrageiras, que só vão adquirir uma capacidade maior de germinação algum tempo mais tarde, depois de um certo período de armazenagem (devido a dormên-



Artur Kronemberger: mal com o pânico

cia).

O Jalcione recomendou ao seu Artur que trouxesse uma nova amostra de sua semente para ser reanalisada no laboratório. Quem sabe, agora, ele tenha mais sorte, e possa

aproveitar o adiantamento de Cr\$ 241,50 que está sendo dado à semente de pânico.

Prô seu Artur o pânico é muito fácil de lidar. Só é preciso roçar algumas vezes, porque aparece mui-

to mato no meio da pastagem:

— Mesmo assim, o gado gosta muito dela. Dá para fazer 2 cortes tranquilos, mas é claro que daí tem que tirar o gado prá deixar rebrotar.



Helmuth Steinke acha que a setária compensa

O 7.º Censo Agropecuario do País vai mostrar a força que vem do interior. Uma força que ninguém ignora. Afinal, a cada dia cresce mais sua participação na economia brasileira. Mas é preciso definir novos caminhos, mais seguros, para essa atividade aumentar ainda mais.

E é justamente esse o objetivo do censo que você vai receber em sua casa, logo.

O CENSO AGROPECUARIO ESTÁ CHEGANDO. AGORA É O CAMPO QUE FALA

Um ano inteiro para preparar um trabalho que só vai começar agora. Esse foi o tempo que o censo precisou para planejar as perguntas certas, para traçar o retrato mais fiel do país que a gente tem.

Receba bem esse homem. Ele vai enfrentar sol e chuva, lama e poeira só para ouvir você. Ele é o recenseador. O único homem autorizado a entrevistar e ajudar você a preencher corretamente os formulários.

Um esforço que exige dedicação e patriotismo.

É fácil responder o censo. Basta contar e recontar para contar a verdade. A verdade, nada mais que isso. Porque resposta errada é retrato errado da sua região.

E, no final das

contas, quem sai perdendo não vai ser só o País. Mas você mesmo, a sua propriedade e a sua região.

O importante do censo é que ele conta a História do Brasil. Como vive a gente do campo, como trabalha, quanto recebe de recompensa pelo trabalho.

Enfim, a terra, o homem e seu trabalho vão aparecer e indicar o melhor apoio com que você vai poder contar.

O censo dividiu o País para contar. E depois somar. Foram criados 60 mil setores, responsáveis pela realização dessa grande operação que visitará cada um dos 6 milhões de estabelecimentos agrícolas e pecuários. E você será um deles.

Um retrato falado, cada vez mais perfeito. A cada novo censo, o País inclui algu-

CENSO AGROPECUARIO

O PAÍS QUE A GENTE CONTA

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

AS MANHAS DAS FORRAGEIRAS

A época da colheita, a secagem, as invasoras, tudo isso influi na qualidade da semente de forrageira. É preciso ter muito cuidado, para que o trabalho não seja em vão e ainda renda alguns trocos.



É fundamental que antes da colheita o produtor fale com o técnico. Tanto no caso pânico... .. como no da setária e outras forrageiras, é muito importante colher na hora exata.

Pouca gente anda produzindo semente de forrageiras na área da Cotrijuí. Com o desenvolvimento da pecuária, tanto a de corte como a de leite, a situação promete mudar bastante nos próximos anos. E é exatamente para evitar que algum problema difícil de resolver venha a aparecer mais tarde, que os técnicos da Cooperativa acharam melhor se adiantar um pouco e já montar um esquema de recebimento desta produção.

Quem explica como é que vai funcionar este esquema para forrageiras é o Jalcione Pereira de Almeida, responsável pela área de sementes:

— Toda lavoura deve estar inscrita para a produção de sementes e ainda sofrer, obrigatoriamente, uma vistoria. Como a produção de semente de forrageiras é uma coisa bastante nova, para esta região não são todos os produtores que já conhecem, com toda certeza, as manhas desta semente. Hoje, quem produz soja nem chama mais o técnico para saber se a lavoura está no ponto de colheita. Agora, na forrageira, só depois também de bastante experiência é que o produtor vai ter certeza de ter colhido na época ideal.

Segundo o Jalcione o ponto de colheita varia bastante de uma variedade para outra e para cada caso existem alguns indicativos para determinar o momento de colher:

— Se o produtor colher a semente de forrageira numa época errada, o percentual de sementes viáveis, ou seja, sementes cheias, vai ficar muito reduzido e, portanto, o trabalho todo pode ser perdido.

AS INVASORAS

Nesta vistoria o técnico ainda vai verificar se não existe muito inço que possa prejudicar a qualidade da semente. Por exemplo, quem produz alfafa não pode, de maneira alguma, fazer semente se a lavoura tem invasão de Cuscuta (conhecida também por "cabellino de anjo"). A cuscuta condena todo um lote de semente de alfafa e já é uma invasora que anda preocupando bastante os técnicos que entendem do assunto. Outra invasora que tem se mostrado um problema é a tal de setária geniculata (ou capim rabo-de-gato ou rabo-de-raposa) que dá muito em lavouras de setária kazungula, pânico e pensacola.

Depois de colhida, esta semente deve ser secada na sombra, em local arejado. Pode ser aproveitado até mesmo o chão de um galpão, desde que suas portas fiquem abertas. A experiência já mostrou que uma secagem na própria propriedade é muito mais segura, quando bem feita.

O Jalcione recomenda que a semente seja esparramada em camadas bem finas, o que vai tornar mais rápido este trabalho

de secagem. Quando a camada for muito grossa, alerta o agrônomo, pode até mesmo estragar toda semente, que vai esquentar e apodrecer. É por esta razão, também, que não se recomenda secar a semente ao sol:

— Se a camada não puder ser bem fina, o produtor pelo menos deve ficar mexendo, revolvendo, continuamente a semente, para que ela nunca chegue a esquentar.

A AMOSTRA

Depois da semente seca — o que pode durar cinco dias ou mais, e quanto mais lenta for a secagem melhor será a qualidade da semente — o produtor deve chamar novamente o técnico até sua propriedade. Ali ele irá recolher uma amostra da semente que será então analisada no laboratório. O Jalcione conta:

— Em 15 dias o laboratório tem condições de fazer a análise das sementes de setária, pânico, capim rhodes, pensacola e capim guenoaro. Nos casos das sementes mais graúdas, como o milheto, feijão miúdo, siratro, lab-lab e alfafa, o teste leva 30 dias.

Nesta análise se faz o teste de pureza e germinação da semente, para ver se ela tem realmente condições de ser recebida. É claro que nas sementes miúdas, onde o teste de germinação é muito demorado, o laboratório faz apenas uma análise para saber se as sementes são viáveis ou

não. Se elas estiverem vazias, isto quer dizer que elas não irão, seguramente, germinar mais tarde.

Se o laboratório aprovar a semente, o técnico levará até a propriedade um laudo de liberação para a entrega da semente. Será com este laudo e mais a vistoria da semente que o produtor vai poder levar até a Cooperativa a sua produção. Estes dois documentos, explica o Jalcione, darão uma certa segurança de que a semente é boa.

Ao entregar sua carga, será colhida mais uma amostra do produto, onde se fará os testes de impureza e umidade. Este teste final será comparado com a análise do laboratório. Caso os resultados sejam bastante semelhantes o produtor poderá descarregar a semente. Caso contrário, será feito um novo teste, desta vez com a participação do técnico responsável pela semente. Ele é quem vai decidir que medida tomar nestes casos. O Jalcione explica:

— Se o técnico, ao li-

berar a semente, colheu uma amostra bem parelha não haverá muita diferença nestes casos.

Os descontos físicos que a semente de forrageira irá sofrer são os de sacaria (500 gramas por saco), impureza e umidade (que deverá ser de 13, ou no máximo, 13,5 por cento). Do peso líquido será descontado o Funrural (2,5 por cento) a quebra técnica (0,5 por cento) e capitalização (3,0 por cento). E é também sobre este peso líquido que o produtor irá receber um adiantamento sobre a sua semente

A COMERCIALIZAÇÃO

A partir desta safra, a Cotrijuí só irá comercializar sementes de forrageira na modalidade preço médio, dando um adiantamento para cada variedade de forrageira (veja na tabela abaixo). Após classificação e a comercialização do produto poderá ser complementada a bonificação, isto dependendo dos resultados obtidos na comercialização final de cada propriedade.

VALOR DE ADIANTAMENTO — FORRAGEIRAS DE ESTAÇÃO QUENTE

ESPÉCIE	CULTIVAR	PREÇO/Kg
Milheto	Comum-RS	18,90
Capim Setária	Kazungula	315,00
Capim Pânico	Gatton	241,50
Capim Rhodes	Callide	126,00
Capim Pensacola	Pensacola	63,00
Capim Guenoaro	Comum-RS	157,50
Alfafa	Crioula-RS	420,00
Feijão Miúdo	Comum-RS	31,50
Lab-lab	Rongai	42,00
Lab-lab	Highworth	42,00

VENENO, SÓ QUANDO A LAGARTA COMEÇA A PREJUDICAR A PLANTA

Até algum tempo atrás, mal apareciam umas lagartas na soja, e o agricultor já aplicava inseticida na lavoura. Quando chegava o fim da safra, ele já tinha passado umas 3 ou 4 aplicações, e só se salvava de tantos gastos na lavoura, porque o próprio inseticida era louco de barato. E o próprio agricultor, naquele tempo, ainda nem tinha tanto conhecimento de todo o mal que o veneno, quando aplicado desnecessário e sem orientação técnica, podia causar, não só ao homem, como também aos animais. Era lagarta aparecer e inseticida na lavoura. Felizmente, essa época passou e hoje o agricultor já tem maiores conhecimentos, pois a própria orientação técnica, mais intensificada, contribuiu para que o agricultor se desse conta de que não é na hora que a lagarta aparece na lavoura que se faz aplicação, mas sim, na hora em que ela começa a prejudicar a planta.

Na verdade, depois de tantos problemas com inseticidas, pois todo o mundo sabe que muita gente teve problemas de intoxicação, só por causa do veneno aplicado nas lavouras, que o colono anda meio receoso e já não aplica mais veneno assim numa primeira olhada nas lagartas. A situação é tal e aqui deve-se levar em conta também o preço do veneno que anda muito caro, que o pessoal que lida na lavoura anda até procurando outros meios de combater as pragas, como por exemplo, as benzeduras ou "simpatias", como eles mesmo dizem.

PENSANDO NO FUTURO

— O agricultor precisa pensar um pouco no futuro. É preciso deixar alguma coisa de bom para o pessoal novo. Quando eu me dei conta que as coisas não são só prá gente, deixei de usar inseticida na lavoura, porque nesta vida, não é só o dinheiro que conta, mas também a saúde humana, a sobrevivência dos pássaros, dos animais e dos próprios inimigos naturais das pragas. . . Olha que às vezes um pouco de prejuízo por causa da lagarta, não faz mal a ninguém.

Foi justamente pensando no futuro, nas gerações que ainda estão por vir, que o seu Reinoldo Schoertner, da Linha 13, Ajuricaba, deixou de passar veneno nas lavouras a mais de 4 anos. A última vez que passou veneno, foi de avião. Conta que os estragos foram grandes e de quase nada adiantou.

— Matou tudo quanto era bichinho

que tinha na lavoura e nas canhadas. As lagartas morreram, mas dali uns dias, estavam tudo de volta. Foi aí, que desisti de vez.

A dona Leonora reforça a decisão tomada pelo seu marido e diz que quanto mais veneno na lavoura, pior é. "Ele só mata de verdade, o inimigo da lagarta". Comenta que o pessoal que trabalha com agricultura, já fez "muita burragem", pelo desconhecimento das conseqüências de andar passando veneno à toda a hora. "As lagartas não eram mortas porque estavam causando mal às plantas, mas só porque estavam aparecendo na lavoura".

Quase todos os dias o seu Reinoldo sai de casa, meio a passito, examina os pés de soja, conta as lagartas em diversos pontos e volta prá casa.

— Não me encorajo mais de passar veneno. No ano passado, elas comeram todo um canto da lavoura e não passei nada. A planta se recuperou e deu igual.

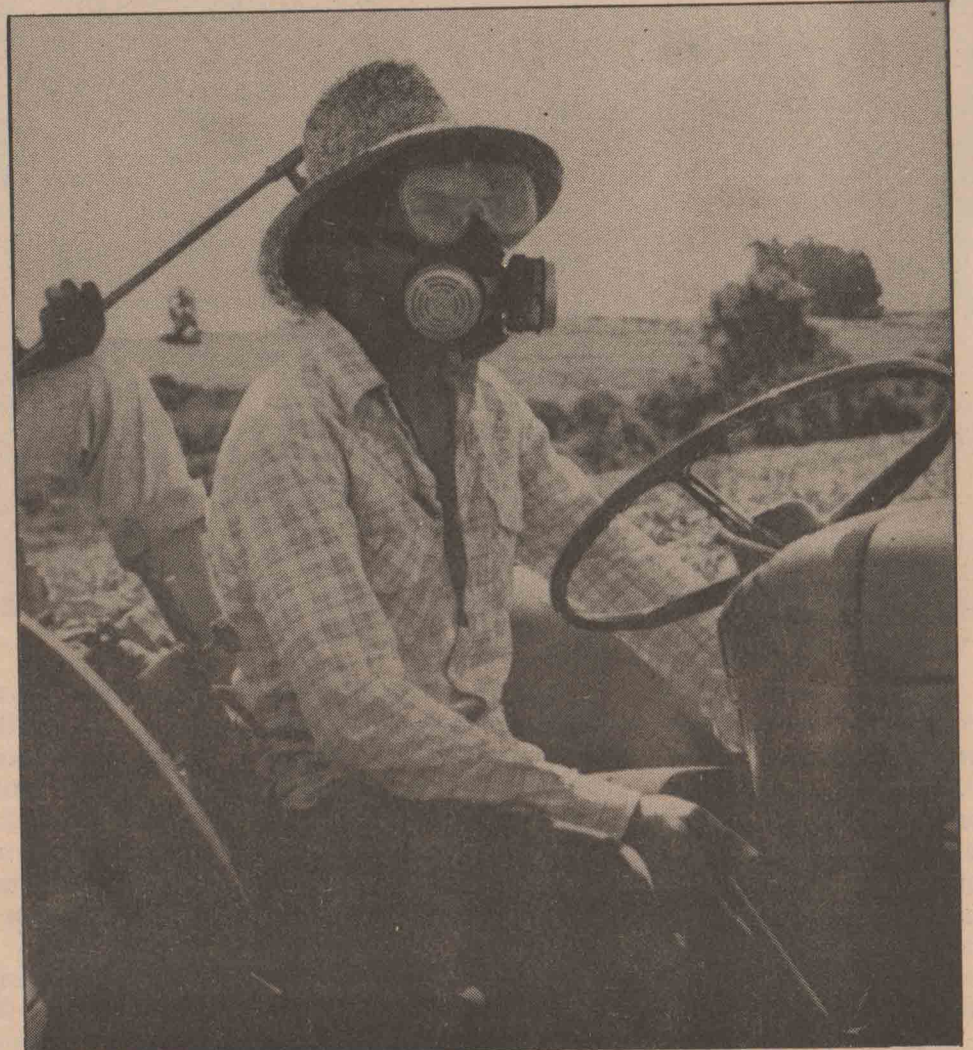
A DOENÇA BRANCA

A sorte dos produtores de Ajuricaba é a "doença branca" ou "nomuraea", que está atacando a lagarta. Ela já apareceu na lavoura do seu Reinoldo e também na lavoura do seu Valdemar Áquila, de Ajuricaba. "É uma praga em cima de outra praga", comenta o seu Valdemar, que ainda não fez nenhuma aplicação e acredita que por este ano, não vai ser preciso. No ano passado, já se livrou de passar veneno e este ano está certo que vai passar sem lidar com as pragas.

A doença branca, causada por um fungo, aparece quando há excesso de umidade e temperaturas elevadas, enquanto que a doença marrom é causada por um vírus, que também anda atacando as lavouras. Se no ano passado a "doença branca" apareceu um pouco e deu até para salvar o seu Valdemar de gastos com veneno, este ano, ela estourou de verdade. O Ildomar Áquila, sobrinho do seu Valdemar, e sempre às voltas com a lavoura, diz que a "doença branca" da lagarta, além de não causar nenhum prejuízo às plantas, vai fazer muita gente economizar.

— Além da economia, ainda tem os peixes, as abelhas . . . Se não for preciso por veneno, é muito melhor.

De cara, já dá para notar a alegria do seu Valdemar que não cansa de falar que a sua lavoura anda toda esbranquiçada, de tanto pó da lagarta, "que anda morrendo aos montes".



Moacir Góí: não deu prá esperar

Parece mesmo que a lagarta está deixando de ser uma preocupação grande para muitos produtores, "o pior é o fedefede que já anda aparecendo", comenta o Ildomar.

O seu Carlos Humberto Coraça, da Linha 25, também Ajuricaba, todo o dia vai na lavoura dar uma olhada nas lagartas. Utilizando-se do manejo de pragas, o seu Carlos vai controlando as lagartas. Cada vez que vai na lavoura, faz várias contagens de lagartas e diz que não é qualquer ponto da lavoura que serve para contar as lagartas:

— Só pego as partes bem limpas, que é prá poder contar as lagartas pequenas.

Se em outros anos anteriores as lagartas deram muita dor de cabeça ao seu Carlos, "pois a infestação era muito maior", hoje ele nem anda lá muito preocupado e até diz, assim meio satisfeito,

que é bom que a lagarta coma um pouco das folhas da soja. "Cortando até 30 por cento da folha, não tem mal nenhum. Se a lagarta não comer um pouco da folha antes da soja florescer, a planta fica viçosa demais. Tem lugar que a soja tá caindo de viçosa.

SÓ DE OLHAR TODOS JUNTOS

O seu Valdemar Bester, do Sítio Gabriel, Miraguaí não teve a mesma sorte que os demais. Logo de início, já teve que fazer uma aplicação na lavoura porque a lagarta andava atacando de verdade.

— A única saída era passar veneno, porque a lagarta andava comendo demais as folhas novas.

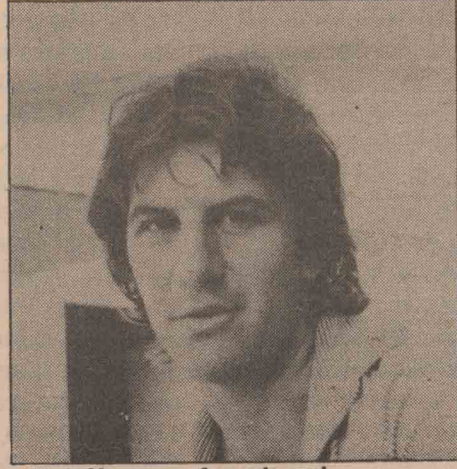
Quando passou o veneno, o seu Valdemar fez uma experiência, deixando um pedaço sem passar o veneno, para constatar se a aplicação era mesmo necessária.



Zeno Hech: ataque fraco



Edgar Kommers: só uma aplicação



Clóvis Hermann: fazendo mal



Reinoldo Schoertner: sem coragem

Veio a primeira chuva e a soja logo se recuperou, mas naquele pedaço, sem o veneno, ele conta que a planta não cresceu como de resto:

— A soja ficou feia, com folhas furadas e bem mais baixas que na outra parte.

Contar lagartas na lavoura, não faz parte das lidas do seu Valdemar. Apesar de controlar as lagartas com “os olhos” e pelos furos das folhas, ele só aplica veneno quando vê que a lagarta anda prejudicando mesmo. Controle biológico e outras formas, como a tal de “armadilha luminosa” e mesmo o “pano branco”, podem até serem testados, “isso se todo o mundo pegar junto”. Caso contrário, não acredita que possa dar algum resultado.

O SAL E AS BENZEDURAS

No sentido de procurar evitar, de todas as maneiras possíveis a colocação de veneno na lavoura, é que o seu Orivaldo Osni da Silva, de Vila Jóia, anda até apelando para as benzeduras contra as pragas na lavoura. E não é só ele, tem muito pessoal daqueles lados, que anda indo até Santa Rosa, buscar um sal bento para espalhar na lavoura. O próprio Ildomar Áquila contou que seu pai foi um dos que andou espalhando sal, benzido pelo padre Luciano por toda a lavoura. Embora não saibam bem ao certo se a benzedura dá certo, tanto o seu Osni como o Ildomar, dizem que as lagartas pararam de aumentar. “Isso vai muito da fé de cada um”, comenta Ildomar.

Por sinal, em benzeduras o seu Osni já anda com muita prática, pois aprendeu as primeiras, quando tinha 14 anos e morava numa fazenda, lidando com gado. Ele é quem gosta de falar das benzeduras.

— Quase sempre benzo as minhas lavouras, seja de soja, de feijão, de trigo, contra a lagarta, o fedede-fede, o pulgão... Depois do benzimento os bichos não aumentam e até começam a morrer por si.

Admite porém, que de uns anos para cá, depois que o pessoal deixou de colocar tanto veneno na lavoura a incidência de lagartas, diminuiu bastante.

— Hoje a gente não vê tanta lagarta como via até uns cinco anos atrás. É que se criou muito passarinho, que comem as borboletas e as próprias lagartas. E tem os inimigos da lagarta que começam aparecer em grande quantidade pelas lavouras. Por isso, que acho que o agricultor tem de fazer o possível para colocar o mínimo de veneno na lavoura.

Também o Zenir Tisott, de São Pedro, Vila Jóia, diz que a lagarta ainda não começou a incomodar, “mas se ela vier, é veneno em cima dela”.

No ano passado, o Zenir passou veneno na lavoura apenas uma vez. Foi tiro e queda e não ficou nenhuma para contar das outras. Este ano ele anda de olho nas folhas da soja, mas acha que os furos ainda são poucos:

— Por enquanto ela não anda brada e nem anda fazendo estragos demais.



Carlos Coraça: caindo de viçosa

O caso de Moacir Goi de Rincão dos Goi, Ijuí, já é diferente. Foi início de fevereiro, numa tarde das mais quentes, que não deu mais para esperar. Vestiu umas roupas grossas, máscara e tudo o mais, subiu para cima do trator e teve de fazer uma aplicação de veneno na soja. Ele conta porque não deu para esperar mais um pouco:

— A lagarta até que dava prá dar uma esperada, a gente não contava nem umas 40 por pé, como o pessoal técnico recomenda, mas a broca nas axilas andava judiando demais da soja.

Também não é assim por meia dúzia de lagartas na soja, que o Clóvis Hermann e o pai, seu Eugênio, de Rincão dos Goi, se atacam a aplicar veneno na lavoura. Até já fazem dois anos que as suas lavouras não vê veneno. O Clóvis conta porque ele e o pai não gostam muito de andar lidando com veneno.

— Todo o mundo tá sabendo que o veneno anda fazendo muito mal prá saúde. Os exemplos andam por aí. Quando não é agricultor morrendo por causa da intoxicação, é ficando muito doente.

Como a lavoura não é muito grande, o Clóvis diz que é meio fácil de vigiar as lagartas de perto. Usando o manejo de pragas, diz que esperam manter o controle até o fim, “sem necessidade de venenos”. Se aumentar muito a lagarta, diz que talvez até parta para a benzedura ou do sal benzido, “que o pessoal anda usando muito. Quem sabe até dá certo”.

SÓ UMA VEZ

Como a lagarta “andava danada”, o seu Edgar Rudi Kommers, da Linha 9 Norte, Ijuí, teve de passar veneno nuns pedaços, mas conta que sabe de gente que nestas alturas já andou fazendo até três aplicações.

— É que às vezes tem bastante lagarta, mas ela não tá prejudicando tanto a lavoura. Eu sempre espero um pouco, se vejo que não adianta, aí passo o veneno.

Seu Edgar conta que até algum tempo atrás, era aparecer um furo numas folhas de soja, que o pessoal já dava um jeito de lidar com o veneno. “Pelo pouco conhecimento do agricultor, ele tinha uma idéia errada das coisas”.

Embora explique que nunca fez o manejo de pragas, “por desconhecimento”, seu Edgar controla as lagartas dando uma olhada no estado das folhas, mas não sabe ao certo, quantas lagartas podem aparecer por pé.

Se a lagarta já andou incomodando muita gente, o seu Zeno Hech, da Linha 9 Norte anda louco de faceiro, pois o ataque de lagarta anda fraco.

— Enquanto a lagarta não ataca a brotação nova, não existe muito perigo.

Preocupado com os estragos que o veneno causa, o seu Zeno anda pensando seriamente em se utilizar do manejo de pragas, “pois acho que é a melhor maneira do agricultor descobrir por si, a hora certa de fazer aplicação”.



Valdemar Bester: única safra

O jeito de contar lagartas na lavoura

Reconhecer os inimigos naturais das pragas, é um dos primeiros passos que o agricultor interessado em fazer manejo de pragas, deve tomar. Através do manejo de pragas, o agricultor tem condições de economizar muito, já que só fará aplicação de inseticida na lavoura, quando realmente houver necessidade.

Na hora de contar as pragas da lavoura — as mais importantes são lagarta da soja, lagarta falsa medideira, a broca das axilas ou dos ponteiros, o percevejo verde, o percevejo pequeno e o percevejo marrom — o agricultor deverá usar o “pano de batida”, que é um pano branco, de um metro de comprimento por 80 centímetros de largura, com suportes de madeiras ou de cabo de vassouras dos lados. Este pano deve ser colocado entre duas fileiras de soja. Logo após, se inclina as plantas por cima do pano, batendo firme sobre elas para que as pragas caiam em cima do pano. E depois é só contar quantas caíram naquele pedaço. Para se tirar uma base do número de pragas da lavoura, se faz necessário repetir a amostragem em diversos pontos. Por exemplo, numa lavoura de 9 hectares, é preciso fazer 6 pontos de amostragem, para uma de 9 até 29 hectares, são necessários 8 pontos e para uma lavoura de 29 a 99 hectares, é preciso 10 pontos de amostragem. Se a lavoura tiver mais de 100 hectares, os técnicos recomendam que se divida a lavoura em partes.

Feita a amostragem, faz-se um

balanço da situação da lavoura. Se houver menos de 40 lagartas ou 30 por cento de desfolhamento — folha comida pelas lagartas — antes da floração, não é necessário fazer aplicação; menos de 40 lagartas ou 15 por cento de desfolhamento depois da floração, ainda não há necessidade de aplicação.

No caso da broca das axilas, o pano batido não é suficiente. O agricultor deverá examinar cuidadosamente a parte de cima das plantas para ver se está acontecendo ataque de brocas. Se em dois metros de linha de soja, for encontrado 50 plantas e todas atacadas pela broca, é porque o ataque é de 100 por cento. Se nas 50 plantas, apenas 10 plantas estiverem atacadas, o ataque é de 20 por cento. O agricultor só deve fazer aplicação de inseticida, quando o ataque de brocas atingir 30 por cento, nestes dois metros.

Já os percevejos só começam a incomodar depois que as plantas tiverem vagens e o ataque sempre começa na beirada da lavoura. Neste caso, quando os percevejos estiverem com mais de meio centímetro de tamanho, faz-se necessário uma aplicação apenas naquela faixa atingida.

Para melhor controle de pragas, o agricultor deve visitar sua lavoura, no mínimo, uma vez por semana. Logo que inicia o amarelecimento e houver queda das folhas da soja, mesmo que existam pragas na lavoura, não há mais necessidade de aplicar inseticida.

A conscientização do agricultor

Lá pelos lados de Ajuricaba, o pessoal que lida com a soja anda louco de faceiro, pois a tal de “doença branca” está invadindo algumas lavouras e transformando as lagartas num pó branco. Depois que apareceu a tal de doença, o pessoal anda diminuindo as aplicações de inseticida. O agrônomo Silvino Costa Beber, do Departamento Técnico de Ajuricaba é quem fala sobre as aplicações de veneno:

— Desde o ano passado, o pessoal diminuiu as aplicações, mas houve um tempo, que era comum um associado entrar na cooperativa, reclamando que o veneno que o vizinho tinha aplicado na lavoura, havia invadido a sua casa.

Segundo o Silvino, o pessoal hoje já está sabendo que não é mais quando aparece a primeira lagarta, que se aplica veneno, “mas quando ela começa a prejudicar”. Por outro lado, tem o próprio controle biológico,

com o aparecimento da “doença branca” ou da “doença marrom”, que anda ajudando a controlar as aplicações.

Para o agrônomo Alberto Parenti Filho, do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí, o aparecimento de tantos inimigos naturais da lagarta se deve ao fato de que “o pessoal não usou tanto veneno nas lavouras nos últimos anos”. Por outro lado, admite que a orientação técnica tem ajudado muito o pessoal a não se atracar a colocar veneno assim sem mais nem menos. “É que o pessoal está bem conscientizado da situação, das conseqüências e dos perigos de aplicações desnecessárias”.

Embora o surto de lagartas, num geral esteja meio sob controle, o Parenti recomenda que o pessoal não desgrude os olhos da lavoura, “para que não tenham prejuízos logo agora, quando a soja já anda na metade do caminho”.



As histórias dos carpidores são quase sempre as mesmas. Entre um causo e outro, eles cantam, cochicham. Mas a alegria dura pouco. Quando a carpida termina, é preciso procurar emprego. E onde há emprego?

UM DIA DE CAPINA



Bem cedo, antes das seis horas, o caminhão vai enfrentando a buraqueira das ruas dos bairros. É um Mercedão que, de parada em parada, recolhe homens, velhas, crianças. A carroceria vai ficando lotada. O pessoal se cumprimenta, se amontoa, cuidando pra não largar o pé em cima das enxadas. Tem gente que pede pra ir junto, mas não vai: a turma está completa.

Quando o sol começa a sair detrás das nuvens, o caminhão pega o asfalto. Na última parada, o Mercedão não pega ninguém. Mas Neri volta de um bolicho com bastante mantimento e pacotes de cigarro. Ele é o empreiteiro, o homem que organiza a turma de carpidores. Um dos tantos empreiteiros de Santo Augusto, onde o sono desses bóias-frias gaúchos é cortado de madrugada, às vezes pelas buzinas dos caminhões.

A turma do Neri tem umas 60 pessoas, e até que é silenciosa. Ninguém está autorizado a fazer bagunça dentro da carroceria. E só acontece alarde, antes da viagem prosseguir, na última parada. Um bêbado atravessa a rua, costeia o caminhão, e vai

dando ordem:

— O que é que vocês estão fazendo aí parado? A lavoura tá lá esperando. Vão carpir duma vez. Onde é que se viu uma coisa dessas?

O pessoal ri, provoca o bêbado, e a ordem parece ser obedecida. O Mercedão arranca em direção a São Pedro. É para lá que eles vão, com enxadas, facões e saquinhos de plástico dependurados na cintura, levando a merenda de pão e manteiga que vão ganhar a fome antes do almoço.

OS GRAÚDOS PRA CÁ, CRIANÇA PRA LÁ

Pouco depois das sete horas, o desembarque na estrada, e a lavoura é invadida, de repente. Crianças para um lado, gente grande pra outro. Os três capatazes ficam por perto. É permitido cantarolar, e eles cantam "Coração Alado", com a música da novela das oito gravada na cabeça. Só não é permitido embromar, ficar tagarelando em grupo, tentando arranjar namoro, enquanto o serviço não anda. E pode dar namoro na carpida? Pode e já aconteceu de muita gente

sair do meio da soja com casamento meio atado. Pode até dar briga, como aconteceu em Coronel Bicaco, onde um carpidor foi morto por outro a enxadas. Mas isso não acontece na turma do Neri. Os capatazes são exigentes, fiscalizam de perto, desmancham as rodas de cochicho. Só não conseguem controlar as crianças: uma hora de serviço e a gurizada fugiu duma curva onde havia muito manduruvá no café brabo.

Geci dos Santos, de 14 anos, ficou no bem bom. Ela carpia o barranco, na beira da estrada, longe dos manduruvá. Geci está entre os que retornam à lavoura, mas não como donos da terra. Tem 11 irmãos, e a família saiu de Redentora para morar em Santo Augusto. Ela conta:

— O pai tinha 8 hectares. Meu irmão de dois anos começou a ficar doente, e ele gastou tudo com hospital. Até hoje o guri tá no hospital. Dá uns ataques que parece que o guri fica morto. Aí o pai teve que vender a terra. Agora ele e a mãe também andam carpindo por aí.

Geci estudou até a 4ª. série, e gosta mais de carpir do que ficar nu-

ma sala de aula. Outra que não gosta de estudar e largou tudo na 5ª série é a Rosane Maria da Silva, de 15 anos. O pai é operário da Prefeitura, e a mãe trabalha em casa. Rosane tem oito irmãos, e decidiu capinar no início de fevereiro, depois de trabalhar uns tempos como empregada doméstica.

PAI, MÃE E FILHO. TODOS NA ENXADA

A gurizada fica mais tempo se assustando com os lagartões do que carpindo mesmo. Mas o Waldir Walter, de 11 anos, está longe do grupo. Ele trabalha junto com o pai, Arlindo José de Oliveira, e com a mãe, Doloci. Há quatro anos que o Waldir está nessa, e o pai garante que ele é bom na enxada:

— Mas ele fica nesse trabalho só nas férias. Está no 3º ano. Se começa a burrar, entra pro laço.

Toda a família é boa na enxada. Tanto que seu Arlindo ganha 270 cruzeiros por dia, enquanto a maioria dos adultos recebe 250, e as crianças ficam com 200. Arlindo é empilha-

dor, e está carpindo porque pediu demissão da firma onde estava. Queria pegar o Fundo de Garantia pra reformar a casa.

Depois da época da carpida, ele pretende voltar ao mesmo emprego. E dona Doloci retorna ao trabalho de casa, porque se empregar de doméstica é que ela não vai. Já trabalhou na casa dos outros, mas acha que não vale a pena:

— A gente trabalha o dia todo, ganha pouco e o serviço não aparece. Acho que o Waldir deve mesmo estudar. Só que nem sempre isso ajuda. Quem é que diz que eu tenho o 5º ano primário?

UM ESTÁ AUSENTE. MOTIVO: A FOME

Perto do meio-dia, as conversas vão sendo deixadas de lado. O pessoal já está meio sem fôlego. Mas só Neri tem relógio, e é ele quem diz quando os outros devem parar. O Mercedão encosta na beira da estrada, e de repente começa a correria em direção ao caminhão.

A barriga ronca de fome, mas é preciso esperar mais um pouco. Com papel e lápis na mão, o empreiteiro lê uma lista de nomes. Quem estiver na carroceria deve responder a chamada. Às vezes a coisa empaca, e Neri repete o nome do carpidor, para saber se ele está ou não no caminhão. Aí, então, alguém explica:

— Está ausente. Não veio hoje. Motivo doença. Ou motivo fome mesmo, falta de bóia em casa.

Alguns riem da explicação, e logo depois Neri diz porque faz a chamada. Tem gente nova no meio dos carpidores velhos. Para essa gente de primeira capina, ele faz um alerta: "Quem quiser reclamar alguma coisa, que reclame agora. Depois, na hora do pagamento, não tem reclamação".

DONA ANA: 62 ANOS. E SEM CARTEIRA

O acampamento fica na granja, perto da lavoura. Na beira do fogo, as duas cozinheiras: Ana Maria Eleodoro Neta e Marta da Silva. Dona Ana tem 62 anos e ganha 270 cruzeiros por dia. É viúva, tem quatro filhos em casa e acha que o trabalho compensa. Nunca teve carteira de trabalho, e agora não pensa mais nisso, pois está querendo se aposentar. E quando adocece, como é que fica?

— Aí se faz que nem bugio comendo folha. Faz 13 anos que eu não consulto um médico.

Depois da carpida, ela volta pras lidas de lavadeira, ganhando 80 cruzeiros por dia. É o que dona Marta também poderá fazer, se não arranjar coisa melhor. Ela sustenta a casa. O marido está doente da coluna há três anos. Com uma filha pequena, o casal não tem mais ninguém que ajude.

— Já trabalhei como doméstica, por hora. E só ganhei salário quando fiquei na limpeza das ruas. Mas carpir pedra é coisa de louco. Isso faz uns três anos, e eu tive carteira assinada só por uns quatro meses.

UMA FILA QUE NÃO ACABA NUNCA

A fila vai se formando, numa beirada do galpão, o pessoal com os pratos de plástico na mão. Prato e garfo, tudo é trazido de casa, mas o empreiteiro dá a comida. Tem arroz, feijão, abobrinha, mandioca, carne de porco, salada de batata e massa. A maioria come duas vezes, mas outros quase não saem da fila. Vão e voltam, sempre querendo mais.

É o caso do "Sete Pratos", o carpidor que sente uma fome danada. Os outros ficam cuidando, pra ver se ele vai repetir a dose. Para os novatos, explicam o apelido do rapaz, e pedem que vejam como ele não sai mesmo da fila:

— Come sete pratos, toda vez. Lá vai ele de novo com o prato cor-de-rosa.

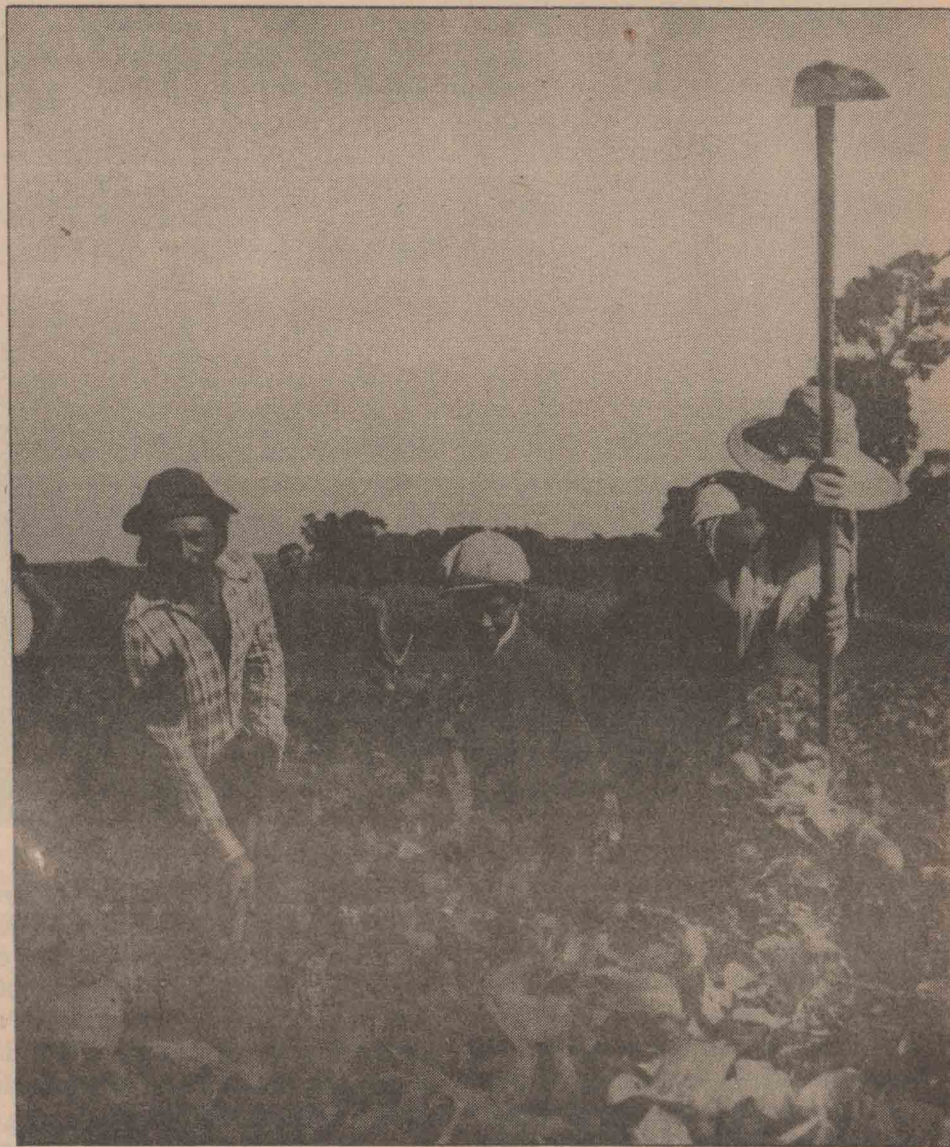
Não há mesas. A saída é ficar acorocado ou empoleirado em tocos de árvore e em cima de implementos. Neri e os capatazes comem por último, e quase ficam sem arroz. Mas o resto não faltou, mesmo que o empreiteiro deixe o pessoal comer à vontade.

DE TARDE, AÍ SIM A SEDE APERTA

À uma e meia, o retorno à lavoura, e agora é que fica brabo. O sol castiga os carpidores, e deixa Maria Alves de Chagas, a puxadora d'água, meio apavorada. Ela e Noraci Souza Machado carregam uma lata com uns 10 litros, do poço de uma granja de perto até o meio da lavoura. Maria se lamenta:

— Puxar água é pior que arrancar mato. Tenho dois filhos e ando ajuntada com um cunhado da Noraci.

Elas perdem as contas das cargas que têm que levar aos carpidores, para que ninguém fique com sede.



Arlindo, Waldir e Doloci: uma família boa na enxada

Mas nenhuma quer trabalhar como doméstica, quando a carpida terminar. Maria acha que vai ficar uns dias em casa, até arranjar um emprego. Que não seja de doméstica.

O calor parece que é pior pra quem tem que carpir a lavoura dos outros, lembrando que até bem pouco tinha um pedaço de terra e perdeu. É o caso de dona Marta Bueno, viúva, 9 filhos. Há seis anos, antes de morrer, o marido decidiu que ia vender os 20 hectares que tinha. Morreu, e só depois é que dona Marta fechou o negócio:

— Deu 180 mil. Comprei dois terrenos e duas casas em Santo Augusto. Uma casa eu alugo. Quando não tem carpida, trabalho de doméstica. É preciso trabalhar. Tudo está caro.

Quase na mesma situação está a dona Eva Fidêncio Bueno. Sempre trabalhou na roça, mas antes o marido, Gentil, era agregado. Há dois anos foram morar na cidade, e agora Gentil é peão, enquanto ela pega na limpeza das lavouras. Têm três filhos,

e dona Eva ganha a vida durante o ano trabalhando como doméstica.

SERVIÇO PRA TODOS? E DE QUE JEITO?

Às seis e meia, hora de voltar pra casa e olhar pra trás, na beira da estrada, pra ver quanta mancha foi derrubada. Quem ainda tem força, dá uma cantarolada. O caminhão volta à cidade e, de parada em parada, vai largando o pessoal. É na hora da volta que aparecem os arranhões nas pernas, os cortes nos dedos, a dor nas costas. Mas quase sempre nada tem de mais grave.

No outro dia, o Mercedão vai fazer tudo de novo, catando gente nas vilas de Santo Augusto. É sempre a mesma coisa, até terminar a carpida. Mas só vai voltar pra lavoura quem não embroma e não se queixa. Os outros que fiquem por ali, até que apareçam outros empreiteiros. É como diz o Neri:

— Às vezes o cara é trabalhador, mas não dá pra levar. Não tem serviço pra todo mundo.



Geci: trocando o estudo pela enxada



Marta e Ana: carpida dá mais dinheiro



Marta e Eva: no inverno, domésticas



Reduzindo os gastos, cuidando do solo



As crianças também entram nesse mutirão

Por que, afinal, a carpida voltou às lavouras? Com o uso dos herbicidas, nos últimos anos, poucos deveriam estar esperando que isso um dia acontecesse de novo. E agora a situação tem coisas novas. Pela primeira vez os produtores contratam turmas enormes de carpidores da cidade. Antes, os próprios empregados das granjas realizavam o serviço, e nas pequenas áreas era a família mesmo quem ficava com a tarefa de livrar a soja do mato.

O agrônomo Antônio Vieira dos Santos, da unidade de Santo Augusto, acha que o município serve bem de exemplo do que está acontecendo. Ali ele acredita que a redução no uso de herbicidas vem ocorrendo nas últimas safras, e chega a mais de 50 por cento, se comparada com a época em que os ve-

nenos tomaram conta da lavoura. Outro detalhe importante, para que Santo Augusto dê bem uma idéia da situação, é o de que o município tem um bom número de granjas. No resto da zona da soja o minifúndio é que predomina, e aí essa mão-de-obra da cidade não entra.

As carpidas estão acontecendo em lavouras médias, com 200 hectares pra mais, segundo o técnico Wilton Treuherz, também de Santo Augusto. É que a partir de áreas médias que o trabalho compensa mais, no caso das empreitadas. Nas áreas pequenas o próprio agricultor e a família cuidam da limpeza.

PREOCUPAÇÃO COM O SOLO

Segundo o Antônio, os produtores estão mesmo preocupados com a preservação do meio ambien-

te e com redução de custos. Mas, antes da economia, tem um fator que vem sendo muito mais considerado: é a preservação do solo. "Os herbicidas não só podem prejudicar a lavoura onde foram aplicados, como também trazem prejuízos a outras culturas, pois têm efeito residual, permanecem no solo", lembra o agrônomo.

Em Santo Augusto, o Antônio notou que alguns granjeiros destinaram parte de suas áreas para famílias contratadas nos últimos anos, só para cuidarem da limpeza das lavouras. Essas famílias ficam morando nas terras, e não só o homem vai para a carpida. A mulher e os filhos também pegam no serviço.

As outras formas de organização das carpidas são as empreitadas, em que o produtor não trata diretamente com os carpidores e sim com o intermediário, e ainda o pagamento direto aos trabalhadores. Nesse último caso, geralmente é o capataz da granja quem cuida da coordenação do trabalho, efetuando o pagamento ao pessoal.

Para o Antônio, outro fator importante, como estímulo à capina, é a liberação das verbas destinadas a este serviço, por parte do Banco do Brasil. Mas mesmo assim ainda há muita gente com medo das tais questões trabalhistas. Os granjeiros acham que assinar carteira de muita gente é coisa muito trabalhosa. Para estes, a única saída por enquanto são os herbicidas.

Muitas vantagens e alguns riscos

Caetano Ruttilli decidiu aumentar a capina em sua lavoura como experiência, este ano, e ficou empolgado. Não é pra menos: a economia, em comparação com o uso de herbicidas, fica em torno de 30 por cento, segundo ele. Caetano arrenda uma terra do pai, Miguel Ruttilli, na localidade de São Pedro, e foi ali que a turma do Neri andou carpindo no início de fevereiro. Foram 150 hectares de capina.

Este ano, Caetano diz que a carpida pegou 40 por cento da lavoura. Mas no ano que vem ele quer ver se não usa nada de herbicida em pelo menos 80 por cento da área de 550 hectares. É a primeira vez que ele contrata gente da cidade para o serviço. Até agora o pessoal da própria granja realizava o trabalho, mas sem pegar áreas muito grandes.

As vantagens que ele aponta são essas: a economia, a poluição que é evitada, o tempo ganho. Caetano pagou 1.200 cruzeiros por hectare, e acha que economizou com herbicida e óleo diesel do trator. Ele lembra que o veneno pega a lavoura toda, e não só as manchas. Além disso, o produto pode ser aplicado num dia, e no outro vem chuva e lava tudo. Numa car-



Caetano: empolgado com a capina

pida, nada de mato fica na lavoura, o que também é vantagem, pois os herbicidas não matam todas as ervas.

EXISTE UM RISCO

Mas tem uma desvantagem: o risco representado pelas questões trabalhistas. Os carpidores não têm carteira assinada,

e por isso não contam com os direitos de outros trabalhadores assalariados. Se eles recorrerem à Justiça, vai dar problema dos bem grandes para o granjeiro, pois trabalhador nenhum pode ficar sem os benefícios previstos nas leis.

Caetano sabe que, se der esse estouro, tudo vai recair sobre ele, e não sobre o empreiteiro, que é apenas um intermediário e geralmente não tem nada para indenizar os carpidores. Só que ele não sabe de que forma legalizar o pessoal. "Como assinar carteira de 60 pessoas, para um trabalho de pouco tempo?", é o que ele pergunta.

No próximo ano, o agricultor pretende dispensar o serviço do empreiteiro e pagar diretamente aos carpidores, por entender que "o risco é o mesmo". Ele tem ainda uma sugestão: a legalização dessa mão-de-obra, através da criação de uma empresa de prestação de serviços, uma empreiteira. Essa empresa terminaria com o temor dos produtores, já que muitos granjeiros — segundo o Caetano — não empregam carpidores por causa das questões trabalhistas, por não terem condições de tratar diretamente com tanta gente.

Serviço rápido e caprichado



Neri: já fez de tudo um pouco

Ele tem intimidade com os carpidores. Mas na "hora de pegar" impõe respeito. Anda pela lavoura, acompanha o trabalho, cuida dos mantimentos, faz contas. Neri Soares, o empreiteiro da turma de homens, mulheres, velhos e crianças, gosta do que faz. E garante que seu serviço é caprichado.

A função dele é meio nova em Santo Augusto e outros municípios da região, onde a capina foi trocada pelos herbicidas. Os carpidores são, geralmente, gente que ele conhece. Ganham de 300 a 250 cruzeiros por dia, dependendo do rendimento de cada um. Dá o almoço, e só com a comida gasta perto de 3 mil cruzeiros por dia.

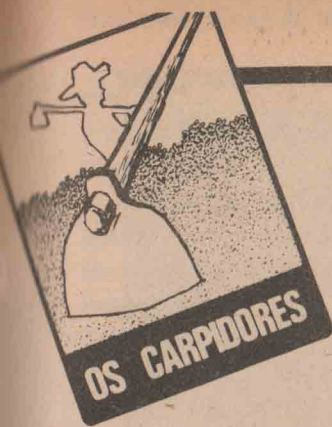
Só não gasta com o transporte, porque o dono da granja entra com o caminhão. Uma carpida com enxada sai por 1.200 cruzeiros o hectare, e pra arrancar o mato à mão cobra 2 mil. É a terceira safra que ele empreita. Já trabalhou como classificador de sementes, fez de tudo um pouco.

— Parado é que não se pode ficar. Tenho dois filhos e a gente precisa encontrar uma saída ou fica sem pão.

Nesses três anos, ele nunca teve problema com o pessoal, mesmo que não assine a carteira de ninguém. É tudo na base do recibo, como a maioria dos empreiteiros faz. Só que Neri nunca pensou em fugir com o dinheiro da carpida, como alguns já andaram fazendo.

Para pegar uma empreitada, ele precisa de uns 60 carpidores, dois puxadores d'água e duas cozinheiras, além de contar com três capatazes. O serviço tem que ser rápido, ou ele perde dinheiro, pois cobra por área e paga por dia.

Ele acha que pode pegar fama de bom empreiteiro, e diz que seu trabalho vem sendo elogiado. Neri também é filho de ex-agricultores. A família tinha terra em São Martinho, mas ele sempre trabalhou longe de casa. Por isso, não sentiu tanto quando o pai ficou sem sua lavoura. Quando terminar a capina, ele pretende voltar à classificação de sementes, ou vai ensacar grãos em alguma granja.



Na época da capina, a cidade se transforma. Depois, tudo volta ao que era antes. E cada vez chega mais gente atraída pela falsa idéia de que há trabalho para todos.

Em busca do emprego que não existe

Ninguém encontra empregada doméstica. Não há tantos desocupados nas ruas. Os casos policiais praticamente deixam de existir. Estas são algumas das conseqüências da carpida, apontadas por quem mora em Santo Augusto. A cidade muda bastante na época da capina, durante o verão, e desde a safra de soja do ano passado é que isso vem acontecendo.

Mas essa forma de subempregar o pessoal das vilas dura pouco, e depois a cidade volta a conviver com muita gente marginalizada, sem emprego. A única vantagem fica por conta dos que andam à procura de domésticas, porque no mais tudo é prejuízo. O fim da carpida traz de volta para a periferia de Santo Augusto centenas de pessoas que não encontram ocupação. E isso

acontece também nas outras cidades, com a diferença de que ali há mais de mão-de-obra sem trabalho.

Outra diferença é a de que Santo Augusto vai se transformando em polo de atração de migrantes. Há quem diga, como dona Carmem de Moraes, que a carpida ajuda a chamar gente de fora. Ela é diretora da Divisão de Saúde, Trabalho e Ação Social da Prefeitura e presidente da LBA, a Liga Brasileira de Assistência. É dona Carmem quem conta:

— Nessa época, notamos que reduz o número de indigentes. Mas depois eles voltam, pedindo remédio, comida, passagem de ônibus para voltar para suas cidades.

FAZER O QUÊ?

Os carpidores vêm de todo o lado: do interior de Santo Augusto



Crescendo no meio do desemprego e andando daqui pra lá

ou da zona rural de outros municípios. E muitos ficam ali mesmo, ocupando loteamentos clandestinos. Beatriz Bloedow, secretária da LBA, diz que só no ano passado 875 pessoas foram atendidas como indigentes, por não terem emprego e nenhuma forma de ganhar dinheiro.

“O que a gente pergunta pra eles é isso mesmo: vêm para cá pra fazer o quê?” Não há mesmo o que fazer, mas mesmo assim os migrantes aparecem. “Um dia estão aqui, no outro já se mudaram, vivem pra lá e pra cá”, diz dona Carmem. E o esquema assistencial não vai resolver os problemas de tantas pessoas desempregadas, doentes, famintas. A única saída é perambular, depois de perderem suas terras.

O inspetor Manoel de Oliveira, da Delegacia de Polícia, acha que não é preciso ficar muito atento para notar que a carpida esvazia um pouco a cidade. Segundo ele, nesse período a DP quase não registra brigas em bares, desavenças por bebedeira. E até as arruaças em casa mesmo, entre marido e mulher, quase deixam de existir.

Para Manoel, é fácil de se entender tudo isso. “Uma família com um dinheirinho em casa não entra em desavença. As brigas acontecem quando o marido está desempregado e encontra problemas em casa”, diz ele. Em março, a capina termina, o dinheiro acaba e as arruaças recomeçam. E de ano a ano, Santo Augusto vai ganhando mais carpidores.

A relação de trabalho entre produtores e os chamados “bóias-frias” ou carpidores tem conceituação variada diante dos tribunais, segundo o departamento de Assessoria Jurídica da Cotrijornal. Mas nem por isso o vínculo empregatício deixa de existir. Na verdade, a jurisprudência formada é de que há vínculo, e por isso o produtor deve se precaver, obedecendo as obrigações trabalhistas. A jurisprudência existe a partir do momento em que um ou mais casos são analisados e enquadrados dentro de uma determinada legislação.

Isso quer dizer que, mesmo sendo eventuais, os serviços prestados pelos carpidores devem ter o respaldo das leis que lhes asseguram direitos e obrigações. Nesse caso, uma das saídas apontadas pelo departamento, para que o produtor evite maiores transtornos, é a contratação desse pessoal com contrato escrito, com prazo determinado. Extinto o contrato, não mais haveria obrigação quanto ao pagamento de aviso prévio. Restaria, porém, a necessidade de pagamento de férias e décimo-terceiro salário proporcionais, de acordo com o tempo de duração do contrato, e mais as horas extras.

COMO CUIDAR DISSO TUDO?

Atualmente, estão sendo consideradas atividades eventuais, apenas os chamados “bóias-frias”, em que um trabalhador presta um serviço por tempo bastante limitado, como descarregar um caminhão ou realizar uma pequena tarefa. Mesmo assim, inclusive esses trabalhadores que se

As questões trabalhistas

oferecem para “bicos” vêm sendo amparados, cada vez mais, por direitos trabalhistas. O trabalho dos carpidores não está, portanto, incluído entre as atividades eventuais que não tornam obrigatório o cumprimento da legislação trabalhista, como desconto previdenciário, concessão de férias, pagamento de horas extras e décimo-terceiro salário, aviso prévio e outros direitos previstos.

Mas como o produtor cuidará de todos esses detalhes, para que não corra o risco de enfrentar questões trabalhistas na Justiça? Para o departamento de Assessoria Jurídica, a melhor alternativa seria a contratação de um profissional de contabilidade que cuidasse desse aspecto. Esse contador pode assumir, em caráter permanente, o cuidado desses assuntos, pois as questões trabalhistas envolvem muitos detalhes técnicos. Além disso, o agricultor não terá tempo suficiente para cuidar da lavoura e tratar de toda essa burocracia.

ORGANIZAÇÃO DOS CARPIDORES

Outra saída, mais favorável aos produtores, seria a organização dos carpidores, inicialmente em sociedades e, posteriormente, em sindicatos. Isso permitiria, entre outras coisas, a assinatura de contratos coletivos de trabalho, facilitando inclusive a colocação dessa mão-de-obra. Essa saída, dependeria, é claro, da vontade

dos próprios trabalhadores em se organizar, para que uma entidade ficasse com a tarefa de estabelecer as relações trabalhistas com os produtores.

Todas essas questões, que o agricultor nem sempre consegue decifrar, vêm fazendo com que cresça, ano a ano, o número de reclamações trabalhistas nas Juntas de Conciliação e Julgamento. Não são poucos os produtores que contratam serviços sem atentar para a assinatura de contratos, emissão de recibos, concessão de férias, repouso semanal e outras obrigações.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES

Para que o produtor não seja surpreendido, o departamento fez uma lista com as principais medidas que ele deve tomar, na condição de empregador. Com essas precauções, o trabalhador estará com seus direitos assegurados, e o agricultor evitará aborrecimentos:

- 1 – Não contratar empregado sem contrato escrito, com direitos e obrigações bem definidas.
- 2 – Não efetuar pagamento sem comprovantes, por escrito, do recebimento, e devidamente testemunhado. Se o trabalhador for analfabeto, deve “assinar” o recibo com sua impressão digital.
- 3 – Não conceder férias sem o devi-

do comprovante fornecido pelo empregado, com assinatura ou impressão digital, se for o caso. As férias têm de ser gozadas pelo empregado. Não podem ser pagas. O trabalhador só poderá receber pagamento pelos últimos 10 dias. Através de acordo entre as partes, ele “vende” esses 10 dias e fica trabalhando durante o tempo que lhe resta de férias.

4 – Não pagar o décimo-terceiro salário na época devida, ou o décimo-terceiro salário proporcional, sem que o empregado assine o recibo.

5 – No caso de demissão por justa causa ou não, sempre pagar o décimo-terceiro proporcional.

6 – Pagar férias proporcionais somente após o primeiro ano de serviço, e no caso de demissão sem justa causa.

7 – No caso de demissão por justa causa, não cabe o pagamento de férias proporcionais.

8 – Pagar as horas extras não compensadas.

9 – Estabelecer por escrito, e com as devidas cautelas legais, a compensação das horas extras.

10 – Integrar nos salários as horas extras não-compensadas.

11 – Distinguir sobre o pagamento de repouso remunerado.

12 – Pagar com acréscimo de 25 por cento aos domingos e feriados trabalhados.

13 – Atender às obrigações previdenciárias e de ordem fiscal.

14 – Atentar para o caso das atividades insalubres, que exigem um pagamento adicional.

UMA PLANTA LOUCA DE FÁCIL

Juntar as palhas, tirar a semente e atar a vassoura é um trabalho simples para quem já anda acostumado a lidar com vassouras. A planta não dá trabalho. Depois da vassoura pronta é só encontrar o comprador.

Logo que casou, uma das primeiras coisas que o seu Arlindo Egon Rehfeld, do Barro Preto, Ajuicaba, tratou de fazer, foi o de aprender a técnica de vassoura colonial. Quem ensinou o seu Arlindo a fazer uma vassoura bem direitinha, foi a dona Hardili, que trouxe técnica da casa de seus pais. Desde então, seu Arlindo não falha um ano sem fazer uma porção de vassouras para vender na vizinhança toda.

No ano passado, só de meio hectare de terra, no primeiro corte, o seu Arlindo tirou 121 vassouras. No segundo corte, deu 138 vassouras. E tudo de semente "crioula", que entre uma lida e outra, o seu Arlindo aproveita o tempo vago e vai plantando.

— Nós andamos numa época de crise muito grande e a solução é plantar e criar de tudo e um pouco. Aqui, na minha terrinha, vou me virando entre a lavoura de soja, de arroz, de feijão, mandioca, na produção de leite e na criação de abelhas, galinhas e um ou outro porquinho para o gasto mais de casa.

FAZENDO A MEIA

Conta o seu Arlindo, que já lida com vassouras a mais de 15 anos, que o vassoural, depois de plantado, só tem mesmo é que ser cortado. "A cultura em si, não dá trabalho nenhum". O mais trabalhoso é fazer a vassoura.

Além da mão-de-obra, da trabalhadeira, pois a vassoura depois de colhida tem de ficar uns dois dias secando no sol e para quem não tem uma máquina, a semente tem que ser tirada "a muque", a vassoura tem certos gastos. É preciso comprar o cabo, arame para atar, barbante. . . Pelas contas do seu Arlindo, cada vassoura não pode ser vendida por menos de Cr\$ 70,00.

— Tudo anda muito caro. Até uns tempos atrás, eu comprava um quilo de arame por Cr\$ 1,80, já este ano, paguei coisa de Cr\$ 75,00 pelo quilo. Só um cabo de vassoura, não custa menos que Cr\$ 7,00. . .

Mas apesar da careza de tudo, o seu Arlindo acha que dá prá fazer uma "meia" com a venda de vassouras. Para fazer essa "meia", ele aproveita os dias de muito sol, em fins de fevereiro ou março, quando

ainda não é época da colheita da soja.

VENDENDO MEIO A MEIO

Ao contrário do seu Arlindo, o seu Walter Dobler, da Linha 4 Oeste, Ijuí, não gosta de lidar com vassouras. E não é porque o seu Walter nunca tenha experimentado fazer vassouras, o caso é que ele não conseguiu se acertar com a lida. Mesmo assim, todos os anos o seu Walter faz o seu vassoural, só que as vassouras, quem faz é o seu cunhado.

— Quando era mais novo, andei até experimentando fazer vassouras, mas não me acertei e desisti. Dá muito coça-coça. Mas continuo plantando, porque sou daqueles que acha que se deve plantar de tudo e um pouco. Eu só corto a palha, limpo e levo prô meu cunhado fazer a vassoura. Aí a gente vende meio a meio.

O vassoural do seu Walter não é muito grande, "planto coisa de uns três quilos por ano", mas ele acredita que dá para fazer um bom número de vassouras.

VASSOURAS PARA COMPRAR UM CARRO

Lá por volta do ano de 1951, o maior sonho do seu Mário Berti, da Linha 4 Oeste, Ijuí, era poder comprar um carro, mas faltava dinheiro. Seu Mário não se apertou e se tocou a vender vassouras, ora de carroça, ora de bicicleta. Ele é quem conta desde que tempo anda às voltas com vassouras.

— Já faz mais de 33 anos que lido com vassouras. E o que tenho hoje não foi conseguido só com a venda de vassouras coloniais. Sempre trabalhei muito, criei porcos, galinhas, gado de leite, de corte, planto soja, pastagens. . .

Como naquele tempo, o litro de gasolina era barato, "coisa de 250 centavos por litro", o seu Mário podia sair pela região afora, vendendo vassouras na sua camionete recém comprada. Como os tempos mudaram, hoje o seu Mário anda mais descansado, pois não precisa sair muito longe para vender suas vassouras. Os fregueses são certos e vão desde pessoas particulares até supermercados. Apesar da concor-



A vassoura é uma planta que não dá trabalho



Arlindo Rehfeld: fazer a meia

rência já que o consumidor anda até preferindo comprar vassouras de fios de nylon, seu Mário diz que vende muito bem toda a sua produção. Mas garante que houve tempos difíceis.

— Nesse tempo todo, acho que só uns sete anos, não tive de sair por aí, à procura de fregueses prá vender as minhas vassouras. O pessoal chegava a vir procurar vassouras coloniais na minha casa. O restante dos anos, sempre tive de sair atrás de fregueses, de gente que quisesse comprar as minhas vassouras.

UMA FÁBRICA DE VASSOURAS

Como o negócio da vassoura andava bom, o seu Mário e mais

dois irmãos, chegaram a montar uma fábrica. Só que a fábrica, que fornecia vassouras coloniais para quase toda a região, não deu muito certo e logo o seu Mário voltou a trabalhar outra vez sozinho.

— Ando fazendo em torno de umas 100 dúzias de vassouras, por ano, que vendo através do bloco de produtor.

Seu Mário gosta de comparar uma vassoura a uma enxada de fio bom. "É a mesma coisa que varrer com uma vassoura colonial. O serviço rende bastante. O que não acontece com outro tipo de vassoura, por exemplo". Diz que uma vassoura colonial anda custando caro,

mas é que ela tem custos, é cabo, arame, barbante, às vezes mão-de-obra...

Quando começou a fazer vassouras, e com orgulho, o seu Mário se considera o mais antigo da região neste ofício, tudo era manual. Se colhia, tirava as sementes e se fazia a vassoura a mão. Hoje tem máquina para tirar semente, para amarrar a vassoura. O serviço para o seu Mário que só trabalha em dias de chuva ou de muito sol, ficou menos pesado.

VASSOURA PRÁ COLÔNIA

A exemplo do seu Arlindo, de Ajuricaba, o seu Evaldo Rique, proprietário de cinco hectares em Chiapetta, só faz vassouras para a colônia e não para o comércio. O seu Evaldo anda lidando com vassouras desde os tempos, coisa de 20 anos atrás, em que foi morar em Chiapetta. Ele planta a vassoura em mais ou menos um hectare de sua propriedade e ainda faz vassouras com a palha que algum colono traz prá ele.

Um hectare de lavoura, segundo conta, pode produzir palha para umas mil vassouras. A planta é feita através de uma máquina manual, com saraquá, se bem que também pode ser plantada com a plantadeira de trigo e soja, "pois a semente é mais ou menos do mesmo tamanho que a do sorgo". Mas o seu Evaldo não utiliza só a palha. Ele também aproveita a semente da vassoura como alimento prós porcos e galinhas.

— A galinha pula prá comer a semente da vassoura, tal qual a gente tivesse dando trigo prá ela.

Fazer vassouras é mais um pasatempo prô seu Evaldo, que vendeu já alguns anos suas colônias de terra no interior, conservando apenas uma chácara perto da cidade e mais alguns lotes de terra em Chiapetta.

— Calculo que faço umas mil vassouras e pouco por ano. Aqui todo o mundo me conhece e me traz as palhas. Alguns a gente trata a meia, outros me pagam pelo serviço. Se quero trabalhar mesmo, em

meio dia faço no mínimo umas 80 vassouras.

Seu Evaldo fala que se vassoura tivesse saída mesmo, dava prá ganhar muito dinheiro. Acontece que ele não sai por aí a fora, prá vender o seu produto.

— Não uso vender nos bolicheiros, só em casa mesmo. E aqui quase todo colono planta vassoura, pelo menos para ter para uso de casa.

Quem comprar vassoura do seu Evaldo, vai pagar Cr\$ 70,00, cada uma. Quem leva a palha, o seu Evaldo cobra só uma parte do material que usa e a mão-de-obra, "porque tudo anda muito caro". Fazendo as contas dos gastos, seu Evaldo diz que só um cabo de madeira, anda por volta de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 12,00; um quilo de arame custa Cr\$ 80,00 e dá prá atar umas 70 vassouras. O barbante, de nylon, custa Cr\$ 58,00 o maço, o que dá prá usar numas 50 vassouras. Assim, só em material, para cada vassoura, gasta coisa de Cr\$ 15,00.

— A vassoura, é quase como um pedaço de pão na mesa. A gente não liga prá ela, mas quando não se tem a gente sente falta, pois como é que se ia limpar todas as sujeiras.

A PALHA DE MOLHO

Quando chega a hora de fazer a vassoura, antes de atar no cabo e tudo o mais, o seu Evaldo põe a palha de molho por um meio dia. Explica ele que isto é para evitar que a palha se quebre na hora de atar bem firme com arame em volta do cabo. Ele tem até uma máquina de pedal para fazer as vassouras, "que assim, elas ficam mais firmes, do que quando atadas à mão". Depois de atada, ele usa uma prensa, para deixar a palha firme e mais achatada. Só a costura que é manual. Também o seu Arlindo, na hora de fazer a vassoura, mais ou menos segue o mesmo caminho do seu Evaldo. A diferença é que o seu Arlindo faz tudo a mão. Ele não tem nada de máquina. Em vez de deixar a palha de molho, ele costuma deixar

ela fervendo por um bom tempo, pois garante que "palha que não é fervida não segura o cabo". Depois tudo é feito à mão. "Ajeito a palha no cabo, ato com arame e costuro com barbante a "palha tapa fiasco" — palha que fica por fora da vassoura. E tá, pronto a vassoura".

QUE NEM O MILHO

O plantio da vassoura, e isso não é só o seu Evaldo quem diz, mas quase tudo que é plantador de vassouras, é quem nem a do milho e não tem mistério nenhum. O único cuidado é uma atenção às formigas no início do desenvolvimento da planta, "mas como hoje as formigas não atacam mais como alguns anos atrás..."

A época do plantio vai de setembro até janeiro. Conta o seu Evaldo, que plantar mais cedo dá melhor do que no tarde. Seu Arlindo, costuma plantar bem no cedo, porque daí, ele pode fazer dois cortes e tirar o dobro de vassouras. A planta é colhida quando está alourando e a semente está quase madura. O seu Evaldo é quem fala melhor sobre o corte da vassoura:

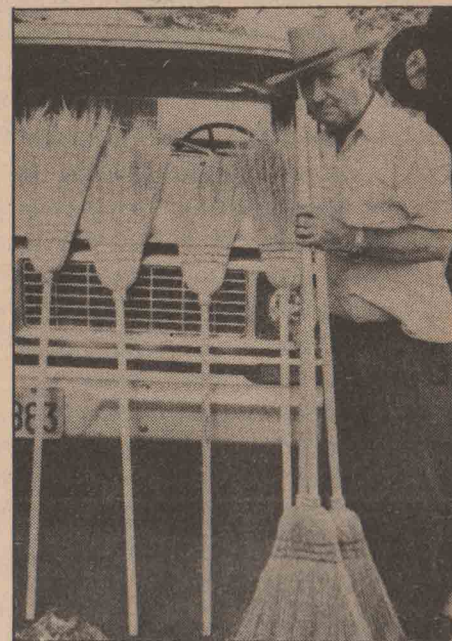
— A gente corta a palha e deixa secar por uns dois dias no sol, que fica mais parelho. Não dá prá deixar a palha molhar, porque daí ela fica mais escura. Do plantio até a colheita dá coisa de 3 a 4 meses. Só que quando se planta mais no tarde, a planta "apina mais cedo por causa do frio".

Para limpar a semente, o seu Evaldo usa uma raspadeira de limpar cavalo ou até mesmo a trilhadeira, "só que não se pode passar a palha pela trilhadeira. Tem que ficar segurando, bem firme, os maços em cima do cilindro. Se passar a palha dentro da trilhadeira, ela fica toda estragada".

A vassoura é uma planta louca de fácil e se não for plantada muito junta, ela se desenvolve melhor ainda. "Ela não é enjoada de crescer. Em tempo de seca dá igual e ainda nem faz cerimônia em caso de doença", diz o seu Evaldo.



Walter Dobler: só plantando



Mário Bertini: fregueses certos



Evaldo Rique: planta louca de fácil

A falta da pesquisa e da técnica

Os municípios de Taquara e Santo Antônio da Patrulha são tradicionais no cultivo de sorgo vassoura. Lá por aqueles lados, os produtores trabalham com diversas variedades, se trocam sementes entre si, procurando sempre melhorar a qualidade da palha da vassoura. Fora destes dois municípios, o cultivo da vassoura não tem expressão nenhuma. Quando é cultivada, é apenas mais para o uso da casa ou da comunidade. Raros são os produtores que comercializam a vassoura em maior escala.

O desinteresse para cultura da

vassoura é tanta, que o agrônomo Renato Borges de Medeiros, do Departamento Técnico da Cotrijuí, comenta que nunca houve iniciativa do próprio Ministério da Agricultura, no sentido de procurar melhorar a cultura da vassoura. "Fora de Taquara e Santo Antônio da Patrulha, o pessoal que lida com vassouras anda tão sem técnica, tão sem atenção, que chegam a colher a "palha descarte" — que possui talos finos — para utilizar na construção da vassoura. Esta palha é de má qualidade".

A vassoura é um tipo de sorgo

(ainda temos o sorgo granífero, que produz grãos; o sorgo forrageira, para pastagem e o sorgo saccharum, que produz açúcar) que apresenta panículas (cachos com palhas) grandes, de ramos longos. As palhas são usadas para vassoura, enquanto as sementes podem ser utilizadas como alimento para os animais, embora não tenha a mesma qualidade do sorgo granífero.

O PLANTIO E A COLHEITA

O sorgo vassoura, se bem caprichado, plantado com boa adubação, pode produzir até 2.000 quilos

por hectare de palha e mais um outro tanto de sementes.

Algumas recomendações dizem que o sorgo vassoura deve ser semeado em covas de 70 cm por 40 cm, sendo que devem ser colocadas cinco sementes por cova. A colheita deve ser feita antes que as sementes estejam completamente maduras, para que o produtor obtenha uma palha bem flexível, com cor clara, sem manchas e resistente. Depois que a vassoura estiver cortada, o produtor deverá reunir a palha em feixes para secar, durante alguns dias, em lugar abrigado do sol.

UMA ROMARIA PELA TERRA

Há muito tempo que as ruínas de São Miguel, em Santo Ângelo, não recebiam tanta gente. Cerca de 10 mil agricultores e trabalhadores urbanos de toda parte do Estado e outras regiões do sul do país, quatro bispos, padres, irmãs religiosas e pessoas envolvidas com as comunidades eclesiais de base estiveram em São Miguel, dia 3 de março, na 4ª Romaria da Terra. Eles reafirmaram um compromisso antigo e que, ano a ano, vem sendo revitalizado: o de que a terra é de todos e a todos deve servir.

A romaria deste ano atraiu uma multidão de pequenos produtores, e trouxe ao Rio Grande do Sul três dos bispos mais empenhados na luta pela melhor distribuição da terra no Brasil. Dom Moacir Grechi, bispo do Acre e Purús; Dom José Gomes, bispo de Chapecó, Santa Catarina; e Dom Alano Penna, bispo de Marabá, no Pará, falaram aos romeiros ao lado de Dom Estanislau Kreutz, bispo de Santo Ângelo, líderes sindicais, jovens rurais e agricultores alarmados com a concentração cada vez maior da terra nas mãos de poucos.

VIA-SACRA

A romaria foi aberta pouco depois das 9 horas, bem em frente à igreja de São Miguel. A primeira parte do programa foi a encenação simbólica da Via-sacra, representada em sete estações. À cada estação, da caminhada de Jesus Cristo até a crucificação, um grupo subia à carroceria do caminhão estacionado diante da igreja e expressava os sofrimentos que são enfrentados hoje pelos agricultores. Segundo o pessoal da Comissão Pastoral da Terra, ligada à Igreja Católica, que organizou o encontro, com essa Via-sacra fica caracterizado que "os agricultores continuam sofrendo, assim como Jesus Cristo sofreu".

Foi assim que os romeiros memoraram a situação dos agricultores expulsos de Nonoai e que invadiram a Fazenda Sarandi, a ameaça das barragens que deverão ser construídas no rio Uruguai, a invasão das multinacionais na agricultura, as deficiências da Previdência, os entraves criados pela assistência médico-hospitalar, os riscos dos pesticidas e as leis "ditadas por doutores", sem que o maior interessado, o produtor, seja ouvido.

Jovens e agricultores denunciaram todos esses problemas através de encenações teatrais, versos, discursos, sempre lembrando que os moradores da cidade enfrentam dificuldades. Antes de cada representação, Dom José Gomes, que



A ameaça de chuva não afastou a multidão. José, um mecânico, carregou a cruz



Nos cartazes e faixas, os apelos

preside o CIMI — Conselho Indigenista Missionário na região sul, lembrou também da situação dos índios brasileiros. "Quando o Brasil foi descoberto, eles eram 5 milhões, e hoje estão reduzidos a 200 mil, porque suas terras foram invadidas", dizia o bispo.

Cada uma das estações foram uma homenagem em memória de cada um dos Sete Povos das Missões, destruídos pelos invasores portugueses e espanhóis na segunda metade do ano de 1700. A romaria foi, aliás, realizada em São Miguel porque ali, como nas demais reduções guaranis, a terra começou a ser expropriada, em favor do interesse de grupos. Nessa luta contra os invasores, morreram milhares de indígenas que viviam em comunidades, onde a terra pertencia a todos, a produção era distribuída entre as famílias.

"PELEGOS"

Enquanto ouviam versos e discursos, os romeiros erguiam suas faixas que, pouco a pouco, foram sendo dependuradas em frente à igreja, com dizeres como estes: "A barragem é o monstro que mata o pequeno", "Reforma Agrária já", "Proagró destrói a natureza", Saúde é um direito de todos. Chega de exploração", "Pai nosso, o povo está



Religiosas também foram às ruínas

com fome", e "Lei da Previdência precisa mudar".

À tarde, foi aberta a tribuna livre, e aí muita gente abriu a boca e voltou a denunciar as ameaças contra os pequenos agricultores. José Souza, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Maximiliano, condenou "o consumismo estimulado pelas multas". Orgênio Rott, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, disse, por sua vez, que não é válido o argumento de que "não se deve dar terra a quem não sabe trabalhar nela".

Rott citou como exemplo de prova em contrário o caso dos agricultores que invadiram a Fazenda Brilhante e vão colher 18 mil sacos de milho este ano, fora os outros produtos.

Outros, como Valdeci Grazuna, de Caxambu, Santa Catarina, alertaram sobre os dirigentes sindicais "pelegos", que não defendem a classe. Auxílio Rebeck, do STR de Passo Fundo, lembrou dos líderes rurais que vêm sendo assassinados, e Walter Irber, do STR de Tenente Portela, condenou os "políticos demagogos" e reforçou o alerta contra a "pelegama" que há dentro dos sindicatos. Também discursaram uma representante dos trabalhadores urbanos de Porto Alegre e o ín-

dio Kaingang Domingos, da reserva da Guarita. Domingos afirmou que, "abaixo de Deus, índios e brancos são todos iguais".

GRILAGEM

Dom Alano, o bispo do Pará, foi o último a falar, antes da missa. "A terra de lá do norte também é banhada pelo sangue de mártires, mas esta esperança em conseguir um palmo de terra nos vem de Jesus Cristo e nos manterá unidos", disse ele. Dom Alano falou sobre os posseiros mortos por grileiros (grandes proprietários), e lembrou que "o vento norte, que às vezes sopra aqui no sul, traz a angústia dos irmãos daquela região do Brasil, onde o povo também se levanta para construir um mundo mais fraterno e mais humano".

Foi durante a missa que os romeiros mais se emocionaram, quando da pregação de Dom Moacir, o bispo do Acre e Purús. Ele citou Dom Oscar Romero, bispo da Nicarágua, assassinado por defender os oprimidos, e assegurou que estará sempre ao lado dos pequenos agricultores. "Quando a terra é transformada em simples mercadoria, ela perde seu fim maior. A terra — disse Dom Moacir — tem um único dono, que é Deus". O bispo também comentou a situação dos 11 milhões de agricultores sem terra do Brasil e os mais de 400 mil conflitos ocorridos no país no ano passado, envolvendo questões relacionadas com a posse de áreas.

COMPROMISSO

Dom Estanislau Kreutz, de Santo Ângelo, encerrou a missa com um apelo, para que os agricultores "não esperem de braços cruzados que as coisas aconteçam". Para Dom Estanislau, "o Brasil precisa de uma transformação social, pois este país tem muitas terras desocupadas e, ao mesmo tempo, muitas famílias sem terra". Segundo o bispo, "a distribuição da terra deve ser justa", mas isso não irá acontecer por acaso.

A missa foi encerrada com os romeiros beijando o chão de São Miguel. Por volta das 7 e meia noite, as caravanas começaram a deixar as ruínas, em mais de 130 ônibus vindos de toda parte. Para conforto dos que não estavam tão certos de que um dia a terra terá justa distribuição, ficou como estímulo esta frase de Dom Moacir Grechi, dita como compromisso de todos os bispos e religiosos que apoiam os pequenos agricultores: "Nós estaremos ao lado de vocês, sempre e até as últimas consequências".

AMENIZANDO A SITUAÇÃO

Nem bem tinha terminado o alarde que a classe ruralista, descontente com a política agrícola do país andava fazendo e nem ainda havia saído o documento contendo as reivindicações da classe, o Governo surpreendeu a todos com mais um pacote de medidas para o setor agropecuário. O novo "pacote" do ministro Delfim Netto, considerado pelo pessoal atingido como apenas "emergencial", representa uma liberação de Cr\$ 25 bilhões que deverão ser aplicados nas principais safras agrícolas e também na comercialização da carne e da lã. Na verdade, se o Governo pensava que depois das novas medidas ia solucionar o problema, deve ter ficado um pouco frustrado, pois se de primeira vista surpreendeu a todos pela rapidez da ação, num segundo momento já trouxe novas tomadas de posição, como a do presidente da Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul — Farsul — Elton Buttieres, que disse que as medidas servirão apenas para amenizar a situação da agropecuária gaúcha. "Entendemos que muita coisa ainda falta para que os produtores tenham o que necessitam para trabalhar com segurança", comentou,

O "pacotão" trouxe a liberação de recursos no valor de dois milhões de cruzeiros para o financiamento de colheitadeiras. Estes financiamentos atingirão somente propostas que já estavam em Carteira no Banco do Brasil, desde 16 de dezembro último, nas mesmas condições e juros daquela época, que era de 38 por cento ao ano e mais ainda, um total de 10 bilhões de cruzeiros para serem repassados aos agricultores sob a forma de bônus-colheita, tanto para o arroz, como para o milho e a soja.

NOTAS PROMISSÓRIAS, EGFs...
No setor da pecuária, as novi-

dades do "pacotão" ficam com a liberação de empréstimos do Governo Federal — EGF — para produtores de suínos, aves e gado leiteiro, com a finalidade de ajudar aos produtores a manterem estoques de milho ou outro cereal. Para a lã, foi destinado um financiamento de 713 milhões de cruzeiros, assim como a promessa de algum recurso para as feiras de terneiros. Mais uma novidade no setor da pecuária, foi a volta da Nota Promissória Rural, com juros de 45 por cento ao ano, para a comercialização da carne. Houve ainda a liberação de recursos na ordem de 1,5 bilhões de cruzeiros

para as cooperativas, destinado a formação de estoques pela Cobal, sem juro nenhum. Também sem juro algum foi liberado 600 milhões de cruzeiros para os frigoríficos.

O BÔNUS-COLHEITA

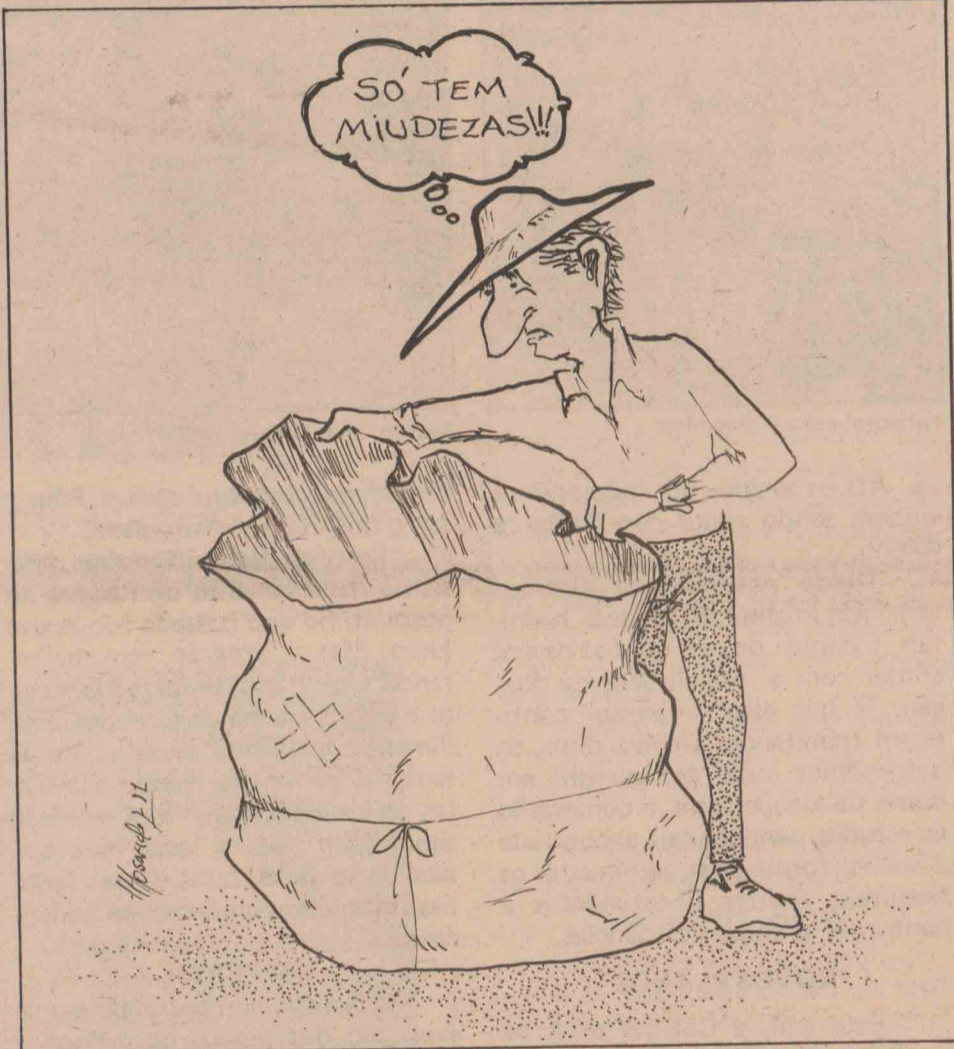
Do "pacote" acabou surgindo um "bônus-colheita" para as lavouras de milho, de soja e de arroz, que segundo declarou o próprio Secretário da Agricultura, Baltazar de Bem e Canto, apareceu pelo simples motivo de que não houve inclusão de secagem, transporte e sacarias na hora da formação do Valor Básico do Custeio para estas culturas. O surgimento do "bônus", agradou a

muitos e o presidente da Fecotriço, Jarbas Pires Machado considerou o valor liberado, como "uma fato histórico", pois é a primeira solitação dos produtores que é atendida dentro dos valores pedidos e até um pouco a mais. Mesmo reconhecendo como válidas as medidas anunciadas no último pacotão", Jarbas Machado lembrou que tudo isso, não impede que os produtores continuem reivindicando, pois a seu ver, os juros de crédito agrícola continuam altos e a retirada de subsídios para os fertilizantes não agradou, assim como o preço do trigo, continua distante da realidade.

O "bônus-colheita", nada mais é do que um auxílio ao agricultor na hora de colher a sua produção e o valor total de dinheiro liberado a cada produtor, é baseado na previsão da safra.

Tomando por base um saco de 60 quilos, o bônus, tanto para a soja como para o milho, será no valor de Cr\$ 1,00 por quilo, ou seja, de Cr\$ 60,00 por saco e de Cr\$... 1,75 para o quilo de arroz ou Cr\$. 105,00 por saco. Por exemplo, um agricultor que colhe em média uns 25 sacos por hectare, poderá receber até Cr\$ 1.500,00 de bônus-colheita.

De acordo com as normas estabelecidas para o uso do "bônus" a soja deverá ser depositada num prazo máximo de 60 dias, depois que tiver recebido o "auxílio-colheita". Em outras palavras, o produtor terá um prazo de 60 dias para pagar o "bônus" e somente depois desse prazo é que poderá ser feito o EGF. O EGF será na base de Cr\$ 660,00 por saco e a juro de 45 por cento, com um prazo de pagamento de 180 dias, tanto para a soja como para o milho e 240 dias para o arroz.



As reclamações da classe

"A problemática Agropecuária Rio-grandense", documento reivindicatório, de 48 páginas, da classe ruralista gaúcha, foi entregue no final do mês de fevereiro ao presidente João Batista Figueiredo, num encontro meio rápido, entre o presidente e representantes da classe. Além de tratar de assuntos relacionados com atividades de subsistência, o documento também trata da pecuária bovina, ovina, de leite, suinocultura e agricultura.

A classe ruralista reclama da ausência de créditos suficientes com juros mais baixos. Reivindicam a volta imediata da Nota Promissória Rural, liberação dos Empréstimos do Governo Federal — EGFs, modificação dos critérios classificatórios dos produtores para efeitos de financiamentos, eliminação de circular 140, que limita o financiamento para a aquisição de reprodutores machos e fêmeas, financiamento de custeio e investimentos para a pecuária e de investimentos

e revisão dos VBCs para as lavouras.

Com relação aos juros, a classe pediu uma reformulação das taxas, já que considera os juros de 45 por cento e 73 por cento, como inviáveis para a agropecuária, assim como uma revisão imediata dos preços mínimos fixados em agosto do ano passado e atualização dos VBC, a fim de permitir que as lavouras submetidas à política de preços mínimos possam ser financiadas com os valores já corrigidos.

Num segundo item, a classe reclama das importações "indevidas e indiscriminadas de produtos de subsistência". Para a classe, a solução seria a proibição imediata da importação de carnes, de produtos agrícolas às vésperas ou durante a safra e uma limitação à entrada de produtos tais que nem o feijão, a cebola, a batata, o alho e o leite.

Mais adiante, a classe diz que os repasses frequentes de custos, não são

mais suportáveis pelo setor agropecuário. Por outro lado, sugerem que a taxa do Funnural seja mantida em 2,5 por cento, até que uma nova modalidade, seja estudada pelo governo e a classe; que o Imposto Territorial Rural — ITR sofra uma revisão; seja eliminado a taxa para as exportações de carne bovina e ovina, com redução da alíquota de 15,5 por cento para 4,7 por cento.

Entre os fatores que elevam o custo da produção, como ausência de controle de preços dos insumos, máquinas e implementos, o pessoal citou exemplos, como o caso do herbicida e outros. Em janeiro de 80, um balde de herbicida, custava coisa de Cr\$ 2.200,00. Em janeiro deste ano, o preço deste mesmo balde era de Cr\$ 10.100,00. Um trator de 60 HP, custava naquela época Cr\$... 485.000,00. Este ano, em janeiro, o preço deste mesmo trator era de Cr\$... 1.300.000,00, e assim por diante.

A necessidade de uma participação direta da classe nas decisões do governo e uma centralização da política econômica-financeira para o setor, também foram questões lembradas no documento. Para tanto, o pessoal sugere a participação de um representante da agropecuária rio-grandense no Conselho Monetário Nacional.

Com relação ao Proagro, a classe pede que seja mantida a taxa única de 1 por cento, englobando todas as culturas e uma cobertura de 100 por cento para os prejuízos.

Por fim, a classe ruralista pede para que o governo se defina. Ou estimula a produção de trigo, a ponto do país tornar-se autossuficiente ou então que leve o produtor a desistir de vez. Recordaram que o preço mínimo é insuficiente e a comercialização é realizada somente pelo governo e que as pesquisas ainda deixam muito a desejar.

O CAMINHO DE UMA REDE DE HOSPITAIS

Uma experiência bem sucedida, iniciada em 1975, abriu caminho para que a Cotrijuí passasse, quase que de repente, a administrar uma rede de hospitais. Tudo começou com o Hospital Santa Terezinha, de Santo Augusto, e agora a Cooperativa já administra, provisoriamente, as casas de saúde de Coronel Barros (Ijuí) e Vila Jóia (Tupanciretã). E possivelmente em março, o último hospital da rede, que está sendo construído em Ijuí, comece a funcionar.

A Cotrijuí não chegou a incluir a assistência hospitalar em seus planos prioritários nos últimos anos. Mas antes, logo após sua criação, o assunto merecera bastante importância. Em maio de 74, a questão voltou a ser debatida, a partir de um problema enfrentado em Santo Augusto, onde o Hospital Santa Terezinha tinha sérias deficiências. Foi aí que, meio por acaso, a Cooperativa entrou numa área que, até então, praticamente desconhecia.

A casa de saúde Santo Augusto foi comprada da ordem das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, e agora não só consegue se manter, como também terá investimentos. Segundo Rui Polidoro Pinto, diretor das áreas de Comunicação e Recursos Humanos, tudo isso vem acontecendo, com a atenção que a Cotrijuí dá ao atendimento hospitalar, como conseqüência do próprio interesse dos associados e das comunidades.

Foi assim por exemplo, que ficou decidida a construção do segundo hospital administrado pela Cotrijuí. Este hospital, em fase de conclusão no prédio antes ocupado pelo Motel Rian (num dos trevos de acesso a Ijuí pela BR-285), surgiu para contornar problemas que os agricultores vinham enfrentando, sempre que necessitavam de atendimento. Houve uma mobilização dos associados, e a Cooperativa decidiu participar da solução desse impasse.

DUAS DOAÇÕES

No ano passado, duas localidades de municípios abrangidos pela Cotrijuí também entenderam que a saída encontrada em Santo Augusto poderia ser repetida. A iniciativa partiu das comunidades de Coronel Barros, em Ijuí, e de Vila Jóia, em Tupanciretã, onde as casas de saúde mantidas pela própria população, através de entidades beneficentes, estavam ameaçadas até mesmo de paralisação em suas atividades.

Depois de alguns contatos com essas entidades, os hospitais foram entregues como doação a Cooperativa. Em Vila Jóia, a decisão foi bem mais festejada que em Coronel Barros, pois lá a situação era grave mesmo. Tanto que a Associação Protetora Hospital Santa Líbera, que mantinha os serviços, andava até promovendo festas, para arrecadar fundos e tentar manter o hospi-



Polidoro: meta é dinamizar

tal. Até os salários dos funcionários vinham sendo pagos com bastante atraso.

Desde novembro a Cotrijuí vem administrando os dois hospitais, e dentro de uns 60 dias deverá contar com a formalização da doação, já que esses processos continuam tramitando. Depois disso, os patrimônios serão escriturados em nome da Cooperativa, e começarão os estudos para que seja encontrada a melhor forma de se administrar os hospitais, realizar investimentos e contornar as atuais deficiências.

NOVOS PLANOS

Este ano, a Cotrijuí dará, na verdade, atenção à toda a rede. Segundo o Polidoro, vão ser introduzidas melhorias nas áreas da administração, de pessoal e de equipamentos, para que o atendimento seja aperfeiçoado e haja redução nos custos. "A meta — diz ele — é dinamizar esse setor, e isso está sendo cuidado pela direção do hospital de Santo Augusto, pessoas da área da saúde e DAMS, o Departamento de Assistência Médico-Social".

Diante de tudo isso, é de se perguntar sobre os benefícios que os hospitais poderão apresentar para os associados. As vantagens não serão, é claro, representadas por cifras, apesar dos serviços serem prestados à qualquer pessoa, e não só aos associados. Mas em Santo Augusto o pessoal da administração tem certeza de que os agricultores e suas famílias já sabem de que forma estão sendo beneficiados. O atendimento melhorou muito, pararam as queixas contra falhas no cumpri-



Em Santo Augusto, um investimento de 50 milhões



Nelson: atendimento melhorou

mento do convênio com o Funrural, o hospital foi reequipado.

Segundo Nelson Bloedow, chefe do departamento de Pessoal do hospital, no ano passado não houve lucro. Mas a situação vem melhorando a cada ano. Empatando receita e despesa, e dando um bom atendimento, ele acredita que a casa de saúde já esteja oferecendo excelentes resultados. Isso será tentado agora com toda a rede, para que não só os produtores e suas famílias, mas a comunidade saia beneficiada.

UM PERFIL

O Nelson vem participando da execução dos planos de melhorias dos dois hospitais doados a Cotrijuí, e sabe da situação que as entidades vinham tentando superar, para que os serviços não paralisassem. Ele também faz comparações, e mostra como alguma coisa já foi melhorada. Com as informações do Nelson e do pessoal envolvido com o setor, dá pra se fazer um perfil da rede de hospitais.

Hospital Bom Pastor: ganhou este nome no ano passado, quando passou a ser administrado pela Sociedade Hospitalar Bom Pastor, que substituiu a denominação de Hospital Santa Terezinha. Atende não só o pessoal de Santo Augusto, mas também as populações de vários municípios da região. Cerca de 40 por cento das internações são de clientes de fora do município. Tem 75 leitos; 6 médicos; 24 enfermeiros; e um total de 67 funcionários. Por mês, realiza uma média de 335 internações; 36 cirurgias; e 30 partos. Terá mais um pavilhão, em fase

de conclusão, e com isso ficará com 111 leitos, um novo bloco cirúrgico, sala de recuperação, lavanderia e novos equipamentos. No segundo semestre esse novo pavilhão deverá estar funcionando, e o hospital terá até seu próprio gerador de energia. O investimento chega perto de 50 milhões de cruzeiros, com essas melhorias. O Bom Pastor conta também com uma ala de pediatria, com atendimento e internações de crianças num prédio em separado.

Hospital Coronel Dico: Era o que estava em melhores condições, entre os dois hospitais doados a Cotrijuí no ano passado. Mas mesmo assim sua situação não era nada boa. Dá prejuízo, e por enquanto passa por melhorias mais urgentes. Mensalmente, realiza uma média de 60 internações, 3 cirurgias e 4 partos. Tem 23 leitos, 2 médicos, 2 enfermeiros e um total de 7 funcionários. Os próprios enfermeiros atendem na recepção, por falta de pessoal.

Hospital Santa Líbera: A população de Vila Jóia já não andava confiando muito no atendimento. Tanto que as internações vinham sendo reduzidas, por falta de material cirúrgico e deficiências em todas as áreas. Não funcionava nem mesmo o banheiro do hospital. O prejuízo era grande, e o Nelson diz que os funcionários vinham fazendo um verdadeiro milagre para manter o atendimento. Tem 13 leitos, 3 enfermeiros, 2 médicos e 10 funcionários no total. Realiza uma média de 120 internações, 4 cirurgias e 10 partos por mês.

Hospital de Ijuí: Ainda não tem um nome definitivo. Vai contar com 40 leitos, e começa a funcionar, com parte de sua capacidade, possivelmente durante o mês de março. No início terá dois médicos: Auro Heuser, das áreas de clínica médica e cirurgia, e Marco Túlio Somavilla Duarte, da área de medicina interna. Ocupará uma área construída de 1.100 metros quadrados, e o investimento, só na compra do imóvel, ficou em 20 milhões de cruzeiros. Parte dos equipamentos já foi doada pelo INAMPS, como as mesas cirúrgicas e obstétrica, além dos leitos. Constará com assessoria da Escola de Enfermagem da Fidene, e no começo dará prioridade de atendimento aos associados da Cotrijuí.

UM PRÊMIO PARA A PRODUTIVIDADE



Walter José, um dos proprietários da Guatambu

O Decreto-lei de número 6.749, de 10 de dezembro de 1979, estabelece que todos os anos sejam apontados os produtores que alcancem excepcional produtividade no desempenho da agropecuária brasileira, numa promoção do Ministério da Agricultura, com apoio do Inbra, Embrapa, Emater, Prefeituras Municipais e Secretarias da Agricultura.

Dos seis milhões de produtores rurais iniciais, entre grandes, médios e pequenos, foram classificados 6.500. Este número diminuiu para 1.500, em âmbito regional, sobrando apenas 100 na seleção estadual e apenas quatro à nível nacional.

Além das melhores médias de produtividade, ainda era levado em conta, para a classificação no concurso, o conforto, residência fixa na propriedade, diversificação, instalações para empregados e participação do sistema cooperativo.

ESTÂNCIA GUATAMBU

Localizado às margens da BR-293, entre Dom Pedrito e Sant'Ana do Livramento, a Estância Guatambu pertence ao seu Walter Germano Pötter e seus filhos Walter José e Adroaldo Bernardo. O seu Walter Pötter recebeu este ano o prêmio "Produtividade Rural", à nível nacional.

Tudo começou por volta de 1948, quando seu Walter se transferiu de Cachoeira do Sul para Sant'Ana do Livramento, onde formou uma sociedade, dedicando-se à agricultura e uma pequena parte de pecuária, em terras arrendadas. Esse pessoal ficou conhecendo mais tarde, num trabalho de terraplenagem na BR-293, o município de Dom Pedrito. Diz o seu Walter:

— Foi aí que conhecemos as terras de Dom Pedrito e acreditamos que aqueles banhados e várzeas dariam para plantar arroz.

Transferindo-se para Dom Pedrito, logo o grupo desfez a sociedade.

ÁREA EXPLORADA

Contando com 4.150 hectares em exploração, a área está dividida em 500 hectares para arroz, 150 hectares ocupados por barragens e 3.500 hectares para a pecuária, sendo que 2.500 estão ocupados por pastagens artificiais (trevo, cornichão e azevém), dividindo o manejo em rodízios, onde o número de cabeças de gado pode chegar até 6.000.

De acordo com dados oficiais, a Guatambu supera em oito vezes a média do Estado, em peso vivo por hectare, che-

gando a alcançar 250 quilos/hectare por ano e 500 quilos/hectare por ano nas pastagens artificiais contra 30 quilos que é a média do Rio Grande do Sul. O índice de desfrute pecuário é de 30 por cento e o índice de prenhez oscila entre 85 a 90 por cento, sendo que as matrizes são aproveitadas em 50 por cento, pela monta natural e a outra metade com inseminação artificial. Os novilhos machos são vendidos aos dois anos de idade como precoces.

A cabanha, pertencente a família Potter, distribui produtos por todo o Estado, onde os polled-hereford da Guatambu são muito requisitados. Recentemente a Associação de Hereford dos Estados Unidos, através de um levantamento, classificou o gado da Guatambu como o melhor Polled Hereford da América do Sul, considerando para tanto, tamanho, peso, precocidade, performance e índice de produtividade.

Mesmo enfrentando sérios problemas, como proximidade da cidade e da própria BR, assim mesmo, a Estância mantém um plantel de ovinos de raça Romney-Marsch, para o consumo do estabelecimento e vendas de reprodutores.

O ARROZ E O FENO

Na lavoura agrícola, o arroz desempenha o papel mais importante, atingindo uma média de 5.800 quilos por hectare. A área está dividida em sete cortes de 200 hectares pela capacidade d'água, sendo que de 6 a 7 anos é feito um rodízio e essa área é aproveitada pela pecuária, nos períodos de descanso da terra. Para alimentação dos animais é utilizado o feno em rolo e o tradicional, atingindo 500 toneladas por ano. O feno que vai para o campo, para a alimentação das vacas, vai "in natura", enquanto que os touros de pastagens são alimentados, durante 100 dias com uma alimentação especial, produzida no próprio estabelecimento, onde entra 50 por cento de feno, 40 por cento de sorgo e 10 por cento de farelo de soja e ainda um pouco de calcário fino.

OS PRÊMIOS

Como "produtor Modelo 80", o seu Walter Pötter de Dom Pedrito recebeu como prêmios, a devolução do Imposto Territorial, uma medalha de bronze, uma viagem de 12 dias por estabelecimentos industriais, cooperativas, fazendas e cabanhas. Em Brasília, das mãos do presidente Figueiredo, seu Walter Pötter recebeu uma medalha de ouro pesando 110 gramas e um diploma.

Os outros premiados

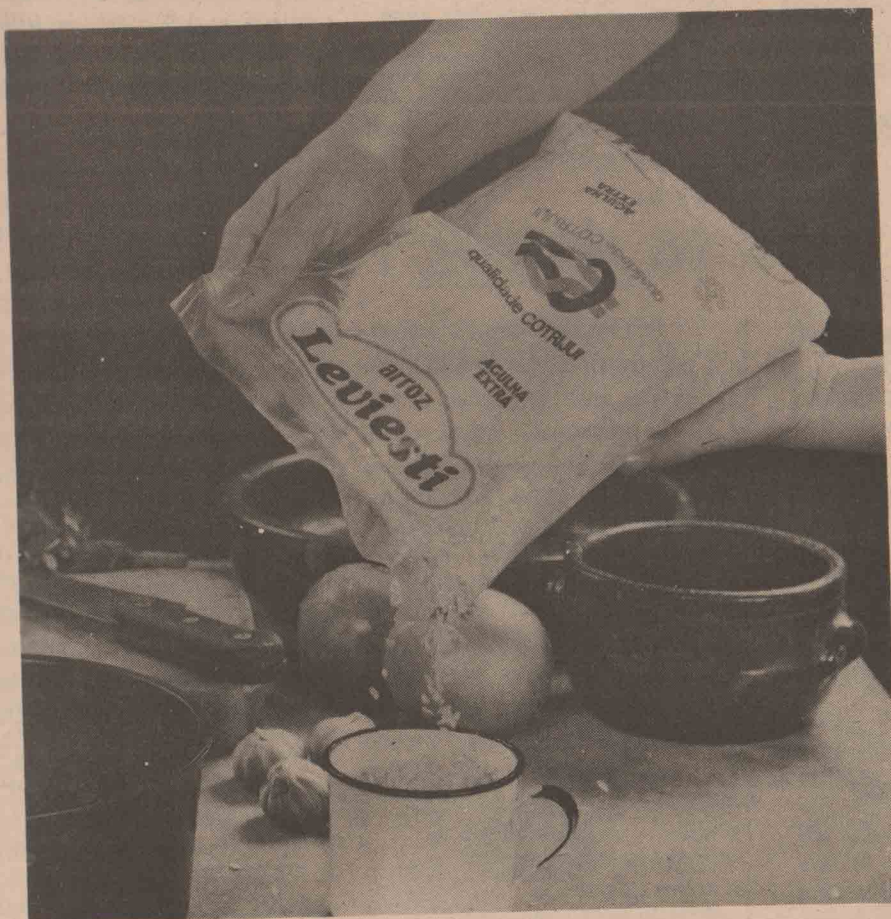
Na área de ação da Cotrijui, mais dois associados andaram recebendo o prêmio "produtividade rural". No município de Santo Augusto, o associado Edson Krüger, proprietário de 2.300 hectares e sempre às voltas com a lavoura de milho, soja, trigo, feijão, centeio, aveia, abóbora, cana-de-açúcar, ou com a criação de gado de corte e de leite, de abelhas, de peixes e suinocultura, recebeu o prêmio "produtividade rural" à nível estadual.

Outro associado que se destacou no concurso "produtividade rural", à nível

regional, foi o agricultor Alípio Friedrichs, de Alto da União, Ijuí. Seu Alípio tem 125 hectares onde se dedica mais intensamente a suinocultura e também a lavoura de soja, milho, forrageiras, a criação de gado e piscicultura.

Para o seu Edson Krüger, concursos desse tipo são importantes, porque estimulam o agricultor. "Serve para valorizar o trabalho da gente e fazer com que outros agricultores também passem a caprichar no processo de diversificação dentro da propriedade".

Arroz Leviesti, o melhor desempenho em qualquer panela.



COTRIJUI

cooperativa regional tritícola serrana Ltda.

Viagem à França

O INÍCIO DE UMA TROCA DE EXPERIÊNCIAS

A viagem do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, à Europa, rendeu alguns frutos. Ele acompanhou a comitiva do presidente João Figueiredo numa viagem a França e Portugal nos primeiros dias de fevereiro e por lá manteve contatos com o sistema cooperativista. Além de Ilgenfritz, o cooperativismo gaúcho ainda estava representado na comitiva de empresários brasileiros pelo presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado.

Juntamente com a Fecotrigo, foi assinado um convênio com cooperativas francesas para a produção de milho híbridos. O desenvolvimento deste pro-

grama acontecerá no Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotrigo, localizado no município de Cruz Alta. Através deste convênio, será recebido no Brasil um material genético francês, que será testado em termos de linhagens mais adequadas às condições de cultivo gaúcho, e mais tarde produzido e distribuído aos associados das Cooperativas vinculadas à Fecotrigo.

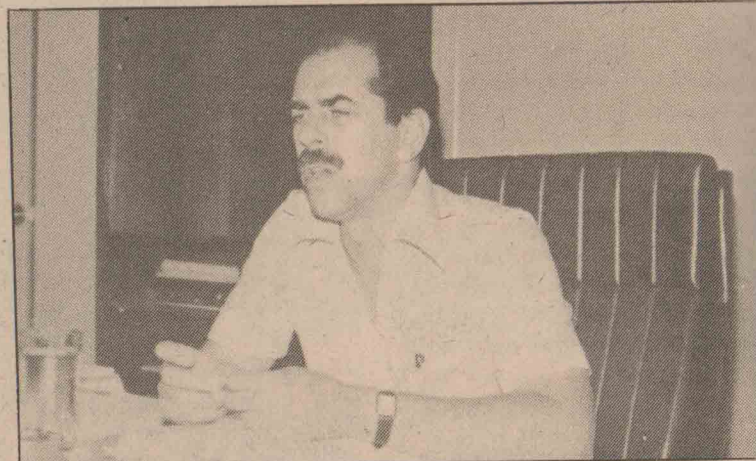
O presidente da Cotrijuí explica que este convênio para a produção de milho híbridos é altamente positivo para o sistema cooperativista brasileiro, que até agora pouco fez em relação a esta cultura que vem crescendo de im-

portância na agricultura e na economia brasileira.

TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Individualmente, a Cotrijuí também manterá intercâmbios com uma cooperativa francesa, a Cooperativa Agrícola Lanoelle, conhecida por Cana. Com esta cooperativa a Cotrijuí acertou a comercialização de farelo de soja, já que a Cana mostrou muito interesse em fechar negócios de compra deste produto com a Cotrijuí.

O mais importante, porém, do contato com a Cana, segundo o presidente da Cotrijuí, será um intercâmbio cultural entre as duas cooperativas. Esta



Ilgenfritz: reflexo positivos

troca de experiências, como conta Ilgenfritz, deverá trazer reflexos muito positivos para o cooperativismo. Se pretende possibilitar o treinamento, o conhecimento mais profundo de duas realidades do sistema cooperativista. Ele explica melhor:

— Esta troca de experiência deverá acontecer com a vinda de produtores, dirigentes e funcionários da Cana até a Cotrijuí, onde eles passarão algum tempo vivendo junto de nós e sabendo de nossas experiências. Por outro lado, também daqui deverão ir produtores, dirigentes e funcionários tomar um contato mais de perto com a realidade daquela cooperativa.

A CANA E AS SEMELHANÇAS

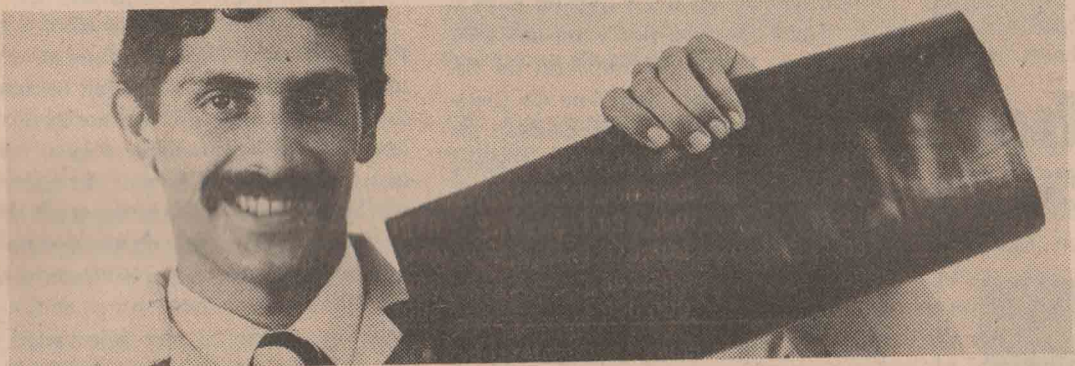
O que chamou a atenção do presidente da Cotrijuí, e que inclusive motivou bastante sua visita àquela cooperativa, são as semelhanças que ela apresenta em relação à Cotrijuí:

— A Cooperativa de Lanoelle é uma grande cooperativa que tem cerca de 20 mil associados e está assim como nós, muito

preocupada com a participação dos produtores na vida e na tomada de decisões de sua entidade. Eles mantêm um sistema muito parecido com aquele que nós aqui chamamos de Estrutura do Poder, o que mostra as boas perspectivas de um intercâmbio que possamos manter.

Sobre a Cana, o presidente da Cotrijuí ainda explica que ela tem sua principal atividade em função da produção animal (carne e leite), mesmo que também comercialize grãos, vinhos e uma série de outros produtos. E ele conclui:

— A viagem nos mostrou que existem possibilidades de se obter resultados muito positivos com estes contatos. O que talvez mais reflexos possa trazer — e não só para a Cotrijuí como também para todo o sistema cooperativista brasileiro — é este intercâmbio cultural, esta troca de experiências. Isto principalmente porque existem muitos pontos comuns na ação e no trabalho desenvolvido naquela região da Europa, mesmo que seja preciso guardar as características de cada uma, que a França não é o Brasil.



Tem gente vendendo qualquer loninha por Lona Terreiro. E o pior, é que tem gente comprando.

O mundo é dos espertos. Por isso, quando você for comprar lona plástica, exija a legítima Terreiro, com a marca estampada em amarelo.

A legítima Lona Terreiro ganhou a sua confiança porque é uma garantia para o que você planta.

Em matéria de proteção e versatilidade, ela trabalha como o braço direito do homem do campo: dá cobertura de emergência à colheita; defende a

safrinha contra a chuva, vento, geada; protege as máquinas agrícolas; é usada na secagem de cereais, na construção de silos forrageiros, estufas, açudes, sistemas de irrigação; e tem muitas outras aplicações, testadas e aprovadas, que você já conhece há muito tempo.

A legítima Lona Plástica Terreiro que você procura tem a marca estampada em amarelo.

É Terreiro, pode confiar.

Um produto **itap**

Itap S.A. Embalagens
Av. Marechal
Mário Guedes, 77
CEP 05348 - SP
São Paulo - SP
Fone: 268-2122 -
Telex: (011) 24808



COTRIEXPORT
Corretora de Seguros Ltda.

- Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.
- Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

EM IJUÍ - Rua das Chácaras, 1513 - fone 332-2400 - ramal 364
EM PORTO ALEGRE - Av. Júlio de Castilhos 342 - 5º andar
Fone 33-50-32

O DESAFIO DA CEBOLA

A Cotrijuí decidiu enfrentar o desafio que representa a complicada área da cebola. Depois de contatos com a FETAG — Federação dos Trabalhadores na Agricultura Gaúcha, e com os sindicatos de trabalhadores rurais de São José do Norte e Rio Grande, a Cooperativa entendeu que poderia ingressar nessa área, onde os produtores enfrentam enormes dificuldades para comercialização de suas safras.

O desafio é bem grande, mas deverá ser superado pouco a pouco. No início, a Cotriexport é que começou a ser procurada pelos produtores, que andavam em busca de mercado. Foi aí que a Cooperativa decidiu estudar o assunto, e agora inicia sua participação nessa área. Dessa forma, os agricultores daqueles municípios passarão a fazer parte do quadro social da Cotrijuí, se quiserem se associar, e passarão a merecer uma atenção que até agora não tiveram.

ALTERNATIVAS

De início, a Cooperativa já constatou que não poderá solucionar a curto prazo os problemas de armazenagem da produção. Os produtores irão estocar suas safras em suas próprias áreas, até que se analise melhor essa questão. Mais tarde, serão estudadas também novas alternativas, para que o pessoal das zonas produtoras abrangidas não fiquem dependendo unicamente dessa cultura.

Além dessas novas opções, que serão buscadas pe-



O mercado para a cebola é complicado

lo departamento técnico, a Cotrijuí pensará em outras saídas para colocação das safras. É que a produção gaúcha vem coincidindo com as colheitas de outras regiões, como Santa Catarina e São Paulo, e isso provoca um excesso de oferta no mercado. Uma das saídas a longo prazo será, talvez, a industrialização da cebola, e esse é um dos estudos que serão realizados.

COMERCIALIZAÇÃO

Por enquanto, o que mais interessa é colocar a atual safra. A Cotriexport vai ficar com essa tarefa, e há sinais de que a situação está reagindo para melhor. A previsão é de que existe mais ou menos 10 mil toneladas para serem colocadas. Pode acontecer até de

ser possível a exportação de parte dessa safra, mas tudo vai depender das sondagens que a Cotriexport irá realizar.

Uns produtores vão receber um adiantamento de Cr\$. . . 8,00 por quilo, considerando que deverão comercializar apenas um terço da safra. Os outros dois terços fazem parte do compromisso com o Banco do Brasil. E esses agricultores poderão fazer parte do quadro social da Cooperativa, com todos os direitos e deveres dos demais produtores. Segundo Ruben Ilgenfritz da Silva, a Cooperativa não pretende apenas contornar os problemas mais imediatos desses novos associados, mas sim incluí-los dentro de todo o contexto da Cotrijuí.

O 1º Consoja no MS

O Mato Grosso do Sul vai realizar, de 13 a 17 de julho deste ano, o "I Congresso Nacional da Soja". Durante o Congresso, a soja será debatida sob os aspectos econômicos, social e técnico. O tema do I Consoja vem sendo debatido com as diversas entidades de regiões produtoras e já foram estabelecidas 10 comissões e cada uma delas se encarregará de um assunto, como produção, crédito rural, comercialização, industrialização, soja na alimentação, armazenagem, transporte, cooperativismo, extensão rural e mecanização. Assim sendo, o Congresso Nacional da Soja já tem montada uma estrutura que permitirá o desenvolvimento dos trabalhos de forma dinâmica e prática.

AS COMISSÕES

Para melhor discussão dos assuntos do I Consoja, foram formadas comissões de estudos, que serão subdivididas de acordo com o tema. Por exemplo, a comissão que tratará de crédito rural, também estudará juros, Proagro, preços

mínimos, burocracia dos organismos financeiros e fiscalização. A comissão encarregada da comercialização, estudará o mercado interno e externo, preços, soja em grãos, subprodutor, óleo bruto, óleo refinado, mercado para subprodutor. Ainda tem as comissões da produção, dos transportes, da armazenagem, da alimentação, de cooperativismo, da mecanização, da industrialização.

INOVAÇÕES

O "I Consoja" será uma realização da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul, e que apresentará quatro novidades, no que se refere a sua realização. Uma desta novidade, é a existência de um jornal destinado a divulgação do I Consoja. Além disso, este jornal funcionará também, como laboratório do Congresso, estimulando debates prévios, recebendo e divulgando sugestões a respeito do próprio Congresso. Por outro lado, além de uma comissão Técnica geral, que receberá os trabalhos

enviados para fazer uma seleção de acordo com os temas a serem debatidos no Congresso, existirão comissões especializadas em cada um dos temas, que farão análises, escolhendo e resumindo estes trabalhos, para mais tarde, durante o Congresso, serem apresentados em plenário.

Outra novidade do Congresso, é a formação de uma Comissão Executiva do I Consoja com a finalidade de realizar consultas a entidades de diversos setores, interessadas no Congresso, visando atender suas aspirações e tendências e ainda receber sugestões para que o Congresso venha de encontro às necessidades de classe e dê respostas a atual problemática político-socioeconômica, que envolve a cultura da soja no país. Também será formado uma outra comissão, permanente, à nível nacional, com a finalidade de encaminhar as conclusões e moções, assim como também determinar local, data e tema dos próximos congressos.

O MS reivindicando

Foi durante a visita que o presidente João Baptista Figueiredo fez ao Mato Grosso do Sul, no dia 12 de fevereiro, que a Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul — Famasul, aproveitou a oportunidade e fez a entrega de dois importantes documentos. Nos dois documentos, a classe agropastoril, através de sua federação, fez uma importante análise da atual situação, propôs soluções e ainda fez uma série de reivindicações.

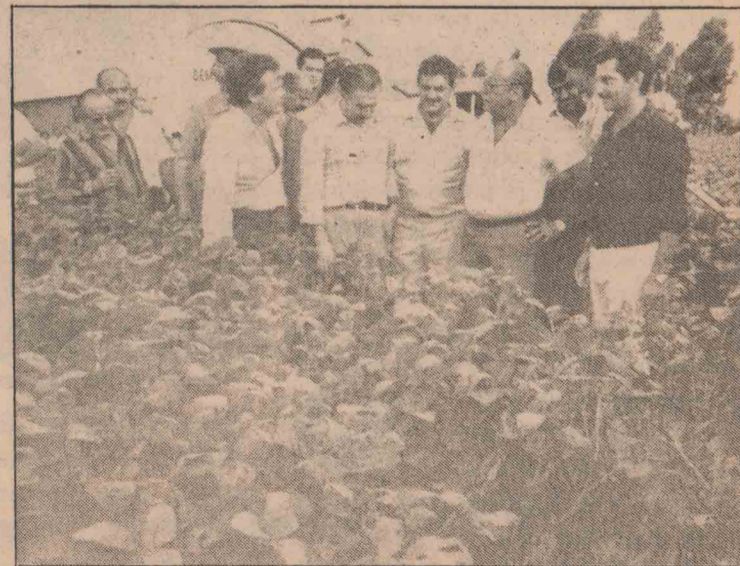
A "Carta dos produtores rurais do Mato Grosso do Sul", foi entregue pessoalmente ao presidente Figueiredo, pelo presidente da Famasul, Sílvio Mendes Amado, durante o encontro com os líderes da classe, enquanto que a entrega do segundo documento foi feita em Dourados, aos ministros e assessores do presidente. A carta fala da condição da agropecuária ser o principal elemento para a viabilização do Estado e da condição potencial do Mato Grosso do Sul ser "a última fronteira para a agricultura de escala mecanizada", dispondo de 15 milhões de hectares agricultáveis para a expansão da fronteira agrícola.

O segundo documento, o mais complexo, trata de assuntos considerados de grande importância para o desenvolvimento do Estado. A classe, depois de uma longa análise da situação, propõe soluções práticas à curto e médio prazo, como estabelecimento de juros mais baixos para a compra de máquinas e equipamentos, para projetos de investimentos na pecuária, para criadores e retenção de matrizes, estabelecimento de subsídios real para a agricultura e desburocratização dos processos de crédito junto aos organismos financeiros, principalmente o Banco do Brasil.

A classe agropastoril, em mais dez itens, ainda sugere

que o governo proporcione a difusão de tecnologia mais avançada para a agropecuária, incrementando a pesquisa, instalação de laboratórios patológicos e fitossanitários no Mato Grosso do Sul; observação da obrigatoriedade na medição de áreas a serem cultivadas para a liberação do financiamento de custeio; reativação efetiva dos programas do Polocentro, Proterra, Prodepan, Prodegran. . . ; estabelecimento de uma escala de prioridades quanto ao desenvolvimento das atividades primárias, secundárias e terciárias, levando-se em conta a sua importância quanto ao retorno de investimento a curto, médio e longo prazos, a partir da pecuária, agricultura, energia, indústria. . . ; aumento da cota de exportação de soja do Mato Grosso do Sul, para, no mínimo 50 por cento de sua produção, desde que as indústrias localizadas no território estadual, já estabelecidas ou por se estabelecerem, sejam abastecidas dentro de sua capacidade de produção; agilização no programa de eletrificação rural; ampliação e melhoramentos das estradas estaduais; estabelecimento regular e efetivo da Superintendência do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, em Campo Grande; instalação da Coordenadoria Regional do Inkra no Mato Grosso do Sul e estabelecimento do zoneamento agrícola para o Estado.

No final do documento, a classe fez uma pequena conclusão, dizendo que análise mostrava as dificuldades mais claras do Estado, "que impedem o seu desenvolvimento planejado e previsto pelos órgãos responsáveis". O documento termina, com a classe dizendo que antes do Mato Grosso do Sul chegar a um "Estado Modelo", ele precisa se tornar auto-suficiente e viável, tendo por base o seu potencial econômico social".



O Presidente visitando uma lavoura de soja em Dourados

SAÚDE: O TRABALHO NÃO PÁRA

Nada de novo, pelo menos a curto prazo, o agricultor pode esperar na solução do grave problema que tem sido a previdência e a assistência ao homem rural. Isto, pelo menos, foi o que a Comissão Central de Saúde, formada por líderes sindicais do Rio Grande do Sul, ouviu no dia 30 de janeiro do Ministro da Previdência e Assistência Social, Jair Soares.

A Comissão, formada pelo presidente da Fetag, Orgênio Roth, e mais Carlos Karlinski, do STR de Ijuí; Hilário Schorr, do STR de Santa Rosa; Marino Wolff, do STR de Nova Petrópolis; e Guido Camin, do STR de Getúlio Vargas, foi até Brasília levar as reivindicações da classe. Eles tinham em mãos um documento onde apresentavam aquilo que o agricultor considera que deve ser resolvido, com urgência, na situação da previdência.

REIVINDICAÇÕES ANTIGAS

Carlos Karlinski é quem conta que o ministro lembrou que todas estas reivindicações já eram velhas conhecidas (veja no Cotrijornal de dezembro de 80). O ministro ainda contou que a Previdência não tem conseguido pagar, com as arrecadações, o custo da assistência e dos benefícios que existem para o homem rural. O Ministério está tentando agora fazer aprovar seu projeto de uma nova lei, buscando aumentar as arrecadações do Funrural. Este projeto não chegou a se transformar em lei no ano passado depois de muita gritaria dos produtores. Ajudou um pouco ainda o fato de que os próprios técnicos do Governo acharam que não ia adiantar o sistema que a Previdência estava propondo, pois poucos seriam os agricultores que conseguiriam pagar as contribuições.

Karlinski aproveitou para perguntar ao ministro qual a razão de que apenas nos

três estados do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) é que o agricultor tem que pagar a participação nas despesas com médico e hospital. Pelo que se ficou sabendo, estes três estados estão servindo como experiência para este sistema de participação, um sistema, por sinal, não considerado nada justo pelos produtores.

ESCLARECIMENTOS

Depois de ficarem uma hora com o ministro, apresentando as reivindicações trazidas depois de muitas reuniões com os outros produtores, a Comissão foi conversar com os técnicos do Ministério. Com eles foi possível esclarecer alguns pontos mais. Um deles, segundo Carlos foi que na elaboração do projeto de mudança na lei os técnicos não tinham se dado conta que uma contribuição sobre o salário mínimo iria pesar muito na renda dos pequenos proprietários. Diz o Karlinski:

— Eles contaram que não tinham se dado conta da situação de quem trabalha em economia familiar, sem contratar empregados para ajudar no serviço.

O TRABALHO CONTINUA

Se, de imediato, este encontro lá em Brasília ainda não produziu nenhum resultado, (o ministro prometeu estudar a situação) isto não quer dizer que as Comissões de Saúde tanto esta formada a nível estadual, como as comissões regionais, vão deixar de discutir o problema. As reivindicações do produtor rural são muito claras: que o sistema de previdência seja justo com o agricultor, trazendo os benefícios e a assistência a que tem direito. O trabalho de discussão sobre o assunto deverá continuar em todo Estado e também em outras partes do Brasil. O pessoal está se preparando, inclusive, para mobilizações maiores para que as reivindicações da classe sejam atendidas.

Curso de piscicultura intensiva

Transmitir conhecimentos básicos sobre criação de peixes ao agricultor, no sentido de que ele aproveite as águas de sua propriedade, tendo portanto, uma opção a mais de exploração, assim como produzir alimentos rico em proteínas para atender ao consumo regional, à baixo custo, é o objetivo fundamental de mais um curso de piscicultura que a Cotrijuí estará oferecendo aos associados interessados. Tendo por local o Centro de Treinamento da Cotrijuí — CTC —, o curso que será realizado nos dias 16, 18 e 20 de março, tratará de assuntos como piscicultura intensiva e nutrição, preparo e conservação de peixes. Com início marcado para às 8,00 hs, o curso estará a cargo do Departamento Técnico, Setor de Piscicultura e Departamento de Comunicação e Educação.

Associados e suas esposas, ouvirão falar de assuntos de extrema importância, principalmente, para aqueles que estão entrando na piscicultura. Durante o curso (este já é o terceiro ano que a Cotrijuí oferece este tipo de curso aos seus associados e espo-

sas), o pessoal receberá orientação a respeito de técnicas de construção de taipas e registros; de correção e fertilização da área do açude; do fluxo de água; do povoamento do açude; das espécies de peixes mais indicadas para cada região; da qualidade e fertilização da água; da alimentação ou nutrição do peixe; da reprodução na piscicultura de manejo de peixes e técnicas de proteção, assim como cuidados em geral.

Logo no primeiro dia, 16, o curso contará com a participação de associados de Ijuí (14 pessoas ou 7 casais), de Vila Jóia (6 pessoas ou 3 casais) e de Augusto Pestana (10 pessoas ou 5 casais). No dia 18, participarão associados de Ijuí (14 pessoas ou 7 casais), de Chiapetta (6 pessoas ou 3 casais) e Ajuricaba (10 pessoas ou 5 casais). No dia 20, poderão assistir o curso, associados de Tenente Portela (12 pessoas ou 6 casais), de Coronel Bicaco (8 pessoas ou 4 casais) e de Santo Augusto (10 pessoas ou 5 casais).

No final do curso, todos os participantes receberão alevinos (filhotes) de Nilótica e Carpas.

Peixe para a Semana Santa

Produtores de peixes da Cotrijuí, Ijuí, estiveram reunidos com o pessoal do Departamento Técnico e Gerência de Compras e Abastecimento, tratando da definição de normas para o recebimento e comercialização de peixes durante a Semana Santa.

Na Semana Santa, a Cotrijuí, Ijuí, irá comercializar peixes de couro como o jundiá e peixes de escamas como a traíra, a carpa e a nilótica, de produtores da região.

Durante a reunião, ficou acertado que todo o peixe deverá ser entregue dentro de uma caixa de conservação com gelo, separados por tamanho, já eviscerados, ou seja, limpo e sem as vísceras e com as guelras. Os peixes de escamas deverão ser entregues com as escamas. Por outro lado, todo o produtor que desejar entregar a sua produção de peixes, deverá manter um contato com o pessoal de compras ou abastecimento, com um ou dois dias de antecedência, para acertar a data e



A discussão das normas para recebimento de peixe

quantidade a ser entregue, já que a capacidade de armazenagem da Cotrijuí, para peixes, não é grande.

PREÇO, TAMANHO . . .

O pessoal que entregar jundiá terá de ficar atento para o peso.

Não será recebido jundiá com peso inferior a 300 gramas. Já o peixe de escama terá de ter, no mínimo, 800 gramas. Outra coisa é a quantidade a ser entregue. Cada produtor poderá entregar apenas 30 por cento de

sua produção, de peixes pequenos. O restante da entrega deverá ser de peixes grandes, de no mínimo 800 gramas. O peixe grande, segundo ficou decidido na reunião, será recebido em qualquer quantidade.

O peixe que pesar entre 800 gramas a um quilo terá um preço fixo de Cr\$ 90,00. O peixe que pesar um quilo ou pouco mais, o preço será de Cr\$ 115,00 o quilo. O quilo do jundiá, também custará Cr\$. . . 115,00.

Os produtores poderão começar a entregar a sua produção a partir do dia 1º de abril. O último dia para a entrega é 13 de abril, até às 18,00 horas.

A liquidação do produto deverá ser feito em um pagamento único, logo após a entrega.

De acordo com as estimativas, a Cotrijuí, Ijuí, deverá receber em torno de 8 mil quilos de peixes para serem comercializados durante a Semana Santa.

LAVOURA NO MÊS

Cotrijuí seleciona pessoal



ALHO

A distribuição de semente de alho, conforme já foi divulgado na edição anterior, terá início durante o mês de março. Assim sendo, os produtores que estiverem interessados em plantar alho para a próxima safra, já devem manter contatos com o Departamento Técnico de sua Unidade para colher informações iniciais sobre esta cultura. Os produtores associados que tiverem em casa sementes de alho, de variedades locais e que ainda não foram comercializadas através da Cotrijuí, devem também buscar informações e levar até a Cooperativa, amostras destas sementes, para saber se realmente o produto tem ou não boa aceitação no mercado.

Lembramos mais uma vez, que a semente depositada em casa dos próprios produtores, deve ser observada de tempos em tempos. É que a semente corre o risco de ser atacada por traças. Se as traças forem combatidas logo de início, a semente não sofre grandes estragos.



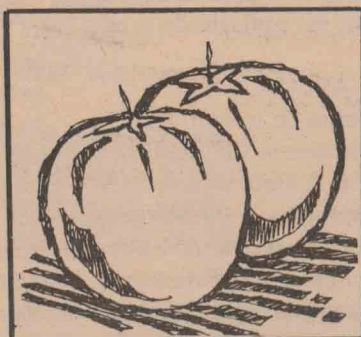
BATATA

Nesta época pode ser efetuado o plantio de batatinha, conhecida como "safrinha" ou "batatinha do tarde". A plantação de batatinha nesta época corre o risco de ser atingida pela geada e o resultado da produção poderá ser péssimo. Considerando-se, porém que as sementes nesta época são normalmente de baixo custo, diminuindo assim os riscos

de grandes perdas de dinheiro, o produtor pode perfeitamente arriscar na safrinha.

O fator favorável ao plantio da "safrinha" é a possibilidade de acontecer uma razoável produção e desta maneira, garantir um produto de excelente valor alimentar para o inverno, quando normalmente o preço da batatinha é mais elevado.

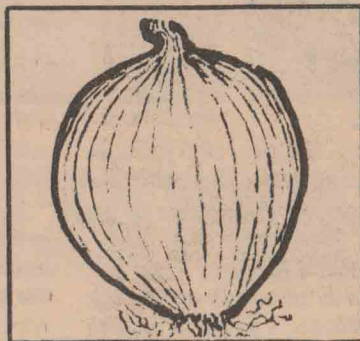
A Cotrijuí dispõe de sementes de batatinha para a distribuição aos associados interessados em fazer a "safrinha".



TOMATE

A partir deste mês já está ficando muito tarde e arriscado para iniciar novos plantios de tomates, pois estas plantações certamente deverão ser prejudicadas pelas geadas do cedo.

Como estamos passando por um período muito quente e úmido ao mesmo tempo, os tomateiros ainda em crescimento e em produção, estão sujeitos ao ataque constante de pragas. Por outro lado, estas condições climáticas de muita chuva e calor fazem com que o tomateiro se apresente bastante vigoroso. Para que dê uma boa produção, é preciso eliminar toda aquela brotação verde, que faz com que a produção caia lá em baixo.



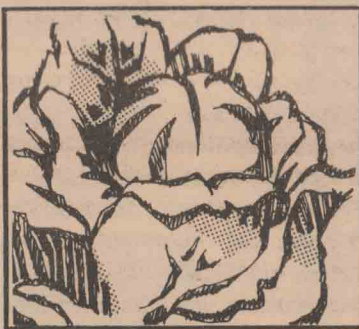
CEBOLA

Os associados interessados em plantar cebolas para a próxima safra já poderão ir tomando as primeiras providências para

obter uma lavoura de excelente padrão. Neste sentido, a primeira condição essencial é a escolha da variedade adequada. A variedade mais recomendada para o solo da região é a "Baia Periforme", cuja a semente vem sendo produzida e distribuída pela Cotrijuí.

A variedade "baia periforme", tem apresentado excelentes resultados na produção de bulbos de cebolas.

Vai um alerta aos associados, referente a compra de sementes: é bom evitar a compra de outras variedades, que apresentem nomes sugestivos ou uma bonita estampa de cebola na lata. Isso não quer dizer boa germinação e produção de excelente qualidade. Nem sempre estas sementes tem um bom comportamento na lavoura.



HORTALIÇAS DIVERSAS

A horta doméstica, para ter bom resultado, já deve estar sendo bem preparada para que nos próximos dias seja iniciada as sementeiras.

As sementes das espécies que são cultivadas com transplante, assim como alface, repolho, couve-flor, beterraba . . . , já podem ser semeadas, desde que se faça uma boa proteção com esteiras ou algum outro meio para proteger dos raios solares. No preparo de uma sementeira, deve ser utilizado pouca matéria orgânica para diminuir a incidência de fungos nas raízes. Logo após a sementeira, a terra deverá ser pouco compactada para melhorar o contato da semente com o solo. As sementeiras devem ser regadas o suficiente para que as sementes possam absorver a água.

A Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda - Cotrijuí, vai realizar concursos para seleção de candidatos às vagas de engenheiro agrônomo, médico veterinário e técnico agrícola.

As inscrições encontram-se abertas desde o dia 09 de março e se estenderão até o dia 20 de março. Os candidatos interessados poderão fazer suas inscrições no Setor de Seleção e recrutamento/Cotrijuí - Ijuí; no Departamento Pessoal/Cotrijuí - Dom Pedrito e no Terminal Granelero "Luiz Fogliatto", 4ª Seção da Barra, Distrito Industrial, em Rio Grande.

No ato de inscrição, o candidato deverá se apresentar munido de Carteira de Identificação Profissional, Curriculum Vitae e uma foto 3 x 4.

Após os exames de seleção, a Cotrijuí poderá admitir até cinco (5) engenheiros agrônomos, até três (3) médicos veterinários e até oito (8) técnicos agrícolas.

Pedidos de mudas

Os associados interessados em comprar mudas de laranjeiras, bergamoteiras, pessegueiros, limoeiros . . . , ou ainda de erva-mate ou eucalipto, poderão encaminhar seus pedidos aos Departamentos Técnicos de todas as Unidades da Região Pioneira até o dia 20 de abril.

As mudas das frutíferas estão custando Cr\$ 55,00 cada uma. Já os preços das mudas de erva-mate e eucalipto ainda não foram liberados, embora os pedidos já possam ser encaminhados.

COMPRA-SE

O associado Rui Nestor Kirst está interessado em comprar uma trilhadeira usada, de preferência com capacidade para 200 sacos diários, com alimentador automático. Tratar fone 332-2060.

**Quem usa
Adubo
Serrana
conhece a
terra
que tem.**

**ADUBO SERRANA
NPK+S**

Qualidade



Quimbrasil

Trigo:

MAIS RISCOS, MENOS GANHOS

O preço mínimo e os VBCs para o trigo ainda contam muito, na hora de se discutir o futuro da cultura no Estado? De ano a ano, vem sendo provado que esses valores podem assegurar aumentos e reduções nas áreas de plantio. Desta vez, não vai se diferir, segundo o gerente de Planejamento e Projetos da Cotrijuí, Paulo Roberto Silva.

Apesar da discussão em torno do trigo ter se transformado num debate quase permanente; é certo que a partir do preço mínimo e dos VBCs que a lavoura continuará sendo programada. Sendo assim, a previsão para a próxima safra está feita: vai acontecer, segundo o Paulo Roberto, uma redução de 20 a 30 por cento na lavoura do Rio Grande do Sul.

Há quem vá mais longe, e anuncie uma diminuição de até 40 por cento na área de plantio este ano. A verdade é que o preço mínimo de Cr\$ 1.710,00, anunciado no dia 23 de fevereiro, não agradou, mesmo que tenha sido reajustado em 140 por cento. Pior do que o mínimo é o custo que vai ser liberado para a próxima safra. Os VBCs fixados ficaram bem abaixo dos valores solicitados pelas entidades que representam os produtores.

SETE FAIXAS

Os VBCs foram divididos em sete faixas (veja a tabela), de acordo com a produtividade. Mas para a Região Pioneira da Cotrijuí deverá valer apenas uma delas, no caso dos financiamentos encaminhados pelo repasse. A Cooperativa irá solicitar o enquadramento dos produtores na produtividade de 1001 a 1.200 quilos por hectare, que prevê um custeio de Cr\$ 17.800,00. Dependerá do Banco do Brasil o atendimento ou não à solicitação, o que deverá acontecer com boa antecedência antes do encaminhamento dos contratos.

Só que o VBC será de 100 por cento apenas para os minis e pequenos produtores. Os médios pegarão 80 por cento do valor, ou seja, Cr\$ 14.240,00 por hectare, e os grandes terão 60 por cento (Cr\$ 10.680,00). Nesses casos, o produtor terá, se assim desejar, que usar recursos próprios para completar o custeio, ou então recorrer aos empréstimos a juro livre, sem taxa pré-fixada. Com o encarecimento do dinheiro, essas taxas andam chegando a até mais de 100 por cento ao ano.

DEFASADO

Comparando com o valor de custeio da safra passada, dentro da mesma produtividade de mil a 1.200 quilos, o aumento no VBC foi de 89 por cento, pois em 80 o financiamento ficou em Cr\$ 9.396,00. Mas o Paulo Roberto lembra que o produtor que conseguiu produtividades altas, nos últimos cinco anos — de acordo com as normas baixadas pela Comissão de Financiamento da Produção —, poderá solicitar um VBC superior, individualmente.

O gerente de Planejamento e Projetos da Cotrijuí destaca também outro aspecto dos valores anunciados. O preço mínimo — diz ele — vai estar bastante defasado, com muita diferença entre o valor real agora fixado, até outubro e novembro, quando haverá a comercialização da safra. No mínimo, esse preço estará valendo praticamente a metade do que vale hoje.

DESESTÍMULO

Paulo Roberto acha que, com a definição dos VBCs e do preço mínimo, há um novo desestímulo ao trigo. Ele recorda que em 78 o Estado colheu a melhor safra dos últimos cinco anos. Em 79, apoiado nessa boa produção, o governo concedeu um alto valor de custeio, baseando-se numa produtividade de 22 sacos por hectare, enquanto que a média

histórica dos rendimentos é inferior a 16 sacos.

Isso fez com que, na Região Pioneira, a lavoura fosse ampliada de 145 mil para 229.500 hectares. No ano passado, no entanto, houve novo desestímulo, e a área de plantio caiu para 160 mil hectares, por causa dos baixos VBCs. E pode cair ainda mais, levando-se em conta também que a cobertura do Proagro passa de 80 para 70 por cento este ano.

Para Paulo Roberto, o único ponto positivo disso tudo é que, com isso, começa a se disciplinar melhor a lavoura de trigo. O produtor se vê meio obrigado a buscar novas alternativas de inverno, compreendendo que não pode plantar trigo sobre trigo. Esse comportamento atinge principalmente os minis e pequenos, que já vêm sendo desiludidos pelas últimas safras, e aos poucos vai contagiando o pessoal.

AVEIA

Outras culturas de inverno também tiveram preços mínimos e VBCs definidos dia 19 de fevereiro. A aveia branca, o centeio, a cevada cervejeira e a semente de cevada ficaram com preços mínimos reajustados em 140,7 por cento. Para a aveia, classe branca, tipo 2, foi fixado um preço de Cr\$ 21,06 por quilo. O centeio ficou com os mesmos Cr\$ 21,06; a cevada com Cr\$ 28,50; e a semente de cevada, Cr\$ 33,51.

Os VBCs para a aveia têm quatro faixas, baseadas na produtividade. A Cotrijuí irá solicitar o enquadramento dos associados da Região Pioneira na faixa dos 1.001 a 1.400 quilos por hectare, o que representa um valor de Cr\$ 11.300,00. Esse VBC será liberado nos mesmos critérios válidos para o trigo, sem cobertura para parte do valor, para os médios e grandes produtores.

COLZA

O centeio terá 3 faixas: Cr\$ 10.200,00 para produtividade de até 1.200 quilos; Cr\$ 12.800,00 para 1.201 a 1.600 quilos; e Cr\$ 14.900,00, para acima de 1.600 quilos. A cevada tem 4 faixas de VBC: Cr\$ 11.800,00 para rendimentos de até 1.200 quilos; Cr\$ 15.100,00 para 1.201 a 1.600 quilos; Cr\$ 19.700,00, para 1.601 a 2.000 quilos; e Cr\$ 22.100,00 para produtividade de mais de 2 mil quilos.

Será considerado, como base para liberação do VBC, o melhor rendimento obtido nos últimos cinco anos, e as normas são também as mesmas válidas para o trigo. Os produtores de semente de aveia, centeio e cevada terão financiamentos com 20 por cento a mais.

Segundo Paulo Roberto, a Cotrijuí irá repassar os recursos para a aveia, mas os financiamentos para centeio e cevada serão liberados diretamente pelo Banco do Brasil. Este ano, a Cooperativa também solicitará, pela terceira vez, preço mínimo e VBC para a colza. O VBC sugerido é de Cr\$ 14.584,00, considerando o repasse, mas ainda não foi fixado o preço mínimo. O Banco do Brasil tem aceito os valores sugeridos pela Cotrijuí, dentro dos mesmos critérios válidos para o trigo e demais culturas de inverno.

VBCs PARA ESTA SAFRA

PRODUTIVIDADE (Kg por hectare)	VBC (Cr\$)
Até 600	9.900,00
601 a 800	13.100,00
801 a 1.000	15.200,00
1.001 a 1.200	17.800,00
1.201 a 1.400	21.200,00
1.401 a 1.600	25.000,00
Acima de 1.600	28.200,00

Chegou mesmo a hora de mudar



Cornélius: perdeu um pedaço de terra

O Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí programou, para a segunda quinzena de março, uma reunião de análise e planejamento, pensando nos cultivos de inverno. Isto porque, segundo Paulo Roberto, técnicos e produtores precisam repensar os programas para essa época do ano. Os resultados dessa análise poderão depois ser aproveitados por todos os agricultores, e não só pelos que lidam com contabilidade.

Mesmo assim, já é possível antecipar que muitos minis e pequenos vão querer ficar de fora do cultivo de trigo em 81



Bonfada: mudar, mas com muito cuidado

É o caso de Cornélius Commander Neto, que tem 19 hectares em Chorão (Ijuí). Até 79, ele plantou 8 hectares de trigo anualmente, mas a partir daí desistiu da cultura. Há cinco anos, por causa de problemas na hora de ser indenizado pelo Proagro, Cornélius teve até que vender um pedaço da terra para pagar as dívidas.

No ano passado, ele plantou tremoço, e acredita que poderá repetir a mesma lavoura este ano. Cornélius vai deixar apenas uma parte da área para o trigo destinado ao próprio consumo. Outro que pensa assim é o Antônio Czygęski, da Li-

nha 7 Leste (Ijuí). Ele tem 12,5 hectares e nunca lucrou com o trigo. Por isso, pensa em desistir, mas não sabe ainda o que plantará.

COMPENSAR

Antônio anda pensando em repetir a lavoura de tremoço, e já ouviu alguém dizer que há também outras saídas. Uma delas é o plantio do milho bem cedo. Na mesma área, em consórcio, seria plantada a soja. Para o Antônio, o produtor poderia então colher "duas safras" de verão, e compensar o não-plantio do trigo. Mas isso só aconteceria enquanto o produtor



Antônio: safra pode ser milho do cedo

não tivesse encontrado uma boa alternativa de inverno.

Antoninho Bonfada, que tem 25 hectares em São Valentim (Ijuí), acha que a saída é mesmo deixar o trigo de lado. Ele entende que muita gente ainda arrisca com a cultura porque não encontrou opção que assegure um bom rendimento, e lembra que muita coisa ainda está em experimentação. Antônio entende que a substituição do trigo deve ser bem estudada, para que a lavoura não apresente problemas não só de ordem técnica, mas também de colocação depois no mercado.

Caderno de Balanço

EXERCÍCIO ENCERRADO EM 31/12/80



COTRIJUI

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.

ATIVO

CIRCULANTE

Disponibilidades:			
Bens Numerários.....	11.275.410,51		
Depósitos Bancários à Vista.....	740.580.012,94	751.855.423,45	
Clientes:			
Duplicatas a Receber.....	1.279.492.496,56		
Títulos Descontados.....	(534.153.565,10)		
Provisão p/Créd.Liq.Duvidosa.....	(12.794.924,96)		
Clientes no Exterior.....	930.891.321,83	1.663.435.328,33	
Associados:			
Conta Particular.....	703.099.414,29		
Conta Financiamento - Ração e Leite...	23.978.800,31		
Conta Financiamento - Lavoura.....	1.077.816.612,72		
Conta Financiamento - Investimento....	111.890.048,59		
Conta Promissórias a Receber.....	261.930.745,15	2.178.715.621,06	
Outros Créditos:			
Representantes do Exterior.....	6.168.556,20		
Antecipação a Fornecedores.....	59.968.549,88		
Cheques em Cobrança.....	1.165.654,50		
Adiantamentos de Viagem.....	1.450.219,84		
Depósitos Restituíveis.....	250.649,70		
Créditos com Funcionários.....	13.973.689,28		
Créditos com Cooperativas Centrais....	25.191.109,04		
Créditos de Armazenagem.....	13.156.748,17		
Créditos Fiscais.....	7.703.928,25		
Créditos I.A.A.....	51.628.301,69		
Outros Créditos.....	40.164.639,31		
Operações Hedge.....	2.480.964,73	223.303.010,59	
Estoques:			
Produtos Agrícolas.....	653.438.350,11		
Produtos Pecuários.....	207.020.228,29		
Produtos Industrializados.....	852.168.996,22		
Produtos Beneficiados.....	17.745.398,81		
Mercadorias.....	1.594.150.125,92		
Comércio em Geral.....	64.828.913,54		
Outros Estoques.....	172.817.117,13	3.562.169.130,02	8.379.478.513,45
Despesas Exercício Seguinte:			
Despesas Diferidas.....			412.295.578,60
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO			
Associados:			
Conta Financiamento - Lavoura.....	321.945.221,98		
Conta Financiamento - Investimento....	33.421.702,83		
Conta Promissória - Capitalização.....	55.000.000,00	410.366.924,81	
Outros Créditos:			
Empresas Subsidiárias.....	9.893.516,19		
Investimentos a realizar.....	15.996.692,08	25.890.208,27	436.257.133,08
PERMANENTE			
Investimentos:			
Participação em Empresas Subsidiárias..	174.233.781,81		
Outras Participações.....	163.948.294,42		
Participação p/Incent. Fiscais.....	3.389.456,53	341.571.532,76	
Imobilizado:			
Reflorestamento.....	117.112,74		
Terrenos.....	156.433.549,75		
Prédios.....	1.765.348.848,52		
Móveis e Utensílios.....	124.983.128,91		
Máquinas e Equipamentos.....	1.137.210.646,74		
Instalações.....	148.187.934,68		
Veículos.....	101.003.465,18		
Construções em Andamento.....	421.164.148,99		
Semoventes.....	244.351,00		
Depreciação Acumulada.....	(976.614.674,62)		
Marcas e Patentes.....	809.200,53	2.878.887.712,42	
Diferido:			
Despesas Pré Operacionais.....	54.742.812,19		
Benfeitorias em Prédios de Terceiros..	4.416.130,94	59.158.943,13	3.279.618.188,31
TOTAL DO ATIVO.....			12.507.649.413,44

PASSIVO

CIRCULANTE

Associados:			
Contas Safras a Liquidar.....	793.818.509,00		
Conta Disposição.....	381.795,39	794.200.304,39	
Débitos de Financiamentos:			
Financiamentos.....	4.850.718.147,94		
Contratos de Câmbio.....	2.026.512.006,96	6.877.230.154,90	
Obrigações Sociais e Tributárias:			
Obrigações Tributárias.....	185.329.165,46		
Obrigações Sociais.....	43.636.937,85		
Obrigações com Pessoal.....	29.276.714,06		
Obrigações Diversas.....	128.924.668,51	387.167.485,88	
Outros Débitos:			
Títulos a pagar.....	90.055.734,31		
Fornecedores.....	491.311.742,20		
Provisão para Imposto de Renda.....	17.878.303,72		
Outras Provisões.....	300.875,95	599.546.656,18	
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO			
Financiamentos (2).....	1.381.200.781,03		
Associados Capital a Restituir.....	808.977,12		
Associados Telefonia Rural.....	11.133.996,00		
Empresas Subsidiárias.....	159.039.479,82	1.552.183.233,97	10.210.327.835,32
RESULTADO DE EXERCÍCIOS FUTUROS			
PATRIMÔNIO LÍQUIDO			
Capital Social (3)			
Subscrito.....	821.932.161,44		
A Realizar.....	(440.874.930,55)		
Realizado por Financiamento.....	217.854.234,55	598.911.465,44	
Reservas de Sobras:			
Fundo de Reserva.....	69.036.641,54		
Fundo de Desenvolvimento Econômico.....	86.704.300,28		
Fundo de Assistência Téc.Educ. e Social..	17.100.201,10	172.841.142,92	
Reservas de Capital:			
Correção Monetária do Ativo.....	511.447.624,31		
Correção Monetária do Capital.....	184.499.194,67		
Sobras Inflacionárias a Realizar.....	687.899.863,94	1.383.846.682,92	2.155.599.291,28
SOBRAS DO EXERCÍCIO.....			7.855.261,00
TOTAL DO PASSIVO			
			12.507.649.413,44

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA. - COTRIJUI

DEMONSTRATIVO DE SOBRAS E PERDAS - 31.12.1980

1.- REGIÃO PIONEIRA

1.1.- Trigo Indústria			
Vendas ao Banco do Brasil	918.507.219,39		
Vendas de Resíduos	3.096.001,63		
Armazenagem	7.635.837,27		
Receitas de Custeio e Secagem....	<u>18.656.902,25</u>	947.895.960,54	
Custo de Vendas	911.649.333,57		
Custo de Armazenagem	3.287.676,08		
Despesas Indiretas	41.352.038,67		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(9.440.940,83)</u>	<u>946.848.107,49</u>	1.047.853,05
1.2.- Semente de Trigo			
Vendas	<u>169.183.433,60</u>	169.183.433,60	
Custo de Vendas	137.735.025,95		
Despesas de Vendas	5.768.925,40		
Despesas Indiretas	26.671.504,62		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(1.685.678,56)</u>	<u>168.489.777,41</u>	693.656,19
1.3.- Soja Indústria			
Exportação	970.850.759,14		
Vendas Mercado Interno	471.690.141,38		
Vendas de Resíduos	422.114,15		
Recuperação Juros S/Adiantamento.	<u>48.563.964,90</u>	1.491.526.979,57	
Custo de Vendas	1.029.309.594,04		
Despesas de Vendas	434.116.047,52		
Despesas Indiretas	26.431.213,53		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(14.378.182,08)</u>	<u>1.475.478.673,01</u>	16.048.306,56
1.4.- Semente de Soja			
Vendas	<u>285.452.477,83</u>	285.452.477,83	
Custo de Vendas	280.675.660,33		
Despesas de Vendas	3.833.813,34		
Despesas Indiretas	3.698.149,80		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(2.843.691,24)</u>	<u>285.363.932,23</u>	88.545,60
1.5.- Forrageiras			
Vendas	<u>35.374.980,69</u>	35.374.980,69	
Custo de Vendas	23.114.663,82		
Despesas de Vendas	5.004.079,39		
Despesas Indiretas	<u>7.060.104,16</u>	<u>35.178.847,37</u>	196.133,32
1.6.- Milho			
Vendas	<u>26.995.393,27</u>	26.995.393,27	
Custo de Vendas	23.959.581,36		
Despesas de Vendas	1.116.476,51		
Despesas Indiretas	2.017.172,62		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(173.987,13)</u>	<u>26.919.243,36</u>	76.149,91

1.7.- Feijão Preto			
Vendas	<u>1.767.435,77</u>	1.767.435,77	
Custo das Vendas	1.531.171,69		
Despesas com Vendas	81.491,12		
Despesas Indiretas	<u>112.065,15</u>	<u>1.724.727,96</u>	42.707,81
1.8.- Cevada			
Vendas	<u>428.545,37</u>	428.545,37	
Custo de Vendas	<u>450.224,32</u>	<u>450.224,32</u>	(21.678,95)
1.9.- Linhaça Comércio			
Vendas	<u>721.624,82</u>	721.624,82	
Custo de Vendas.....	518.066,00		
Despesas de Vendas	14.064,60		
Despesas Indiretas	<u>168.097,72</u>	<u>700.228,32</u>	21.396,50
1.10- Sorgo Comércio			
Vendas	<u>5.861.821,12</u>	5.861.821,12	
Custo de Vendas	4.103.901,76		
Despesas de Vendas	120.388,39		
Despesas Indiretas	<u>1.624.944,61</u>	<u>5.849.234,76</u>	12.586,36
1.11- Hortigranjeiros e Mudas			
Vendas	<u>59.389.335,61</u>	59.389.335,61	
Custo de Vendas	46.907.213,84		
Despesas de Vendas	12.655.435,95		
Despesas Indiretas	224.130,29		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(444.077,76)</u>	<u>59.342.702,32</u>	46.633,29
1.12- Bovinos - Gado Leiteiro			
Vendas	<u>5.480.000,00</u>	5.480.000,00	
Custo de Vendas	4.789.635,86		
Despesas de Vendas	87.578,00		
Despesas Indiretas	<u>560.325,73</u>	<u>5.437.539,59</u>	42.460,41
1.13- Leiteria			
Vendas	179.217.707,37		
Receitas de Custeio.....	<u>3.176.402,98</u>	182.394.110,35	
Custo de Vendas	178.590.643,04		
Despesas de Vendas	6.778.952,71		
Sobra Inflacionária Realizada ...	<u>(862.779,64)</u>	<u>184.506.816,11</u>	(2.112.705,76)
1.14- Bovino de Corte			
Venda	<u>7.306.066,90</u>	7.306.066,90	
Custo das Vendas	6.634.091,72		
Despesas Diretas	<u>2.114.163,49</u>	<u>8.748.255,21</u>	(1.442.188,31)
1.15- Suínos			
Vendas	<u>2.215.462,00</u>	2.215.462,00	
Custo	2.180.353,22		
Despesas Diretas	<u>71.188,19</u>	<u>2.251.541,41</u>	(36.079,41)
1.16- Secção de Consumo			
Vendas de Insumos	837.469.303,73		
Vendas de Mercadorias	<u>845.703.219,81</u>	1.683.172.523,54	

Custo de Vendas Insumos.....	555.665.534,31		
Custo de Vendas Mercadorias.....	527.233.186,66		
Despesas de Vendas Insumos.....	33.885.251,46		
Despesas de Vendas Mercadorias...	148.798.017,51		
Despesas Indiretas.....	414.416.907,87		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(7.067.180,28)</u>	<u>1.672.931.717,53</u>	10.240.806,01
1.17- Sacaria			
Vendas	<u>28.324.411,91</u>	28.324.411,91	
Custo de Vendas.....	16.290.527,93		
Despesas Diretas.....	857.494,06		
Despesas Indiretas.....	<u>10.926.351,68</u>	<u>28.074.373,67</u>	250.038,24
1.18- Máquinas e Equipamentos Agrícolas			
Vendas.....	2.367.760,00		
Assistência Técnica.....	<u>1.671.846,99</u>	4.039.606,99	
Custo das Vendas.....	285.959,59		
Despesas Diretas.....	5.902.435,27		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(25.375,87)</u>	<u>6.163.018,99</u>	(2.123.412,00)
1.19- Sêmen			
Vendas.....	<u>1.413.711,30</u>	1.413.711,30	
Custo de Vendas.....	781.713,61		
Despesas de Vendas.....	<u>1.624.124,74</u>	<u>2.405.838,35</u>	(992.127,05)
1.20- Hospital Santa Terezinha			
Vendas Farmácia.....	8.388.411,83		
Receitas Hospital.....	<u>4.476.490,28</u>	12.864.902,11	
Custo das Vendas Farmácia.....	6.692.909,71		
Despesas Hospital.....	6.662.294,55		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(393.326,00)</u>	<u>12.961.878,26</u>	(96.976,15)
1.21- Fábrica de Ração			
Vendas.....	<u>18.851.596,40</u>	18.851.596,40	
Custo de Vendas.....	13.786.820,65		
Despesas de Vendas.....	2.235.769,41		
Despesas Indiretas.....	3.586.084,65		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(824.715,83)</u>	<u>18.783.958,88</u>	67.637,52
1.22 - Fábrica de Óleo Ijuí			
Vendas Mercado Interno.....	469.205.103,45		
Eventuais.....	<u>8.045.792,96</u>	477.250.896,41	
Custo de Vendas.....	421.610.450,41		
Despesas de Vendas.....	53.237.336,32		
Despesas Indiretas.....	6.499.778,44		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(4.250.458,52)</u>	<u>477.097.108,65</u>	153.789,76
1.23- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	40.160.883,19		
Receitas Ordinárias.....	<u>5.996.848,92</u>	46.157.732,11	
Despesas Ordinárias.....	<u>46.157.732,11</u>	46.157.732,11	0,00
1.24- DAMS			
F.A.T.E.S.	2.910.009,39		
Receitas Ordinárias.....	<u>36.878.734,59</u>	39.788.743,98	

Despesas Ordinárias.....	<u>39.788.743,98</u>	<u>39.788.743,98</u>	0,00
1.25- Centro de Treinamento			
F.A.T.E.S.	7.028.451,28		
Receitas Ordinárias.....	<u>1.962.519,44</u>	8.990.970,72	
Despesas Ordinárias.....	<u>8.990.970,72</u>	<u>8.990.970,72</u>	0,00
2.- REGIÃO RIO GRANDE			
2.1.- Terminal			
Receitas Ordinárias.....	327.449.043,61		
Receitas Extraordinárias.....	<u>2.435.982,25</u>	329.885.025,86	
Despesas Ordinárias.....	287.334.179,41		
Despesas Indiretas.....	8.820.769,98		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(14.375.431,34)</u>	281.779.518,05	
Provisão p/Imposto de Renda.....	17.742.203,12		
F.A.T.E.S.	<u>30.363.304,69</u>	<u>48.105.507,81</u>	0,00
2.2.- Fábrica de Óleo Rio Grande			
Exportação.....	1.417.518.034,64		
Vendas Mercado Interno.....	1.060.294.461,30		
Receita Financeira.....	954.191,65		
Taxa de Industrialização.....	63.984.919,57		
Recuperações.....	<u>102.336.410,11</u>	2.645.088.017,27	
Custo de Vendas.....	2.009.738.181,61		
Despesas de Vendas.....	311.182.653,05		
Despesas Indiretas.....	76.027.113,43		
Hedge	286.700.341,24		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(39.966.997,99)</u>	<u>2.643.681.291,34</u>	1.406.725,93
2.3.- Colônia de Férias			
Receitas Ordinárias.....	<u>133.341,00</u>	133.341,00	
Despesas Ordinárias.....	<u>433.570,42</u>	<u>433.570,42</u>	(300.229,42)
2.4.- Manufaturados de Lã			
Vendas.....	<u>27.228.443,18</u>	27.228.443,18	
Custo de Vendas.....	12.941.416,93		
Despesas de Vendas.....	4.976.607,88		
Despesas Indiretas.....	<u>9.138.242,71</u>	<u>27.056.267,52</u>	172.175,66
2.5.- Secção de Consumo			
Vendas.....	<u>7.748.995,43</u>	7.748.995,43	
Custo de Vendas.....	5.990.687,58		
Despesas de Vendas.....	<u>1.935.030,94</u>	<u>7.925.718,52</u>	(176.723,09)
3.- REGIÃO DOM PEDRITO			
3.1.- Trigo Indústria			
Vendas ao Banco do Brasil.....	7.625.936,65		
Receitas de Custeio e secagem....	138.379,31		
Vendas Resíduos.....	<u>26.829,00</u>	7.791.144,96	
Custo de Vendas.....	6.740.671,78		
Custo de Armazenagem.....	16.740,64		
Despesas Indiretas.....	1.230.656,71		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(218.193,44)</u>	<u>7.769.875,69</u>	21.269,27

3.2.- Semente de Trigo			
Vendas.....	<u>1.336.200,00</u>	<u>1.336.200,00</u>	
Custo de Vendas e Transferências.....	1.005.815,17		
Despesas de Vendas.....	220.258,77		
Despesas Indiretas.....	146.010,12		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(37.721,58)</u>	<u>1.334.362,48</u>	1.837,52
3.3.- Soja Indústria			
Vendas.....	<u>56.467.496,79</u>	<u>56.467.496,79</u>	
Custo de Vendas.....	35.010.612,79		
Despesas de Vendas.....	17.042.754,69		
Despesas Indiretas.....	5.850.834,00		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(1.516.999,14)</u>	<u>56.387.202,34</u>	80.294,45
3.4.- Sementes de Soja			
Vendas.....	<u>25.447.400,00</u>	<u>25.447.400,00</u>	
Custo de Vendas.....	22.452.754,38		
Despesas de Vendas.....	1.588.103,56		
Despesas Indiretas.....	2.085.858,82		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(712.272,15)</u>	<u>25.414.444,61</u>	-32.955,39
3.5.- Sementes de Forrageiras			
Vendas.....	<u>9.630.088,13</u>	<u>9.630.088,13</u>	
Custo de Vendas.....	5.365.610,90		
Despesas de Vendas.....	301.399,59		
Despesas Indiretas.....	<u>3.910.985,30</u>	<u>9.577.995,79</u>	52.092,34
3.6.- Milho			
Vendas.....	<u>196.438,89</u>	<u>196.438,89</u>	
Custo de Vendas.....	195.260,82		
Despesas de Vendas.....	<u>324,00</u>	<u>195.584,82</u>	854,07
3.7.- Cevada			
Vendas.....	<u>176.635,35</u>	<u>176.635,35</u>	
Custo de Vendas.....	164.884,00		
Despesas Diretas.....	<u>26.495,31</u>	<u>191.379,31</u>	(14.743,94)
3.8.- Arroz			
Vendas.....	<u>276.572.864,75</u>		
Eventuais.....	<u>603.060,64</u>	<u>277.175.925,39</u>	
Custo de Vendas.....	194.386.726,85		
Despesas de Vendas.....	67.028.476,37		
Despesas Indiretas.....	21.609.497,40		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(6.152.252,91)</u>	<u>276.872.447,71</u>	303.477,68
3.9.- Sorgo			
Vendas.....	<u>37.134.271,60</u>	<u>37.134.271,60</u>	
Custo de Vendas.....	25.289.035,90		
Despesas de Vendas.....	3.069.857,56		
Despesas Indiretas.....	<u>8.656.314,12</u>	<u>37.015.207,58</u>	119.064,02

3.10- Feijão Preto			
Vendas.....	<u>730.600,00</u>	<u>730.600,00</u>	
Custo de Vendas.....	560.102,05		
Despesas Indiretas.....	<u>166.868,71</u>	<u>726.970,76</u>	3.629,24
3.11- Sementes de Hortigranjeiros			
Vendas.....	<u>396.290,00</u>	<u>396.290,00</u>	
Custo de Vendas.....	466.442,16		
Despesas de Vendas.....	<u>3.000,00</u>	<u>469.442,16</u>	(73.152,16)
3.12- Frigorífico			
Vendas.....	<u>396.734.024,83</u>		
Armazenagem.....	3.724.530,35		
Eventuais.....	<u>2.187.358,01</u>	<u>402.645.913,19</u>	
Custo de Vendas.....	342.365.222,04		
Despesas de Vendas.....	44.347.623,78		
Despesas Indiretas.....	18.240.835,42		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(2.555.242,44)</u>	<u>402.398.438,80</u>	247.474,39
3.13- Frutos do País			
Vendas.....	<u>1.599.491,50</u>	<u>1.599.491,50</u>	
Custo de Vendas.....	845.829,58		
Despesas de Vendas.....	471.737,24		
Despesas Indiretas.....	<u>281.590,94</u>	<u>1.599.157,76</u>	333,74
3.14- Lã			
Vendas.....	<u>148.447.068,62</u>	<u>148.447.068,62</u>	
Custo de Vendas.....	110.376.988,64		
Despesas de Vendas.....	31.441.303,94		
Despesas Indiretas.....	6.601.743,18		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(68.495,82)</u>	<u>148.351.539,94</u>	95.528,68
3.15- Secção de Consumo			
Vendas de Mercadorias.....	<u>87.813.251,73</u>		
Vendas de Insumos.....	<u>60.119.367,20</u>	<u>147.932.618,93</u>	
Custo de Vendas Mercadorias.....	57.584.853,45		
Custo de Vendas Insumos.....	36.166.890,23		
Despesas de Vendas.....	20.144.044,36		
Despesas Indiretas.....	33.874.347,30		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(304.167,89)</u>	<u>147.465.967,45</u>	466.651,48
3.16- Sêmen			
Vendas.....	<u>3.158.825,22</u>	<u>3.158.825,22</u>	
Custo de Vendas.....	1.906.621,58		
Despesas de Vendas.....	919.550,92		
Despesas Indiretas.....	375.454,59		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(44.115,95)</u>	<u>3.157.511,14</u>	1.314,08
3.17- Sacaria			
Vendas.....	<u>3.672.213,40</u>	<u>3.672.213,40</u>	
Custo de Vendas.....	2.291.113,37		
Despesas Indiretas.....	1.261.944,59		
Despesas Diretas.....	<u>100.432,21</u>	<u>3.653.490,17</u>	18.723,23

3.18- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	7.748.063,26		
Receitas Ordinárias.....	<u>32.102,80</u>	7.780.166,06	
Despesas Ordinárias.....	<u>7.780.166,06</u>	<u>7.780.166,06</u>	0,00
3.19- DAMS			
F.A.T.E.S.	465.248,98		
Receitas Ordinárias.....	<u>158.414,45</u>	623.663,43	
Despesas Ordinárias.....	<u>623.663,43</u>	<u>623.663,43</u>	0,00
4.- REGIÃO MATO GROSSO DO SUL			
4.1.- Trigo Indústria			
Vendas ao Banco do Brasil.....	643.701.515,66		
Vendas Resíduos.....	456.335,30		
Secagem e Armazenagem.....	10.149.343,50		
Receitas de Custeio.....	<u>22.062.336,03</u>	676.369.530,49	
Custo de Vendas.....	637.698.239,92		
Custo de Armazenagem.....	1.240.210,41		
Despesas Indiretas.....	23.421.234,58		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(3.671.574,36)</u>	<u>658.688.110,55</u>	17.681.419,94
4.2.- Sementes de Trigo			
Vendas.....	<u>35.427.425,00</u>	35.427.425,00	
Custo de Vendas.....	29.563.407,28		
Despesas de Vendas.....	4.580.931,95		
Despesas Indiretas.....	844.738,20		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(193.050,84)</u>	<u>34.796.026,59</u>	631.398,41
4.3.- Soja Indústria			
Vendas.....	2.253.257.201,72		
Operações em Bolsa.....	8.988.397,52		
Receita Indústria.....	<u>577.265.639,93</u>	2.839.511.239,17	
Custo de Vendas.....	1.733.477.539,50		
Despesas de Vendas.....	714.166.391,31		
Custo Indústria.....	487.353.395,46		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(11.976.368,82)</u>	<u>2.923.020.957,45</u>	(83.509.718,28)
4.4.- Sementes de Soja			
Vendas.....	<u>318.982.715,21</u>	318.982.715,21	
Custo de Vendas.....	275.965.657,88		
Despesas de Vendas.....	4.147.690,82		
Despesas Indiretas.....	23.143.512,43		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(1.732.044,91)</u>	<u>301.524.816,22</u>	17.457.898,99
4.5.- Arroz			
Vendas.....	83.223.215,86		
Prestação de Serviços.....	<u>1.825.594,54</u>	85.048.810,40	
Custo de Vendas.....	68.730.343,46		
Despesas de Vendas.....	7.376.600,71		
Despesas Indiretas.....	5.357.723,13		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(452.857,58)</u>	<u>81.011.809,72</u>	4.037.000,68
4.6.- Sementes de Forrageiras			
Vendas.....	<u>1.237.038,50</u>	1.237.038,50	
Custo de Vendas.....	1.425.293,82		

Despesas de Vendas.....	<u>59.728,74</u>	<u>1.485.022,56</u>	(247.984,06)
4.7.- Milho			
Vendas.....	<u>6.733.941,45</u>	6.733.941,45	
Custo de Vendas.....	6.550.285,69		
Despesas de Vendas.....	2.175.353,73		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(16.237,92)</u>	<u>8.709.401,50</u>	(1.975.460,05)
4.8.- Feijão Preto			
Vendas.....	<u>339.029,86</u>	339.029,86	
Custo de Vendas.....	301.392,69		
Despesas de Vendas.....	<u>107.598,29</u>	<u>408.990,98</u>	(69.961,12)
4.9.- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	8.146.387,10		
Receitas Ordinárias.....	<u>5.789.822,26</u>	13.936.209,36	
Despesas Ordinárias.....	<u>13.936.209,36</u>	<u>13.936.209,36</u>	0,00
4.10- Seção de Consumo			
Vendas de Insumos.....	328.513.263,38		
Vendas de Mercadorias.....	197.985.466,50		
Vendas de Máquinas.....	<u>39.330,00</u>	526.538.059,88	
Custo de Vendas.....	358.004.409,70		
Despesas de Vendas.....	59.864.713,33		
Despesas Indiretas.....	62.209.761,41		
Sobra Inflacionária Realizada....	<u>(494.939,88)</u>	<u>479.583.944,56</u>	46.954.115,32
4.11- Sacaria			
Vendas.....	<u>1.993.660,75</u>	1.993.660,75	
Custo de Vendas.....	621.424,50		
Despesas Diretas.....	74.511,42		
Despesas Indiretas.....	<u>740.592,40</u>	<u>1.436.528,32</u>	557.132,43
4.12- DAMS			
Receitas Ordinárias.....	822.784,53		
F.A.T.E.S.	<u>505.968,65</u>	1.328.753,18	
Despesas Ordinárias.....	1.328.753,18	<u>1.328.753,18</u>	0,00
5.- RESULTADO DE COLIGADAS.....			44.907.150,92
6.- SOBRA INFLACIONÁRIA.....			152.776.309,61
7.- PROV. P/CRÉDITOS DE LIQUIDAÇÃO DUVIDOSA			
Reversão.....	2.326.519,26		10.468.405,70
Formação.....	<u>12.794.924,96</u>		213.393.982,53
Resultado.....			
8.- RESERVA DE SOBRA INFLACIONÁRIA A REALIZAR			152.776.309,61
9.- F.A.T.E.S. (Resultado de Coligadas)....			44.907.150,92
10- RESULTADO A DISTRIBUIR.....			15.710.522,00
11- FUNDOS ESTATUTÁRIOS			
Fundo Desenvolvimento Econômico (30% das Sobras Líquidas)			4.713.156,60
Fundo de Reserva (10% das Sobras Líquidas)			1.571.052,20
F.A.T.E.S. (10 % das sobras líquidas)			1.571.052,20

Ijuí (RS), 31 de dezembro de 1.980.

RUBEN ILGENFRITZ DA SILVA
Presidente
CPF 056268970-20

ARNALDO OSCAR DREWS
Vice-Presidente
CPF 028619400-34

CLOVIS ADRIANO FARINA
Superintendente
CPF 010133350-15

ARI ZIMPEL
Técnico Cont.CRC-RS 11222
CPF 008301860-34

NOTAS EXPLICATIVAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

NOTA 1. - ALTERAÇÃO DE PRÁTICA CONTÁBIL:

No presente exercício os estoques das lojas e supermercados foram avaliados ao preço da última entrada, enquanto no exercício anterior o critério foi o do preço médio.

NOTA 2. - FINANCIAMENTOS:

Os financiamentos apresentavam a seguinte composição:

FINALIDADE	CURTO PRAZO	LONGO PRAZO	TOTAL
CAPITAL DE GIRO	2.523.432.729,10	537.050.328,29	3.060.483.057,39
SAFRAS	881.760.218,81	143.750,00	881.903.968,81
IMOBILIZADO	102.004.148,42	788.149.479,39	890.153.627,81
CONTRATOS DE CÂMBIO	2.026.512.006,96	-x-	2.026.512.006,96
REPASSE	1.343.521.051,61	55.857.223,35	1.399.378.274,96
	6.877.230.154,90	1.381.200.781,03	8.258.430.935,93

Os empréstimos foram contratados a juros e encargos financeiros que variam de 24% a 64,58%.

Os financiamentos a longo prazo apresentam vencimentos a partir de 01/1.982 a 01/1.990.

As garantias oferecidas compreendem Penhor, Hipoteca e Aval de Diretores.

NOTA 3. - CAPITAL SOCIAL:

REGIÕES	CAPITAL INTEG. 28.02.80	CAPITAL INTEG. 01.03.80 a 31.12.80	CAPITAL INTEG. 31.12.80	%
REGIÃO PIONEIRA	93.614.814,05	120.946.830,70	214.561.344,75	129,20
DOM PEDRITO	21.931.744,35	21.802.313,59	43.734.057,94	99,41
M.GROSSO DO SUL	35.912.920,77	86.848.907,43	122.761.828,20	241,83
TOTAL	151.459.479,17	229.597.751,72	381.057.230,89	151,59

OBSERVAÇÃO: As operações na Amazônia foram objeto de Balanço em separado tendo seus resultados de exercícios anteriores e do atual sido absorvidos por operação financeira com o INCRA, constando em despesas diferidas, recuperáveis em até 26 meses.

PERCENTUAIS DAS DESPESAS

CONTA	TOTAL	% EM RELAÇÃO A DESP.TOTAL	% EM RELAÇÃO A REC.BRUTA	% EM RELAÇÃO A REC. LIQUIDA
Despesas Financeiras	910.798.750,28	27,6627	6,4478	27,5312
ICM e Outros Impostos	849.777.173,54	25,8092	6,0158	25,6867
Fretes	413.673.519,14	12,5640	2,9285	12,5043
Salário, Honorários e Gratificações	352.161.254,19	10,6958	2,4930	10,6450
Despesas de Carregamento	115.724.131,82	3,5147	0,8192	3,4981
Contribuições Previdenciais	99.412.957,09	3,0193	0,7038	3,0050
Manutenção	80.638.811,29	2,4491	0,5709	2,4375
Depreciações	77.220.551,70	2,3453	0,5467	2,3342
Assistência Social	39.488.608,79	1,1993	0,2796	1,1936
Despesas com Processamento de Dados	39.150.067,48	1,1891	0,2772	1,1834
Despesas com Veículos	36.357.344,40	1,1042	0,2574	1,0990
Comissões	31.072.799,31	0,9437	0,2200	0,9393
Luz, Água e Força	29.915.792,56	0,9086	0,2118	0,9043
Despesas Diversas	26.094.640,74	0,7925	0,1847	0,7888
Aluguel e Armazenagem	19.790.146,86	0,6011	0,1401	0,5982
Despesas de Exportação	17.315.302,20	0,5259	0,1226	0,5234
Mão-de-Obra Contratada	17.272.495,17	0,5246	0,1223	0,5221
Material de Expediente	17.066.021,67	0,5183	0,1208	0,5159
Despesas de Viagem	16.951.038,34	0,5148	0,1200	0,5124
Seguros	15.641.243,73	0,4751	0,1107	0,4728
Combustíveis e Lubrificantes	15.450.422,38	0,4693	0,1094	0,4670
Portes e Comunicações	13.680.494,63	0,4155	0,0968	0,4135
Desenvolvimento Recursos Humanos	10.105.465,80	0,3069	0,0715	0,3055
Publicações e Publicidades	9.938.563,81	0,3019	0,0703	0,3004
Despesas com Refeitórios	8.980.567,77	0,2728	0,0636	0,2715
Embalagem	6.087.667,47	0,1849	0,0431	0,1840
Ajudas de Custo	5.483.186,16	0,1665	0,0388	0,1657
Doações	4.794.411,70	0,1456	0,0339	0,1449
Insumos e Imunizantes	4.599.406,35	0,1397	0,0326	0,1390
Segurança e Proteção do Trabalho	2.589.077,82	0,0786	0,0183	0,0783
Despesas com Passagem Funcionários	2.198.704,62	0,0668	0,0156	0,0665
Jornais, Revista e Livros	1.000.150,92	0,0304	0,0071	0,0302
Contribuição Entidade de Classe	823.335,82	0,0250	0,0058	0,0249
Consultoria Técnica e Jurídica	617.303,03	0,0187	0,0044	0,0186
Despesas do Hospital	345.690,76	0,0105	0,0024	0,0104
Despesas com Excursões	156.482,65	0,0048	0,0011	0,0047
Pensoes	144.825,60	0,0044	0,0010	0,0044
Despesas com Indigentes	7.979,20	0,0002	0,0001	0,0002
Despesas com Assistência Técnica	5.727,35	0,0002	0,0001	0,0002
T O T A L	3.292.532.114,14	100,0000	23,3088	99,5251

IJUI (RS), 31 de dezembro de 1.980.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o Artigo 52^o do Estatuto Social da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda., reuniu-se nesta data o Conselho Fiscal desta entidade, a fim de proceder ao exame do balanço, demonstrativo de sobras e perdas e todos os documentos referentes ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1980, inclusive o levantamento dos saldos em caixa. Tendo sido assessorado pela empresa NARDON & NASI – Auditores Independentes e, tendo examinado todos os documentos, encontramos tudo em ordem e emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

Ijuí (RS), 10 de março de 1981

Dair Fischer Álvaro Darci Bernardi Contri Eloy Milton Frantz

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

10 de março de 1981

Ilmos. Srs.
Conselheiros da
COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.
IJUI – RS

(1) Examinamos o Balanço Patrimonial anexo, da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda – COTRIJUI, levantado em 31 de dezembro de 1.980 e a respectiva demonstração do resultado econômico do exercício findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, conseqüentemente, incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

(2) Por decisão da Assembléia Geral de 28/05/80 a Cooperativa alterou a data de seu exercício social de 28 de fevereiro para 31 de dezembro. Por conseguinte o presente balanço refere-se a 10 meses de atividades.

(3) Em nossa opinião, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado econômico acima referidos, representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. – COTRIJUI –, em 31 de dezembro de 1.980, e o resultado de suas operações correspondentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos, aplicados de maneira uniforme em relação ao exercício anterior, exceto ao mencionado no parágrafo 2 e nota explicativa n^o1.

NARDON & NASI – AUDITORES INDEPENDENTES
CGCMF 92.838.150/0001 – CRC/RS 542 – OCB 015

ARTHUR NARDON FILHO
Responsável Técnico
Contador CRC/RS 13.866
CPF 004.036.440-20
Membro do IAIB 07



SUPLEMENTO INFANTIL
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

VOLTA ÀS AULAS

A volta às aulas provoca em nós uma série de sensações, emoções, angústias e nos assaltam muitas perguntas:

— Quem será minha professora? Como será? Será que este ano vai ser mais difícil do que o anterior? . . .

Uma das coisas mais gostosas da volta às aulas, é sem dúvida nenhuma, o reencontro com os colegas. Quantas novidades se tem para contar! Cada um quer contar mais que o outro. Todos querem brincar! . . . Só que o tempo para as brincadeiras é pouco. Mesmo estando na melhor parte do jogo, mesmo que todos estejam envolvidos, o som da sineta surge como ordem para parar. Mesmo na fila, continuam os "cochichos", combinando a continuidade de brincadeiras. Depois . . . Silêncio! Rostos curiosos olhando para uma só pessoa. A professora.

Este primeiro encontro é muito importante, pois ele indicará que tipo de relacionamento irá acontecer entre os alunos e professor.

Esperamos que sua professora seja uma boa camarada: firme no propósito de fazer o melhor, e aberto para todas as dificuldades, sugestões, participações dos alunos. Esperamos ainda que haja muito respeito entre vocês, pois só assim o ano escolar será de grande proveito.

Um abraço



Caros amiguinhos

Cotrisol convida-os a brincar com os coleguinhos da escola e professores neste início das aulas.

Entrem com os novos amiguinhos nos jogos, brincadeiras e leituras que este jornal, feito para você propõe.

A história "Panela de Arroz" escrita por Luís Camargo, lançamento da Editora Atica, da Série Lagarta Pintada recebeu o prêmio Jabuti, como melhor produção editorial. Durante a história surgem perguntas que Maneco Caneco Chapéu de Funil terá que responder para que as portas da casa de arroz se abram.

Outro tema a ser abordado é de como fazer redação de maneira mais agradável.

E mais uma sugestão para você brincar de teatro com sua turma em casa ou na escola.

Que estes assuntos escolhidos sejam de proveito e interesse para todos.

Aceitamos contribuições para que o Cotrisol continue sendo cada vez mais um instrumento de comunicação direcionado para crianças. Basta escrever para o Cotri-jornal - Cotrisol - Rua das Chácaras - Cx. P. 111 - Ijuí - CEP 98.700.

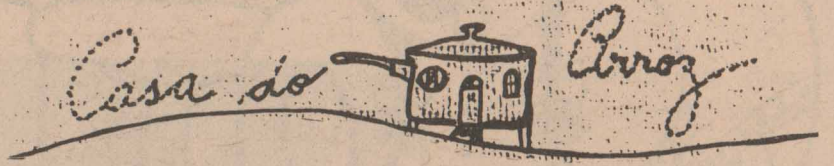
CARTAS ENVIADAS

Marlete e Marilei Lorenzoni, de Vila Coronel Barros - Ijuí; Márcia Regina, Marcos Roberto e Marcelo Renato Cembranel, de Tucunduva-RS; Amilton Luiz Menezes, de Miraguaí; Elton José Portolan, Ijuizinho, Augusto Pestana e Flávia Kroth, Dourados, Mato Grosso.

PANELA DE ARROZ

Durante a história que segue surgem perguntas que Maneco terá que responder para que as portas da casa do arroz se abram. As respostas estão no quadro abaixo, desordenadamente. Procure colocar na história, as respostas no lugar certo. sal — cebola — água — óleo — alho — feijão com arroz

Luís Camargo



Maneco Caneco Chapéu de Funil foi andando e encontrou uma casa com forma de panela. Era a casa do arroz. A casa tinha porta, mas não tinha campainha. Maneco Caneco bateu palmas. Ninguém atendeu. Maneco Caneco bateu na porta. Ninguém atendeu. Maneco Caneco empurrou a porta. A porta não abriu. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria. A porta disse:
— Um, dois!
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta tinha outra porta. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria. A porta perguntou:
— O que é, o que é: tem dente, mas não morde?
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta tinha outra porta. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria. A porta perguntou:
— O que é, o que é: tem barba, mas não tem queixo?
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta tinha outra porta. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria. A porta perguntou:
— O que é, o que é: se come na cozinha, mas não se come no carro?
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta tinha outra porta. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria.

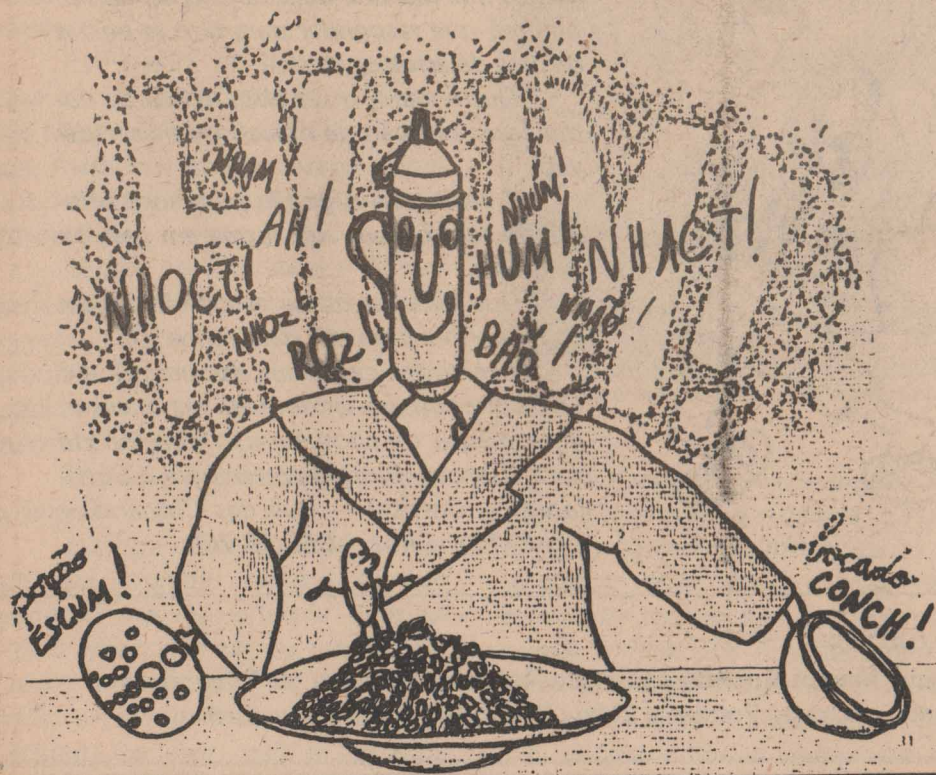
A porta perguntou:
— O que é, o que é: tem no café mas não é café, tem no chá mas não é chá?
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta tinha outra porta. A porta não tinha trinco nem fechadura, mas estava fechada e não abria. A porta perguntou:
— O que é, o que é: Na água nasci, na água me criei, se me colocam na água, na água morrerei?
Maneco Caneco respondeu:

E a porta abriu. Depois da porta não tinha mais portas. Todas as portas estavam abertas. Apareceu o arroz. O arroz olhou no relógio:
— Tá na hora de tomar banho!
O arroz se enfiou numa bacia, debaixo da torneira e tomou banho. O arroz olhou no relógio:
— Tá na hora de fritar!
O arroz pulou numa panela com óleo e fritou. O arroz olhou no relógio:
— Tá na hora de temperar!
O sal, a cebola e o alho pularam na panela. O arroz ficou bem temperado. O arroz olhou no relógio:

— Tá na hora de cozinhar!
A água fervendo pulou na panela. O arroz bem temperado cozinhou.
— Estou pronto! — disse o arroz. E pulou no prato. Maneco Caneco comeu o arroz e foi embora cantando. Outros livros desta série (Lagarta Pintada)
Lúcia Já-Vou-Indo
A Zebra, a Girafa e outros bichos
O Veterinário Maluco
O Vestido da Centopéia
A Centopéia e seus sapatinhos
O Ônibus Musical
Olaf, o esquilo do Norte
O Gato do mato e o Cachorro do morro
Tungo-Tungo
O passarinho Vermelho
Os Pregadores do Rei João
Maneco Caneco Chapéu de Funil
O Noivo da Cutia

As crianças, pais e professores que desejarem adquirir estes livros ou obterem maiores esclarecimentos poderão entrar em contato com a Equipe do Cotrisol. Ah! eles são ótimos para crianças de 4 a 8 anos de idade.



SEIS EM TRES

diamante
vida fogo
pedra filho
quadrinhas reco
passaro
mão mimino varão
preço

quer mãe
casa mão amigo
ovos quadrinhos
fogo construir
sol preço
diamante diversão

não fogo
preço fome
diamante quer
casa árvore
sol ouro
quadrinhas carne

Nos quadros abaixo somente seis palavras aparecem em todos eles. Agora complete o texto ao lado com as seis palavras que você encontrou repetidas.

Você conhece estas
do nosso folclore?

Você diz que me bem
Eu também quero você.

Onde tem tem fumaça
Quem quer bem logo se vê.

Meu amor é um

Mesmo assim não digo bem.

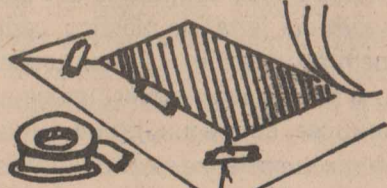
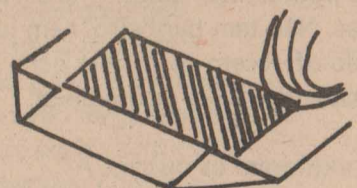
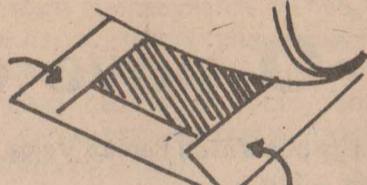
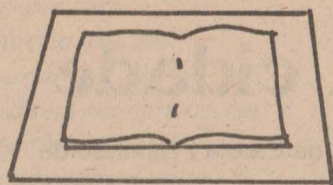
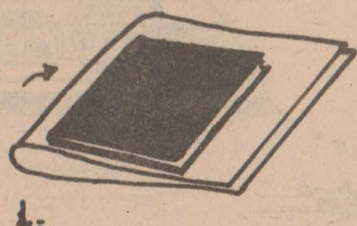
Que diamante tem seu

Meu amor preço tem.

Encape seus cadernos. É fácil!

Agora que as aulas começaram para valer vamos cuidar bem dos cadernos e livros que a professora pediu. Vamos encapar todos eles. Veja como é fácil.

- 1 - Coloque o caderno em cima do papel ou plástico e faça com que ele dê a volta no caderno.
- 2 - Deixe sobrar mais ou menos três dedos em cada lado, em cima e embaixo, e corte.
- 3 - Abra o caderno no meio (onde tem os grampos) e veja se está no centro do papel.
- 4 - Dobre o papel sobre o caderno e encaixe debaixo das páginas. Repita do outro lado.
- 5 - Dobre as pontas do papel na beirada de um dos lados do caderno e segure.
- 6 - Dobre o papel para dentro da capa do caderno e coloque cola ou fita adesiva.
- 7 - Pronto! Agora seus cadernos estão protegidos.

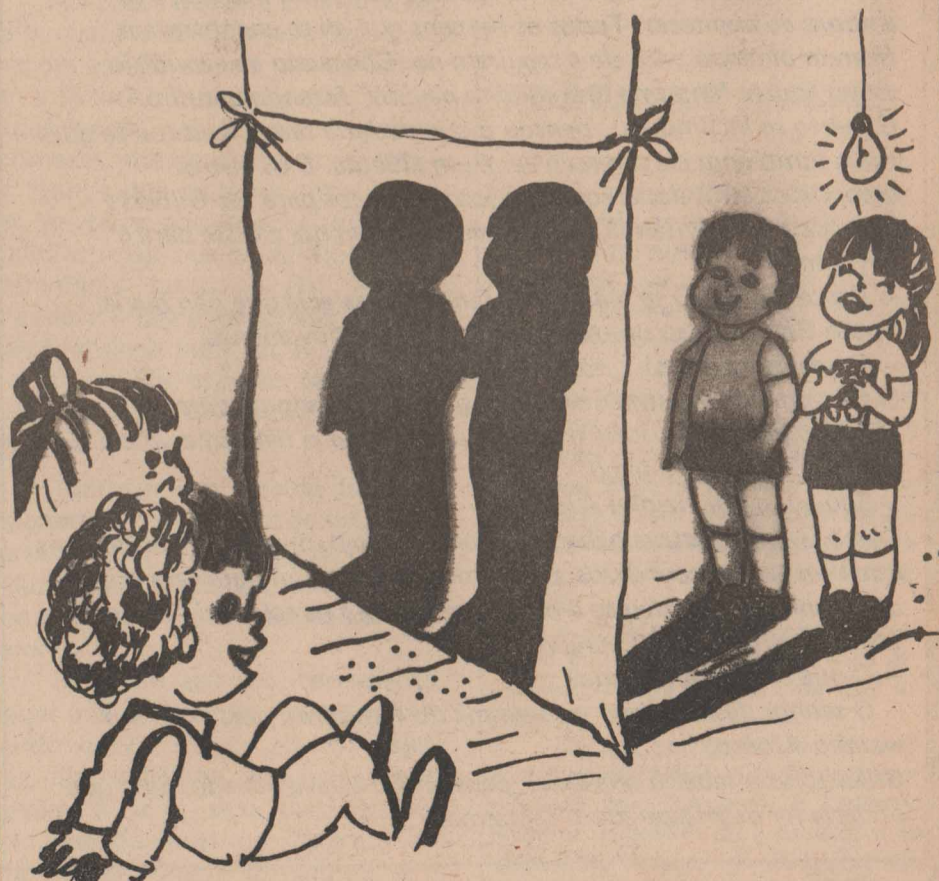


Teatro de sombras

Em dia de chuva, na sua casa ou na escola, reúna a turma para uma sessão de teatro. Coloque uma lâmpada bem forte contra um lençol aberto no meio da sala.

Os atores ficam entre a lâmpada e o lençol e a plateia fica do outro lado.

A história vocês mesmo inventam. Ponham suas cabezinhas a funcionar e divirtam-se.



Respostas nº anterior - Quem sou eu?

Resp. 1 - Uma cama; 2 - Uma mesa; 3 - Um pente; 4 - Água; 5 - Uma zebra envergonhada.

REDAÇÃO, UMA FORMA DE COMPREENDER A REALIDADE

A vida da gente é uma constante descoberta quer através de brincadeiras, de conversas com amigos, da observação da natureza, da leitura de um livro, quer através de um fato ou um acontecimento atual ou antigo que presenciamos ou ouvimos de alguém. Se pudermos contar nossas experiências vivenciais e também ouvir as experiências de nossos

amigos, irmãos, pais, avós e vizinhos essas nossas descobertas naturais poderão ser enriquecidas ainda mais e passaremos a percebê-las sob vários ângulos. O caminho para esse enriquecimento é o diálogo, a troca de idéias entre as pessoas e isto acontece naturalmente, principalmente, entre as crianças. A nossa sugestão é que essas experiências de vida sejam levadas

para dentro da sala de aula e a partir delas vocês produzam suas redações. Para que isto aconteça é necessário que um de vocês conte um fato real da comunidade para os demais colegas e que o mesmo sirva de motivo para que todos participem fazendo perguntas, levantando dúvidas ou procurando achar soluções e que no final cada um escreva o fato conforme entendeu. Dependendo do assunto poderão relacioná-los com outros fatos próximos ou distantes.

Acreditamos que ao fazermos uma análise desses fatos passamos a entender a realidade e a participar mais ativamente da comunidade em que vivemos.

Se nossa sugestão for colocada em prática no final do ano cada um de vocês terá um livro de histórias reais. Para que o livro fique bem original cada um poderá ilustrá-lo à vontade.

Neste tipo de atividade nossos pais, avós, irmãos, amigos e vizinhos são as personagens das histórias, as quais serão mais significativas e

ligadas ao nosso meio. Temos certeza que muitos fatos antigos e recentes surgirão. É necessário, no entanto, criar um espaço para que os mesmos sejam narrados e discutidos.

Nossos pais têm muitas histórias interessantes para contar. Vamos conversar com eles, perguntar como se divertiam antigamente; como era o local onde hoje vivemos; quais as dificuldades da época deles (será que eram diferentes das que encontramos hoje?); como era o relacionamento com os vizinhos; como e quando faziam mutirões. Para termos uma idéia do resultado desse tipo de trabalho que sugerimos estamos publicando duas redações. Uma delas escrita por uma aluna da Escola da Linha 6 Oeste e outra feita por um aluno da Escola de 1º Grau "Francisco de Assis", ambos da 6ª série. Esperamos que nossa sugestão possa ser experimentada por vocês e que nos enviem suas histórias para serem publicadas aqui no Cotrisol.

Lidia Allebrandt

O fantasma

Contada por Marisa Scheffler.

Escrita por Marisa Scheffler da Escola da Linha 6 Oeste

Uns meses atrás havia um homem gordo, alto, com bigodes e cabelos pretos, chamado Gilberto. Tinha dois netos Lisandro e Leandro, eram muito arteiros. Certa noite como o céu estava estrelado, resolveram sair escondidos para atirar pedras nas vidraças dos vizinhos do outro lado do cemitério.

Quando chegaram perto do cemitério viram um fantasma se mexendo na cruz mais alta. Os meninos nem conseguiram gritar, tamanho foi o susto.

Começaram a correr, chegaram em casa em dois minutos, o cemitério ficava a um quilômetro da casa deles. Chegaram em casa e a porta estava chaveada, entraram pela janela que estava aberta e foram logo para a cama. Quando amanheceu estavam tão esquisitos e trêmulos que seu Gilberto assustado perguntou:

— Que há com vocês, meninos?

Os meninos nem conseguiram falar. Depois Leandro baixou a cabeça e Lisandro respondeu:

— Vovô eu e Leandro fomos ontem a noite dar um passeio. A noite estava tão linda, o céu azul e cheio de estrelas . . . chegamos perto do cemitério, vimos um fantasma na cruz mais alta.

Gilberto assustou-se, foi ver, não encontrou nada, assim foi muito meses, ninguém passava lá à noite de medo do fantasma.

Um dia Gilberto, à tarde foi ao bolicho para fazer compras que sua mulher mandou, lá bebeu tanta cachaça que ficou bêbado. Foi embora ao anoitecer. Todos os homens que ali se encontravam ficaram olhando para ele e seguiram-no. Chegando ao cemitério viram aquele fantasma mexendo-se na cruz, fazendo barulho.

Gilberto se incomodou, pensou o que poderia fazer, lembrou-se que tinha junto com ele um revólver e um chicote. E os outros escondidos atrás das árvores, curiosos e loucos para ver Gilberto desmascarar o fantasma. Este foi ao local da cruz e disse para o fantasma:

— Desce daí ou eu te mato. — O fantasma parecia que não ouvia.

Então Gilberto deu um tiro para o ar e disse novamente:

— Desce ou te mato!

O fantasma se assustou, mas ficou quieto agarrado na cruz.

Gilberto pegou o chicote e começou chicotear o fantasma, aí ele começou a descer e falou:

— Sou eu, o seu vizinho Afonso.

Como Gilberto estava bêbado, o homem fugiu, mas os outros homens que lá estavam escondidos, pegaram-o. Gilberto foi para casa dormir, ao amanhecer acordou-se e ouviu um barulho na sala, foi ver, era uma festa, ficou surpreso e perguntou:

— O que está acontecendo?

— O senhor desmascarou o fantasma do cemitério, pois era o seu vizinho Afonso.

Gilberto sem saber o que dizer, pensou: Eu estava bêbado. Será que poderia ter desmascarado o fantasma?



O povo e a cidade

Escrita por Vilson Pereira Veiga, 14 anos da Escola Francisco de Assis — Ijuí.

Nós estamos vendo que existem grandes diferenças entre a população da cidade: os bairros pobres, os bairros luxuosos e o centro.

A população da maioria dos bairros são pobres, tem casas simples, as vezes até feitas de plástico, capim e latas. Não tem banheiro, nem luz, nem água, enfim, são habitações que não oferecem condições para um ser humano morar. Imagine você morando numa casa grande, luxuosa, com água, limpa e iluminada.

A nossa sociedade é individualista, uns exploram os outros. A população pobre não tem emprego fixo. Quando é época de crise econômica os patrões despedem seus empregados e a estes falta então o dinheiro para comer e vestir-se, é a marginalização que surge em consequência do desemprego. O homem que tem que sustentar sua família começa a roubar e a assaltar.

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene



O BÓIA-FRIA DOS PAMPAS

Temos afirmado constantemente que a educação não é uma questão puramente escolar. Defendemos a idéia de que as pessoas devem ser esclarecidas, conhecer o seu mundo, a sua realidade para serem capazes de participar da vida social e comunitária, de serem elementos ativos no seu dia a dia, enfim serem indivíduos conscientes da sua ação. Isto para nós, define o que é ser educado e a abrangência desta questão.

É com esta justificativa que introduzimos, neste Suplemento de Educação, algumas considerações sobre a situação vivida pelos trabalhadores temporários de nossa agricultura.

A AGRICULTURA NO BRASIL

Nos últimos vinte ou trinta anos a agricultura no Brasil vem passando por profundas modificações. Sem pensarmos somente em nossa região, mas em todo o país, podemos afirmar o seguinte:

1. Cada vez é maior o uso de máquinas, implementos, adubos, inseticidas, herbicidas e calcário. Isto significa dizer que cada vez mais dinheiro é necessário, para acontecer a produção. Este dinheiro é fornecido pelo crédito rural onde o Banco do Brasil é o principal agente. Vejam que esta "modernização" da agricultura se dá ao mesmo tempo em que são criadas em nosso país muitas indústrias de tratores, automotrizas, implementos e insumos. Os donos destas indústrias são as grandes empresas multinacionais.

2. Com este "desenvolvimento" na produção agrícola, mudou também a situação

da mão-de-obra. Os donos das terras, das empresas agrícolas, passaram a contratar o trabalho de outras pessoas. Com isto começou a existir mais um tipo de trabalhador, além daquele tipo de trabalhador, membro da própria família.

Nós sabemos que existe aquele empregado mais ou menos fixo. Porém, além deste, surgiu um trabalhador só para as épocas de plantio, capina e colheita, um trabalhador temporário. Este elemento contratado por preço barato, sem despesas com Previdência Social, sem 13º salário, sem férias remuneradas, recebe nomes diferentes, conforme a região ou estado do Brasil a que pertença:

Boia-fria no Paraná e São Paulo, pau-de-arara em algumas partes de São Paulo, clandestino na zona da cana em Pernambuco, volante, biscateiro, em vários outros lugares.

Os locais de residência destes trabalhadores temporários são as periferias (bairros) das cidades, as vilas e os povoados. Em pontos determinados eles são apanhados por um caminhão que os leva até o local de trabalho. Nos diversos lugares do Brasil, este camioneiro serve de intermediário entre o empresário e os volantes, recebendo para isto uma comissão. Este intermediário recebe o nome de "gato", "turmeiro" ou "empreiteiro". A comissão nem sempre é do conhecimento dos contratados.

Estas são algumas das alterações acontecidas na agricultura brasileira. É claro que há muitas outras, mas para si-

tuar o leitor a respeito do problema que queremos abordar cremos ser suficiente o que escrevemos.

AGRICULTURA NA NOSSA REGIÃO

Todos estes acontecimentos ocorridos com a agricultura no Brasil, também aconteceram em nossa região. A questão da mão-de-obra é que se diferencia em alguns aspectos.

O fato de vivermos numa região de pequenas e médias propriedades, diminui, em parte, a presença de mão-de-obra assalariada. Ainda é a família, pai, mãe, filhos e, mais alguns agregados que fazem o trabalho agrícola.

No entanto, também por aqui, com a chegada dos tratores, automotrizas, implementos, insumos e, principalmente com o plantio em grande quantidade de trigo e soja, a contratação de mão-de-obra passou a ser uma realidade. Muitas famílias rurais, por não possuírem terras, ou por possuírem pouca terra para desenvolver um trabalho de monocultura, mudaram-se para as cidades. Este tipo de êxodo rural aumentou a população dos bairros pobres das cidades.

As casas de comércio e as indústrias existentes nas cidades de nossa região não conseguem empregar todo este pessoal. No trabalho com a soja e o trigo, por sua vez, é necessário em determinadas épocas (plantio, capina, colheita) uma maior contratação de serviços. Com isto, começamos a assistir também por estas bandas, os caminhões de "turma" saindo bem cedo e voltando ao entardecer. Muitos ex-agricultores ou filhos de ex-agricultores

passam assim, a somar entre os já milhões de boias-frias (ou como quer que os chamemos) existentes por este rico Brasil.

O fato contado nesta história do tio João, escrita por um professor do meio rural, nos dá uma imagem do que seja a vida destes trabalhadores.

O BÓIA-FRIA

Todos da casa do Tio João acordam cedo para irem à carpida. Eram seis horas quando o caminhão buzina: bi bi biii! Eis que um dos peões da granja iniciava o arrebanhamento dos carpidores, nos arredores da cidade.

Um homem gritava para sua mulher: — Muiéé! anda, senão tu perde a condução!

Já no caminhão um grupo comentava:

— Acho que temo que trabaiá, para seu Júlio, ele tá pagando Cr\$ 100,00 por dia. É vinte mango mais, né!

— Mais aqui, na granja do Terto, levemo mais vantagem. Ganhemmo armoço e café da tarde.

— Pois é, tem isso!

— Quanto mosquito borrachudo tinha ontem! Será que hoje vai ser ansim?

— É, eles gosta do sanguinho da gente!

Foi um quá, quá, quá... de todo o grupo.

O arrebanhamento continuava. Na carroceria uns conversavam, outros acorados estavam quietinhos aparentando tristeza e cansaço. A rotina repetia-se durante dias e dias: um vai-vem da cidade à granja, da granja à cidade, durante os dias úteis da semana.

TEXTOS DIDÁTICOS

OS IMIGRANTES

Já publicamos em edições anteriores, vários textos didáticos indicados em princípio para as 4^{as} séries, podendo também ser usados pelas demais turmas. Se o amigo professor ainda não colecionou estes textos, aconselhamos a fazê-lo, pois os mesmos podem constituir-se num material didático-escolar de muita utilidade.

Neste número, vamos mais uma vez publicar textos. A imigração européia do século passado é o nosso assunto. Junto aos escritos mais informativos, vai o "Causo do Nono" e a "Canção da Pipa", que nos dão importantes subsídios sobre o tema.

Esperamos que os colegas professores aproveitem de fato este material e nos escrevam, fazendo suas observações, suas críticas.

OS IMIGRANTES — NOSSOS AVÓS

Você já conhece o mapa do Brasil e sabe localizar os estados? Ainda não? Mas então peça para o professor (a) te explicar tudo isto bem direitinho. Você vai ver que o Rio Grande do Sul é um dos estados do nosso país.

Há muitos anos atrás, em todo o Brasil, moravam somente os índios. Índio foi o nome que deram para os primeiros moradores das terras brasileiras.

Os brancos e os negros começaram a chegar no território do Brasil, já fazem quase quatrocentos anos. Vieram primeiro os portugueses e os espanhóis. Os africanos foram trazidos para serem escravos. Mais tarde vieram franceses e holandeses.

Foi porém no século passado que os alemães, italianos e poloneses saíram das suas pátrias na Europa. Instalaram-se em diversos pontos do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul.

Muitos de nós somos de origem alemã, italiana ou polonesa. Os nossos avós ou bisavós foram imigrantes. Emigraram dos seus países para virem morar no sul de sua nova pátria. O Brasil.

Por que vieram os colonos imigrantes?

Quando alguém muda o lugar de sua morada, certamente isto acontece no mínimo por duas razões: uma delas são os fatores que levam a decidir sair do local onde vive; a outra, são as atrações que existem no lugar onde se pretende



Família Rockel, que chegou a Ijuí em 1918. A foto é de 1918 ou 1919



Franciszek e Julia Leonarczyk, pioneiros da colonização em Ijuí



Imigrantes alemães participando de um churrasco em 1928

viver.

Os nossos avós queriam sair da Europa e vir para a América. Lá na Europa, há mais ou menos cento e cinquenta anos atrás, estavam se formando muitas fábricas. As máquinas tinham sido inventadas para fazer o trabalho dos homens. As terras, que eram plantadas por muitas pessoas e todos viviam destas

plantações, não mais ficaram a disposição de todos. Algumas destas pessoas passaram a ser donas das terras. As muitas outras tiveram que ir para as cidades procurar trabalho. Mas nas fábricas das cidades, eram as máquinas que produziam. Pouca gente era necessário. O desemprego era uma realidade assustadora. A miséria, as dificuldades para

conseguir alimentos, casa, roupas, tudo o que se necessita, era muito grande.

Foi aí que chegou por lá a notícia de que havia por aqui, muitas terras férteis, mato, rios, animais. Quem quisesse vir para a América, para o Brasil poderia fazê-lo. Todas as condições seriam dadas, desde ferramentas até dinheiro.

Assim, muitos vieram para cá em busca de melhores dias. Nem tudo o que foi a eles prometido foi dado. Os primeiros a chegar muito sofreram. Mas a sua vontade era grande, e voltar não era mais possível.

A MATA E OS CAMPOS

No Rio Grande do Sul existe uma grande diferença natural entre a sua parte mais ao Norte e a sua parte mais ao Sul. Ao Norte vamos encontrar muitas matas e um terreno mais acidentado. Já mais para o Sul, temos os campos mais planos e sem a existência de mato. É a zona da campanha.

A campanha é muito favorável para a criação de gado. Para lá foram os primeiros europeus que por aqui chegaram. No caso os portugueses e espanhóis.

A chamada zona da mata ainda não havia recebido europeus até a época da vinda dos imigrantes. Ali viviam os Guaranis e Kaingang. Os padres jesuítas andaram por estes lados, mas não chegaram a fazer uma ocupação deste território. Por ali também puseram os pés os que iam levar gado para o centro do país. Mas só passavam, não ficavam. Eram os chamados "caminhos do sul".

Uma das preocupações do governo português era colocar gente nesta região para garantir a posse do território em disputa, principalmente, com os espanhóis. Esta gente teria que produzir o seu sustento e até vender o que sobrasse.

Vieram então os imigrantes. Instalaram-se nesta área. Tiveram que enfrentar todas as dificuldades que a mata lhes apresentava. Talvez fosse melhor ir para a campanha. Mas ali já estavam os que chegaram antes.

CAUSO DO NONO

... Lá na Itália cada um tinha uma rocinha. Qualquer pedaço já era um "terrenon", porque poucos conseguiam ter um pedaço de terra.

Quando falaram que aqui no Brasil tinha "...volta terra e que o

COM LEITURA, UMA VISÃO DIFERENTE

vino corria feito rio, noi vendemo o poco que tinha prá garanti a passage. Má viemo prevenido. A mama enterrô uns galho de parreira numa latinha e trouxe junto. Que viaje! O que encontramos quando chegamo aqui? Era só mato e mato puro. Foi preciso aprende com os caboclos a plantá e colhê. . ."

"... Plantamo a parrera na encosta do cerro, lembrando os parreral lá da Itália. Io era pequenino quando deu o primeiro cacho de uva. O vino no corria como um rio, má mi padre, saudoso di sue festes disse: — Corre, corre, ande bambino, vamo amassar essas uvas"

Com o tronco de uma árvore, "mi padre" fez uma tina onde botavam as uvas. De mãos dadas todos pulavam dentro da tina e no ritmo de canção esmagava-se a uva. Dali saia um suco vermelho, era o forte vinho.

Nas "surpresas", todos bebiam o vinho da nova terra.

(Texto elaborado a partir de informações de Luiz Dapieve — 82 anos — Rosário — Augusto Pestana)

ERA UMA VEZ UMA PIPA BEM CHEIA. . .

*Uma pipa bem cheia da preta
Uma pipa bem cheia da branca
galeto, polenta e bom vinho*

cantiga alegre arranca.

*Nono e Nona vieram
Do outro lado do mar
traziam faceiros consigo
Parreiras para plantar.*

*"Arrivando a l'America
Tante cose per fare
Sapure buono de vino
mai smentegare"*

*Com enxada na encosta do cerro
e um buraco na terra vermelha
madurava em quatro anos
a uva gostosa e parelha.*

. . . QUE FICOU VAZIA

*Uma pipa vazia da preta
Uma pipa vazia da branca
sem galeto, polenta e vinho
cantiga morreu na garganta.
Parreiral da encosta do cerro
papai já mandou cortar
me disse, no ano que vem
parreiral irei roçar.*

*E eu que gosto de uva
e eu que gosto do vinho
porque o trigo e a soja
não deixam pra ela um cantinho.*

Ninguém tira alguma coisa do nada, isto é, ninguém é capaz de escrever, conversar, argumentar sem antes ter tido informações. Essa afirmação encontra eco no nosso pensamento por constituir um dos principais problemas enfrentados em nossos dias de educadores. E quando escrevemos educadores, queremos recordar o que já escrevemos noutra oportunidade. Educador não é só o professor, são os membros da família, os membros da comunidade, enfim são todas aquelas pessoas que cercam o educando.

Mas se ninguém tira alguma coisa do nada como é feita a educação, se quem tem a função de educar, não atualiza seus conhecimentos? Não estamos querendo afirmar com isso que quem não lê, não tenha conhecimentos, o que queremos dizer é que, numa época em que "quem menos corre, voa", ficar somente com as informações que são passadas de pai prá filho, é muito pouco, não oportuniza o entendimento dos fatos que ocorrem a nossa volta.

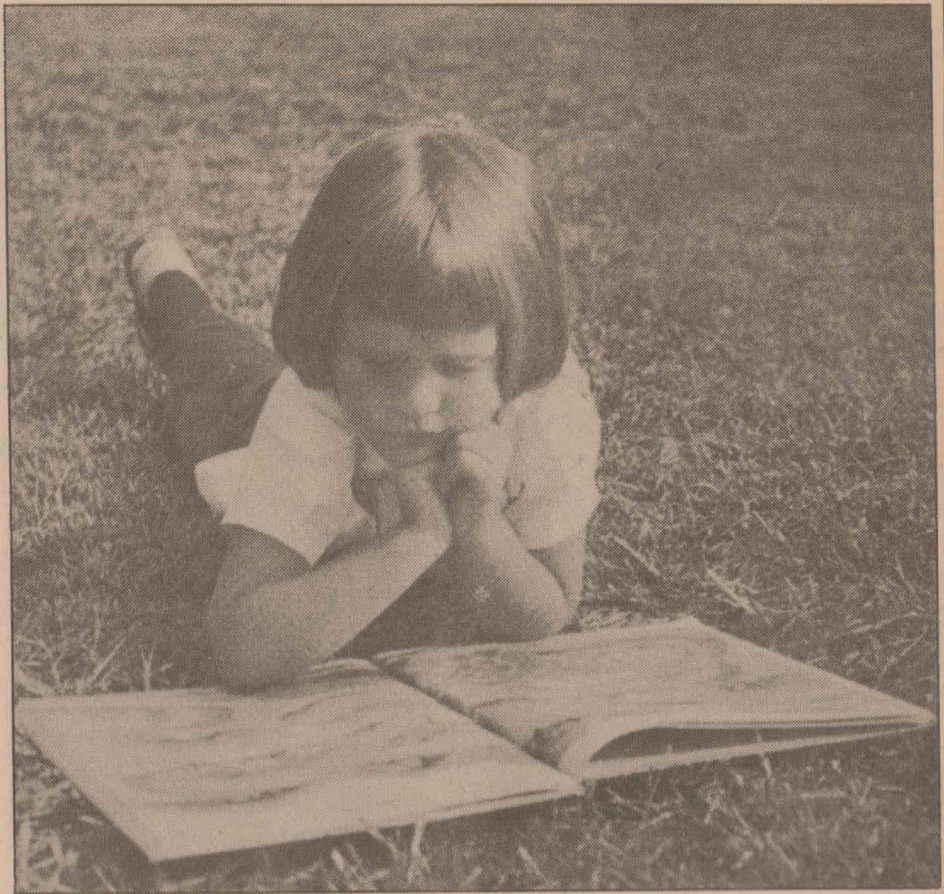
Os leitores devem estar pensando: mas como é que a pessoa fica somente com a informação dos mais velhos que os rodeiam, numa época em que o rádio e a televisão estão em todas as casas?

Acontece que para ouvir rádio e entender — ver televisão e perceber sua finalidade, nós precisamos, antes, de informações, de espírito preparado para concordar, discordar, criticar aquilo que ouvimos e vemos. Aqui entra a leitura. A leitura, quer seja informativa — de jornais, revistas, livros técnicos, quer seja literária, oportuniza ao leitor um contato com o conteúdo e com a forma, ao mesmo tempo. Enquanto estamos vendo as palavras escritas, dentro da língua considerada correta, estamos também tomando contato com outras idéias, diferentes das nossas. Sobre assuntos de nosso conhecimento ou não, nos leva a adquirir condições de analisar o que nos cerca, à luz dum conhecimento bem mais amplo. Entender, então, as coisas que acontecem, se torna mais fácil.

QUANDO COMEÇAR A LER?

Uma palavra bastante usada por aí é **hábito**. Hábito de higiene, hábito de discussão, hábito . . . Quando a criança é pequena os pais vão se preocupando para que esta vá adquirindo **hábitos**. Querem que a criança **habitue**, a pedir prá fazer xixi. Querem que a criança **habitue** a dormir sozinha, sem embalas. Querem que a criança **habitue** cumprimentar as pessoas, querem que **habitue** rezar. Para todos esses hábitos ela é exercitada.

Pois nós usamos essa mesma palavra para dizer que, para a criança aprender a gostar de ler é preciso



que jornais, revistas, livrinhos lhes sejam familiares, isto é, que o manuseio destes faça parte dos seus hábitos. Mas se a criança não perceber desde pequena o interesse das pessoas pela leitura, lendo e incentivando, ela terá mais dificuldade de se interessar, pois fica difícil para os professores assumirem sozinhos uma responsabilidade que pode e deve ser dividida.

A estas alturas, o leitor deve estar se perguntando:

Como posso levar a despertar, incentivar o gosto pela leitura se a criança (filho, irmão, sobrinho, neto) com quem eu lido, não sabe ler?

Acontece que se a criança, desde pequenina, associar aos livros, situações agradáveis, ela não vai encarar a leitura como obrigação. Essas experiências agradáveis podem acontecer através dos atos de colorir figuras que os livros trazem, fazer desenhos nos espaços próprios, ouvir histórias que o adulto lê, de preferência junto a ela. Assim, quando a criança for alfabetizada já estará ansiosa para ler o que está escrito nos livros, não sendo isto encarado como obrigação, mas como prazer.

Também se as pessoas da família citarem, como fonte de suas conversas, algum jornal, alguma revista, algum livro, a criança, observadora como é, notará que essas coisas têm valor.

Se assim agirmos, certamente daqui a algum tempo teremos diminuído o número de adultos passivos, dizendo "sim" prá tudo o que ouvem e vêm, sem participação, sem questionamentos. Teremos diminuído o número de adultos sentados diante dum aparelho de TV,

tendo esta como a única informação, 24 horas por dia. Teremos diminuído o nº de adultos que vêm filmes de super-tudo, e vibram com isso. Certamente será menor o número de pessoas que assistirão todas as novelas, religiosamente, prestando atenção à enredos que visam desviar a atenção enquanto perdem a oportunidade de discutirem o que realmente lhes diz respeito.

Pode parecer que declaramos guerra contra a televisão. Não é bem assim. Mas há de concordar conosco que renunciar a um programa de televisão para, nesse tempo, ler coisas é sacrifício grande para um vivente que não tem esse hábito.

VOLTA AS AULAS

Todos os anos, nesta época, são grandes os preparativos de alunos e professores tendo em vista a volta às aulas.

O nosso suplemento de Educação não poderia ficar alheio a este fato. Por isso, dedicamos a maior parte desta edição para este assunto.

Assim sendo, o Leonardo provoca os colegas para refletirem sobre Ser Professor, por quê? E acrescenta um outro artigo para reafirmar que o Planejamento é uma tarefa do professor. Também, contribuindo com os colegas em seu trabalho, escrevemos mais alguns textos didáticos. Desta vez o tema é a Imigração no RGS.

A Noili, preocupada com o pouco tempo que as pessoas dedicam para ler, escreveu — Com Leitura, uma visão diferente.

Por fim, a partir do nosso entendimento de que toda a vida das pessoas se relaciona com educação, o Leonardo abordou a questão da mão-de-obra na agricultura, através do Bóia-Fria dos Pampas.

PLANEJAMENTO:

UMA TAREFA DO PROFESSOR

"Uma ação planejada é uma ação não improvisada; uma ação improvisada é uma ação não planejada" (Francisco W. Ferreira).

Esta afirmação nos dá uma idéia do que seja planejar. Ela nos diz que fazer planos, é, não realizar coisas de improviso, é prever com antecedência o que será executado. Isto nos leva a uma conclusão óbvia. O planejamento vem antes da ação. Se vem antes da ação, ele deve servir para organizar esta ação. Se não tiver esta utilidade, então não é planejamento ou pelo menos não podemos chamá-lo assim. Há também a considerar o aspecto de que nem tudo o que é planejado tenha que ser executado a risca. Um plano é sempre um plano e pode ser alterado conforme as circunstâncias.

Após estas considerações iniciais, vamos ao tema central deste nosso artigo: O planejamento do trabalho escolar. Cabe ao professor, como elemento que comanda o processo ensino-aprendizagem, a tarefa de planejar este processo. O professor deve ser o elemento que organiza o estudo, seleciona o que e como vai ser estudado. O aluno é a parte que deve apreender o conteúdo a ser transmitido pela escola. Este é pelo menos o esquema escolar objetivamente colocado.

Vamos agora imaginar uma situação ou talvez, vamos nos envolver com o que ocorre no dia a dia escolar. Vamos limitar este dia-a-dia para uma situação de escolas pequenas ou médias das sedes municipais ou dos distritos e vilas. Os professores que



ai trabalham necessitam desenvolver suas aulas. Recebem alguma orientação ou, em muitos casos, fórmulas prontas do que executar. Recebe-se previamente os conteúdos a serem transmitidos, com esquemas também pré estabelecidos de como deve ser executada esta tarefa. Não queremos aqui descartar, sem um conhecimento de cada situação, a validade e até mesmo a necessidade dos trabalhos desenvolvidos por equipes de secretarias municipais e estaduais de ensino. (O que queremos afirmar, o ponto fundamental, é que a organização da atividade ensino-aprendizagem deve ser feita por, ou no mínimo com a participação de quem vai executá-

lo, o professor). E o professor deve ser o sujeito desse processo.

Qual é a situação real de nossa escola interiorana? O professor não se sente capacitado, muitas vezes, a atender as exigências dos planos que lhe são solicitados. Ou então, envolve-se em demasia com aspectos burocráticos, com esqueminhas, com formulários, e estes nada têm a ver com o seu trabalho concreto. Preocupa-se com os detalhes e não chega ao que é fundamental.

E o que é o fundamental? O fundamental é o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais das crianças, dan-

do a elas os espaços e as condições necessárias para que isto ocorra. O professor deve portanto, em primeiro lugar, conhecer os alunos, os seus conhecimentos, as suas experiências de vida, as suas condições sócio-econômicas, as suas aspirações reais. No caso de professores rurais estes aspectos são fáceis de serem percebidos. Também é necessário que o professor tenha conhecimento da realidade social, política e econômica do seu município, estado e país. Que ele também tenha conhecimento dos conteúdos de Ciências Naturais, de Estudos Sociais e de Língua Portuguesa. Tendo todos estes conhecimentos — dos alunos e dos conteúdos — é que o professor terá condições de saber o que deve ser feito em suas aulas, que atividades e que conteúdos serão de mais proveito para as crianças e para as famílias destas crianças.

Quanto a maneira de como planejar, existem várias, mas isto não é o mais importante. Cada um pode criar os seus próprios esquemas de planos de curso, planos de unidade e planos de aula. O que mais importa realmente é o que, como e porque vão ser desenvolvidas determinadas atividades e conteúdos. Para isto é prioritário que o mestre tenha os subsídios que apresentamos acima e, principalmente, que tenha um posicionamento coerente com a sua consciência frente a realidade em que vive. Com isto, o professor torna-se o sujeito de sua ação e não um mero executor de receitas prontas.

SER PROFESSOR POR QUE?

Estamos iniciando um novo ano letivo. Março de 1981. Daqui a vinte anos chegaremos ao final de um século no qual a humanidade toda sentiu profundas modificações. Neste século, toda a experiência de vida e todos os conhecimentos acumulados pelo homem ao longo de sua história, foi revivido, foi questionado, foi marcado pelo progresso tecnológico que conseguimos atingir. O mundo hoje funciona a partir de máquinas, das mais modernas, as grandes cidades possuem uma dinâmica dantes nunca vista, as mais avançadas inovações atingem também os mais distantes sertões do mundo. Através dos meios de comunicação, principalmente do rádio e da televisão, fica-se sabendo de quase tudo o que acontece ou é inventado. E quem não se atualiza, fica para trás. Enfim, estamos vivendo num mundo do "quem menos corre voa".

É neste mundo, que estamos novamente vendo a nossa frente, quinze, vinte, trinta ou mais pessoas em busca de conhecimentos que lhes capacitam a viver ou sobreviver. Talvez as colocações que acabamos de fazer sobre o mundo, nos pareçam um pouco distante da realidade destas crianças ou das comunidades onde situam-se as nossas escolas. No entanto, se pensarmos um pouco, veremos que não. O uso de tratores, caminhões, camionetes, automotrizas, produtos químicos, enfim, a modernização da lavoura e da pecuária. Os refrigerantes que tomamos, as roupas

que usamos, o sabonete e a pasta de dentes que consumimos, são mais algumas das inovações que se incorporam em nossas vidas e se relacionam diretamente à luta de todos pela vida, ou pela sobrevivência.

Assim sendo, no momento em que nos é colocada a responsabilidade de influir nos destinos de seres humanos, não tem limites o significado do que vamos fazer. Nós temos que fazê-lo compreender o jogo da vida, nós temos que abrir os seus olhos para o mundo, ensiná-los onde fica, pelo menos, a "ponta do nariz". O que acontece porém, é que muitas vezes não assumimos esta responsabilidade. Se-

ja por ignorância de nossa parte, ou o que é pior, por falta de consciência, de interesse e de coragem. Ficamos então transmitindo-lhes alguns conteúdos sem ao menos refletir sobre o que de fato significam tais conteúdos. E além disso, tomamos atitudes, muitas vezes até repressivas, que atingem profundamente a formação da personalidade das crianças além de não pensarmos sobre as suas influências.

Diante destas colocações todas, podemos perceber a importância e a necessidade do professor definir-se, posicionar-se frente a vida, aos problemas do mundo, ser um elemento que saiba "o lugar do seu nariz" para poder ajudar os seus alunos a também descobrirem os rumos da vida.

Vejam que ser professor não é o mesmo que ser açougueiro ou qualquer outra profissão. A comparação aqui feita não tem a finalidade do valor maior ou menor para uma ou outra profissão. Apenas queremos destacar a singularidade do trabalho escolar, onde a matéria-prima em transformação são pessoas, e mais do que isto, são as mentes destas pessoas, são as personalidades destas pessoas.

Por isso tudo, devemos, nós professores, exigir condições de trabalho, desde as condições materiais (salários, escolas em condições, etc) até a necessária liberdade para agir de acordo com a realidade dos nossos alunos e a honestidade das nossas consciências. Por outro lado, também nós, na medida em que exigimos direitos, devemos saber das nossas obrigações. Devemos agir sempre na busca de novos conhecimentos, devemos sempre refletir a nossa ação com a lealdade e dedicação de quem quer o melhor, mesmo sabendo dos limites do que sabemos.

Para encerrar, afirmamos que, a partir do momento em que cada professor encarar a sua profissão como um profissional de fato, deve fazê-lo vendo nos seus alunos homens iguais, respeitando os seus conhecimentos e atitudes, podendo assim junto com eles, desenvolver um trabalho educativo. Se isso for feito, temos a certeza de que, meio caminho estará andado para termos a escola que imaginamos e o mundo que realmente queremos.

